"Jornal do Ceará"
1098
6 - Outubro - 1905

Xaropes

As mil e uma noites,— esse repositorio de lindos contos arabes, onde rutilam as pedrarias, as riquezas fabulosas do Oriente, do magnifico Oriente que Lamartine divinizou e Theophilo Gautier descreveu, onde entre nuvens de perfumes de Cachgar, queimados nos braseiros de oiro do mais fino lavor, cinzelados nas officinas de Ormuz, entre irradiações offuscantes dos diamantes de Mysora, dos rubis de Teheram, dos Topasios de Hayderabad, entre os turbantes alvos dos eunuchos negros do Alto-Nilo com braceletes de coral da Polynesia e alfanges nús das cutelarias de Damasco entre vasos de Samarkand e porcelanas do Cathayo e sêdas do Cipango, a bella e meiga Scherarazda conta a Schariar, feroz e scismador, a historia de Codadad e de seus irmãos, emquanto Dinazarda espreita si a aurora tinge de purpura a lividez do horizonte; **As mil e uma noites** têm contos de vasta e profunda moralidade, de fecundo e solido engenho, de sarcastica e ironica inspiração.

Contam ellas que havia uma montanha encantada, em distante paiz, a qual tinha no seu cimo, guardados por um feiticeiro poderoso, tres objectos de immenso valor. Eram elles: uma arvore melodiosa, uma agua côr de oiro, que se erguia, incessantemente, em alto repuxo, e um passaro que fallava tão bem como um ente humano.

Milhares de guerreiros, kurdos e armenios, chinezes e circassianos, egypcios e hindús, persas e belutches, vieram de suas longinquas patrias em busca dos tres decantados objectos, uns para satisfazer o capricho, de exigentes amantes, outros por ordens de reis poderosos e outros por sua propria e desmedida ambição.

Mas, quando subiam a escarpa da serra, gritavam-lhe, aos lados e pelas costas, vozes terriveis, os maiores baldões, os mais soezes insultos, os mais insistentes desafios para que se voltassem e dessem combate, para que não fugissem assim covardemente.

Que Allah se amercie dos que voltaram a cabeça!

O feiticeiro transformou-os em pedras.

Pois bem, o João do Norte é como esses cavalleiros, que subiam a montanha, com uma differença, porém: por mais baixos que sejam os apodos, por mais sujas que sejam as diatribes, por mais grotescos que sejam os desafios, elle nunca se voltará, nunca dará a esmola dum olhar ás vezes que lhe latirem aos flancos; continuará seu caminho impassivel como Eurico atravessando a ponte do Sallia com Hermengarda nos braços.

O João do Norte nunca descompoz; o João do Norte não descompõe: pilhe ía, ri, chalaceia e, nas horas vagas, para divertimento seu, dá lições de historia aos necessitados.

Accimaram-no de plagiario, em linguagem até cordata, e elle, em cordata linguagem, desafiou que provassem. As provas ficaram no tinteiro.

Disseram que elle imitou o João do Rio. E' verdade.

Elle não nega isso: imitou-o do mesmo modo que o fluminense imitou o chronista da velha Lutecia—Jean de Paris.

Que vergonha ha nisso?

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL
BIBLIOTECA
Nº Registro 790/2005 | 63800 | Origem D
GB AUTORIA RECORTES 3

MFN 913

O phenomeno artistico, um dos componentes da classe dos socios-psychicos, nas modernas theorias sociologicas, é regido pela lei da Imitação, a qual foi apresentada por Tarde, como sendo a lei geral que regia os phenomenos do mundo superorg nico.

A arte é a imitação.

Imitar não é plagiar.

O João do Norte imitou o João do Rio e este imitou o Jean de Paris; mas o João não plagiou o tal dono das anecdotas dos palcos — o Pimentel.

A' saciedade isto está provado.

Quem o contrario disser que confronte em publico as historias do Zè Gallinha com a do Casusa.

Res non verba.

O que não precisa é meia legua de nomes de plagiadores e de protestadores (entre aspas), isso é o que não é preciso.

Falar sobre historia, está cançado de martellar, è philosophar sobre os factos e não citar nomes.

Quando o João quizer citar nomes vae ao almanaque e zás! lá vai o estirão...

Agora o que elle nunca disse foi que Bilac plagiou Daudet. Disse que talvez o poeta houvesse encontrado a idéa do soneto em Gautier; quanto a R. Corrêa nem lhe falou no nome.

Bilac leu Gautier, pois que assignou muito tempo — Fortunio, nome de uma novella do primeiro.

Quem faz isso, porém, è a mania de ser promovido pelo Zé Rossas.

O João caminhará na róta traçada como os cavalheiros do Oriente, na montanha do feiticeiro, e nunca, e jamais, e em tempo algum se voltará para escutar a vozeria das bôcas inconscientes; mas quando lhe falarem em cordata linguagem, elle responderá em linguagem cordata.

Seguirá o conselho que lhe deu um seu particular amigo e adversario politico: no charco das injurias o João do Norte cederá a palma da victoria a qualquer.

O João do Norte tem medo de ser transformado em pedra.

JOÃO DO NORTE

8-Outubro-1905

NUM. 1099

Xaropes

Na entrada da povoação o saltimbanco, um velho alto, ossudo, tostado, barba rala, trepado no dorso dum jumento, com cassuás, estrugia esganiçado:

—Tenho remedio p'ra tudo! p'ra mordedura de cobra, p'ra espinhéla cahida, p'ra bicheira de gado; tenho mêzinhas p'ra tudo!

Desencafifo roçados, tiro scisma de burro, boto marcha em cavallo. Capo de faca e de volta; rezo p'ra dôr de dente; curo de tiro e de faca.

E tilintavam seis ou oito francos, que estavam nos cassuás, e envolta com cascaveis de

cobra, couros de raposa e do maracajá, pontas de capoeiro, pedras de corisco, bentos com orações, palhas bentas e quejandas feitiçarias. Em torno, a multidão de roceiros, que vinham á feira de domingo, escutava, embasbacada. De quando em vez um appropinquava-se e comprava alguma cousa, ou consultava o escalavrado histrião.

Pela estrada chegava o Manoel Marinheiro, que plantava os seus feijões lá p'ra o Mocó, junto do Xico Evangelista, tangendo o burro Macaco, com os cassuás pejados de bananas e molhos de feijão verde.

O Manoel viera de Tras-os-montes, da « santa terrinha » havia uns três annos, e alugára o sitio da Joanna Quiteria, no Mocó.

Chamavam-no o Manoel Marinheiro; e, apezar de burro como uma pedra, a custa de mourejar, já possuia alguma cousa.

Não sei que diabo déra no burro Macaco, um dos melhores da redondêza, burro de duzentos mil réis, que n'aquella manhã de domingo começara a empacar, a acuar por dá cá aquella palha.

Do sitio, que distava meia legua, para a povoação, empacara seis vezes.

O Manoel vinha furioso.

Além de chegar tarde ao mercado, estava com o braço doente de chicotear o teimoso bicho.

Vinha, como se diz, comendo bronze.

Ao passar junto ao grupo dos roceiros, que cercavam o pelotiqueiro, ouviu-o bradar:

—Tenho mêzinhas p'ra tudo!

O Manoel largou a arreiata do manhoso animal e, approximando-se, gritou:

—Si vossê tem remedio p'ra tudo, sen diavo, dê-me ahi um p'ra meu vurro caminhari!

O saltimbanco nisto desmontou do jumento, com um frasco cheio dum liquido vermelho numa das mãos, e falou:

—Tenho sim, porém só applico recebendo os cobres adiantados.

O Marinheiro sacou da algibeira um nickel de cruzado e pagou.

Então o pelotiqueiro chegou-se ao asno, levantou-lhe o rabo e com um pincel passou-lhe aquelle liquido vermelho, que era uma *jiquitaia* terrivel, um môlho de pimenta fortissimo.

O burro escouceou, zurrando; e atirando aos galões, a torto e a direito, as bananas e os molhos de feijão verde, disparou como uma bala, estrada em fóra, rumando para a lagôa, que demorava perto.

O portuguez ao ver o animal partir daquelle modo im-

1100
11-Outubro-1909

Cinema Rio Branco

Tem realizado suas sessões sempre com muita concorrencia, prova da estima e sympathia em que devidamente é tido.

Os programmas têm sido os melhores possiveis, e muito têm agradado.

A emocionante fita «A mão negra» tem levado ao cinema grande numero de espectadores.

Do programa de hoje recommendamos "Vidocq".

Pergunta innocente

Seu Targino vossê tomou muita cerveja hoje?

Hen, creatura?

Consulado da China.

Acta nº. 1 da Sessão Extraordinaria realisada em 3 de Julho de 1909.

Presidencia do Snr"

Drº José Lopes de Aguiar

Aos 3 de julho de mil novecentos e nove, no palão "Bonaparte" do Consulado da China, presentes os Snrs abaixo assignados, foi aberta a sessão e dada a palavra ao Snr" Mandarim-Consul - Gustavo Barroso para dissertar sobre Pero Coelho e a exploração do Ceará.

O orador tomando a palavra discorreu brilhantemente sobre a situação politica da Europa na epocha em que se deu a exploração do Ceará e em seguida sobre a etymologia da palavra Ceará citando varias opiniões de historiographos, fallando tambem sobre Pero Coelho e a comitiva que o acompanhou na expedição exploradora, das luctas que estes tiveram que travar contra os selvagens e francezes.

Em seguida fallou sobre a volta da ex-
pedição e sobre Martim Soares.
Em seguida o Sr presidente fallou fazen-
do votos pª o orador encontrasse se-
guidores na obras bellissima de ins-
truir por meio de conferencias e pedio
aos Srs presentes pª assignarem a acta.
Eu, Eucliydes Aguiar secretº do consulado
a escrevi. José Lopes de Araujo
Rubens Nelson Nunes
~~Consul da Turkestan Russo.~~
Caeiro Ribeiro
~~Consul Afghanistan~~
Luiz Cesar de Carvalho
~~Consul de Madagascar~~
T. d' Alencar Mo
Sylla Ribeiro
José Lobo Siqueira
Pedro Arthur de Vasconcellos
José Costa Azevedo.
Rogerio Vasconcellos.
Avellar Rocha
Francisco Alves Nogueira

[illegible]
[illegible]
Fran.co Gondim Filho
José Pacanha de Sá F.o
Cyrillino Fernandes Pimenta
José Gil Amora
Luiz de Castro
Josias Goyanna.
Eurico Pinto Pereira.
[illegible]
Antonio Banhos Lobeira
Francisco Evangelista.
Freitas Guimarães
Raymundo Brandão [illegible]
Gustavo Barroso
"Fon-Fon!" Rio 21-1-1911 Mandarim - [illegible]

SILHOUETTES. — *3. Les conducteurs de véhicules.*

Á Mr. le docteur Eurico Cruz.

Porteur de chaise 1780 — Postillon 1812 — Cocher 1911 — Daumont 1911 — Chauffeur 1911 — Charetier 1911 (Rio) — Conducteur L & P 1911 — *Aeroplaniste* 19...

"Jornal do Ceará"
1100
11-Outubro-1909

Em homenagem

Hoje que o *preclaro esculista* faz annos, em homenagem á auspiciosa data, transcrevemos um soneto que lhe offertou um dos seus engrossadores,—poeta--doutor—telegraphista, ha poucos annos a'raz

O soneto dá a medida do offertante e do homenageado.

Faz annos hoje o nosso velho amigo
—Velho na idade, porém não no juizo
Pois quem faz de uma terra um paraizo
Não envelhece nem como castigo.

E' um modo de dizer, porque commigo
Só chamo —*o velho accioly*—e concretiso
Nelle o *ashaverus* que com zelo e sizo,
Estende o braço ao pobre e ao inimigo.

Os despeitados—miseravel gente!—
Mordem-lhe o calcanhar traiçoeiramente
Depois de nelle ter achado abrigo...

Emerito patriota,—honra da prole,—
Proponho um viva ativo ao velho accioly
—O nosso chefe e venerando amigo.

Solfanello.

1102
15-Outubro-1909

Conferencia

Amanhã, ás 8 horas da noite, fará num dos salões da distincta «Phenix Caixeiral» uma conferencia, sob a descoberta da America, o nosso companheiro de redacção Gustavo Dot Barroso.

Pergunta innocente

Seu Targino, porque vossê *lançou* no dia 11 *a carga ao mar* na sargêta do «Java»?

Vas ê vae beber de mais, 'stá hi!

Consulado da China

Acta Nº 2. Sessão extraordinaria realisada em 7 de Agosto de 1909.

Presidente: Gustavo Barroso, Consul alias Cyrillino Pimenta. Consul do Japão.

As 7½ horas da noite, no salão Bonaparte do Consulado da China, em Fortaleza, Capital do Ceara, presentes os Srs. abaixo assignados, foi dado a palavra ao Orador official Francisco Guimarães, o qual subindo a tribuna fez uma brilhantissima prelecção sobre a Cozificação das sciencias segundo o methodo positivo fundado pelo grande reformador Augusto Comte.

Ao terminar foi o orador applaudido pelo selecto auditorio.

Nada mais havendo a mencionar quem mais uzar da palavra foi encerrada a sessão da qual para constar lavrei a presente em que me assigno

Cosme

com o Sr presidente e mais
pessoas presentes.
Gyrlino Pimenta (Consul do Japão)
Euclydes Ayres
Pedro Arthur (Embaixador da Crimea)
Aniceto Maia
Aloisio Alves Araujo
Octavio Bomfim (consul da Hottentoccia)
Leonardo Filho
João Barros Cavalcanti
A Costa
C. Domingues.

Pat-chou-ty-Karlinkô
Antonio Menezes
Andre Lino Pereira
Luiz Marinho
e Matta
Lourenço Sadeia
[illegible] [illegible]
Epaminondas Cavalcante
Raymundo Brandão
Geraldo Bivona

Francisco Evangelista d'Oliveira
Luiz Ernesto d'Andrade
a Espertos d'[illegible] 100 [illegible]
José Maria da Conceição
Pokulok · Kanjoura (Soares Bulcão)
Hyano kalik (Americo Facó)
Antonio Banhos Sobreira
Gustavo Barroso

"Fon-Fon!" Rio, 17 dezembro, 1910

SILHOUETES. — 1. *La coupe des femmes pendant deux siècles*

À Mr. l'arbitre Figueiredô Pimentel

1102
15-Outubro-1904

Xaropes

Cook e Peary, dois rudes marinheiros, cujas faces o furacão crestou e a canicula bronzeou e cujas madeixas a borrasca encaneceu, se disputam a gloria de haver chegado ao polo norte, á achatada extremidade da terra.

O homem tem sêde de saber : quer ver, quer contemplar tudo aquillo que as suas sensações possiveis de sensações lhe permittem advinhar.

Além disso, as necessidades da «concorrencia vital» atiram ao rosto dos continentes desconhecidos os povos cujos habitats não proporcionam meios bastantes de resistencia ao meio envolvente.

O homem não teme as barreiras, não trepida ante os obstaculos : desvenda todos os mysterios e palpa, para conhecel a, a superficie desse globo que o arrasta pela vastidão do infinito; e todos os mysterios entrevistos elle quer desvendar.

Com a mathematica e com o telescopio descobre as marchas dos planetas e calcula-as ; nas retortas do laboratorio estuda a composição intima dos corpos como já lhes ha estudado os phenomenos exteriores com a physica ; na ponta do escapello mostra o mais recondito musculo das estructuras biologicas e, com os raios X surprehende as funcções physiologicas ; vai ao centro da Africa, ao cume do Dwalaghiri, aos desertos da Australia, aos gêlos hyperboreos ; perfura o sólo classificando as superposições geologicas ; devassa o fundo dos mares, corta o espaço com o dirigivel ; liga e separa continentes : faz tudo, tudo premedita e tudo executa na faina constante e terrivel que é a Vida.

De ha muitos annos a esta parte centenas de navegadores têm ido morrer de escorbuto e privações nos gelos polares,—em busca da gloria, por amor á sciencia ou por outras ambições.

A uns succedem outros, e cada qual é o mais habil, o mais resistente e o mais preparado.

E as descobertas se vão fazendo parcialmente ; e os erros se vão rectificando com vagar.

Todas as conquistas do homem são resultados da collaboração collectiva, da coactividade,—a lei forte e potente que produz todas as actividades sociaes.

Pithéas foi o primeiro que á Europa trouxe a noticia de haver avistado os gelos do polo. Depois, lá para aquelles lados, foram os normandos de Erik o Vermelho em busca de guarida ; os monges islandêses chamados Papiis pelo fervor religioso ; os venezianos Zeni pelo acaso dos ventos ; Heemskerke e Barentz procurando o commercio do norte da Russia.

Antonio Zeno fez um manuscripto — *Arredores da região desconhecida*.

Depois surgiram os audazes marinheiros da epoca contemporanea : Willoughby, Chanceller, Franklin, os dois Ross, *Bellot*, Mac-Clintock Kellet, Mac Clure, Parry, Davis e muitos outros.

Cada nome desses é um passo para o norte, é uma conquista geographica ou metereologica, mas, tambem, é um navio despedaçado pelos gêlos, é um martyrologio, é o agonizar duma tripulação

Morrem uns ; outros apparecem e vão ; e vão na eterna vertigem do desconhecido, semeando com as ossadas as neves hyperboreas, deixando os

esqueletos espalhados na vastidão dos *ice fields*.

Contra tudo têm que luctar.

Atacam-nos os ursos, farejaros a miseria, faltam-lhes viveres, acaba se-lhes o carvão, persegue-os a ophtalmia por olharem sempre o branco, dizima os o escorbuto, e o desmoronamento dum *Ice-berg* ou dum *Hammock* soterra-os para todo o sempre.

Seis mezes a noite estende o seu manto negro raramente illuminado pelas auroras boreaes, e o thermometro desce sempre, eternamente desce.

Impellidos pela vertigem do desconhecido elles partem alegres, confiantes em buaca do polo: e o polo parece rir-se no seu leito de neves eternas da cegueira dos homens...

Vão, martyrisam-se: e as ossadas lá ficam na planicie vasta —como as testemunhas silenciosas dos emprehendimentos do homem !

João do Norte.

Conferencia

Terça-feira, confórme fôra noticiado, realizou no salão de honra da «Phenix Caixeiral», a convite da benemerita associação, uma bellissima conferencia subordinada ao thema—descobrimento da America, o nosso talentoso companheiro Gustavo Dodt Barroso.

A sessão foi aberta pelo distincto moço, nosso prezado amigo, Pery Cruz que convidou ao nosso eminente amigo dr. Moreira da Rocha a presidi-la.

Este, em feliz allocução agradeceu a distincção, dando em seguida a palavra ao conferencista.

* * *

O talentoso conferencista começou mostrando que a historia tem suas leis: «fazer historia não é copiar os livros didacticos» e «sem philosophia não ha historia».

Discorreu brilhantemente sobre o descobrimento do Novo Mundo, que se effectuou no dia 12 de outubro de 1492, pelo navegante genovês, Christovam Colombo.

E' um dos grandes feitos da Renascença.

Com criterio narrou a travessia das três caravellas de Colombo até o momento em que o gageiro da que velejava na vanguarda, exclamou :

—Terra ! Terra pela prôa !

Fis que Colombo havia descoberto o Novo Continente.

Em synthese, descreveu a vida de Colombo, como elle se illustrara em viagens pelo Tyrrheno, ilhas do Cabo Verde e baixios de Zuyderzée Adriatico, Islandia e em Lisbôa, onde fabricara mappas e globos terraqueos. O orador desteceu a corôa do martyrio que cingiu a fronte do glorioso navegante. Mostrou as vicissitudes de sua vida, a phase pouco intervellada de seus soffrimentos, como quase

sempre acontece com a vida dos heroes, dos sabios e dos grandes genios da humanidade.

Passou a discutir sobre as opiniões que attribuem a este ou áquelle o descobrimento da America.

Entrando a apreciar os factos debaixo de um ponto de vista philosophico, diz o conferencista que de todos esses acontecimentos se deprehende que os grandes factos sociaes são produzidos pela colloboração collectiva e não preparados, e não produzidos pelo esforço e pela vontade de um só homem e, que «o culto que tende a individualizar tudo é sobrevivencia do velho prejuizo fetchista.»

Assim, o alphabeto não foi inventado por Cadmo; o inventor das applicações do fogo não foi Prometheu, assim como Gutenberg, Flavio Geoja d'Amalfi e Schavertz não foram os inventores da arte de imprimir, da bussola e da polvora.

A todos esses factos liga a historia o nome de um inventor, mas diz o conferencista, «que são productos da collectividade, em razão duma lei constante que não conhecemos».

« O homem é condição e não factor da sociedade», cita essa phrase de illustrado mestre.

Continúa o orador:

« Assim o descobrimento da America, do caminho das Indias, etc, foram produzidos pela expansão dos povos latinos do Occidente, como as colonias do Mediterraneo foram productos das expansões phenicias, como as civilizações grega e romana foram resultados das grandes emigrações dos anjous, desse povo que partiu em multiplas direcções, do centro da Asia, e foi fundar as grandes civilizações que tiveram por culto —uma, a grandeza monstruosa dos pagodes, outra a estatura granitica das pyramides, outra a arte simples, pura, perfeita, e outra ainda, a majestade do direito, que ainda alumia os povos modernos».

Em virtude da exiguidade do espaço de que dispomos, não nos é possivel citar outros pontos da conferencia que, em verdade, é uma peça que demonstra os largos conhecimentos do autor.

O conferencista, ainda muito jovem, é, entretanto, um espirito culto, dotado de admiravel poder de assimilaçã .

Agradecemos á «Phenix» a fineza do convite que nos enviou.

Cinema Rio Branco

Com o seguinte e esplendido programma regorgitou

hontem, nas duas sessões realizadas, o cinema RIO BRANCO: «Ramalhete de flores» bôa *film* dramatica, sentimental e delicada; «As proezas de Tour», comica; «A Evasão do conde de La Valette, emocionante fita dramatica e historica, uma das melhores que temos visto no genero; «Aventura tempestuosa», comica; e A noiva do pintor», dramatica.

O programma agradou ao extremo, especialmente a fita «Evasão do conde de La Valette.

Cinema J. Pinto

Hontem realizou duas sessões muito concorridas graças ao bem escolhido programma constante de novas e esplendidas *films* dramaticas e comicas.

Domingo haverá novo programma como tambem *matinées* para crianças.

1103

Pergunta innocente

Seu Targino, me diga uma cousa: vosmê anda nas areias? fazendo o que?

18-Outubro-1909

Mais um escandalo

Informam-nos:

Sabbado, pelas onze horas e meia da noite, na rua de S. Cosme, o snr. Pedro Baptista festejava com sua familia o anniversario de uma sua filinha.

Reinava a maior ordem e alegria quando, de subito, surge o tenente da Guarda Civica Gustavo Rodrigues, a cavallo, acompanhado de uma ordenança, tambem a cavallo.

O tenente, apesar de haver visto que a reunião era de familias serias e honestas, embora pobres, pediu que lhe mostrassem a licença do brinquedo, como si aquillo fôsse os congos do Gorgulho.

Respondeu-lhe o dono da casa que para aquella sua festa não precisava licença.

Tornou-lhe bruscamente o official que acabasse a festa senão mandava acaba-la á pata de cavallo, e foi embora.

D'ahi a cinco minutos voltou e obrigou brutalmente o dono da casa a fechar as portas.

Chamamos para o facto a attenção do illustre dr. delegado de policia e do digno commandante da Guarda Civica, esperando que não se reproduzam taes cousas, porque senão dentro em pouco estarão ahi rondantes prohibindo até as partidas do Iracema.

Xaropes

A côrte de Caribé XV, principe de Caracoles, vivia sobresaltada. Os cavalleiros não se arriscavam mais com as suas mesnadas de esvoaçantes balsões a mais de um tiro de bésta das barbacans.

As damas viviam amedrontadas nos mais rec nditos aposentos dos palacios. Os cortezãos não mais iam á caça nem a passeios campestres ; não arredavam pé do solar real, que ficava sempre de portas fechadas, levadiças erguidas, com patrulhas de lasquenetes á passearem de olho vivo nos caminhos de ronda das muralhas.

A cidade estava apavorada : os habitantes fechavam-se nas egrejas, tremulos de pavor : e á noite um vento frio, ululante, tetrico varria as ruas e as avenidas ladeadas de arvores sussurrantes.

Um monstro terrivel appareceêra perto das muralhas, num antro horrendo cavado numa penha secular, sempre sedento de sangue, chacinando os indefesos habitantes dos arrabaldes e das povoações proximas.

Os astrologos da côrte consultaram as estrellas, fizeram artes de nigromancia, de cabala e de alchimia, e vieram ao conhecimento de que só poderia matar o terrivel monstro um homem que, em sua vida, nunca houvesse mentido.

O monstro era mesmo de atemorisar os mais ousados : tinha corpo de leão, pernas de camello, cornos de buffalo cauda de zebra e fauces de tigre.

Cobertos de ferro, com elmos, grevas, coxotes e arnezes, montados em cavallos possantes da Tartaria, armados de montantes, misericordias e estramações, partiram contra elle, plumas ao vento, escudo no braço, lança em riste, após haverem beijado a mão de suas damas, os mais esforçados barões da côrte luzida de Caribé XV, principe do principado de Caracoles.

E todos morreram; e nenhum voltou : os astrologos disseram que todos aquelles esforçados infanções mentiam ; mentiam quando lisongeavam o seu soberano, mentiam quando contavam as homericas façanhas, que haviam praticado em cem batalhas, em cem recontros bem travados.

E o terror grassou mais forte na côrte de Caribé XV.

Os arautos do principe prometteram na praça publica, ao som das trombetas dos passavantes e sob o olhar duro dos reis darmas cobertos de aço, não sei quantos mil maravedis d'oiro a quem exterminasse o hediondo e apocalyptico animal.

Ao seu encontro foram os ricos homens das provincias, os gardingos da cidade e os alcaides dos castellos : e todos morreram, porque todos mentiam, affirmaram os astrologos.

Acabou-se dentro em pouco tempo toda a nobreza do paiz, porque toda a nobreza mentia: o luto pesou sobre todas as casas nobres : e nunca mais flammejaram os gruões dos fidalgos de alta linhagem no eirado das torres alvarrans das ameiadas mansões senhoriaes.

Foram depois contra o monstro os bésteiros de cavallo das hostes reaes os condeis dos peões, os almogavares, os almocadens, os simples homens de soldo e até os villões das bebetrias : e a todos o bicho devorou, porque todos mentiam.

Emfim foram os burguezes da cidade e os camponezes; foram, emfim os astrologos do paço: e a todos o dragão devorou, porque todos mentiam

O principe ficou só, triste e apavorado no palacio silencioso e abandonado, na cidade quase vazia. Passeava desesperado á noite nos vastos e dourados salões, escutando ao longe o ranger das ventoinhas ferrugentas nos eirados das torres e o soluçar das mulheres no fundo dos aposentos retirados A's vezes ia vagar pelas ruas despovoadas.

Num desses passeios encontrou um maltrapilho que se ia enforcar no ramo dum sobreiro; chamou-o e interpellou-o:

—Porque vais te enforcar?

—Porque, respondeu o esfarrapado, estou cançado e arrependido de ser salteador, de ser ladrão.

O principe teve uma inspiração. Pensou, resmungando:

—Este homem não mente, logo póde matar o dragão.

Perguntou lhe:

—E tu roubavas?

—Roubava, sim, tornou o ladrão, roubava e matava nas estradas os bufarinheiros genovezes e os vendedores judeus, e até os proprios filhos d'algo quando podia.

Então o principe propoz-lhe que fosse matar o monstro por avultada recompensa.

O bandido foi e matou facilmente o dragão que tantas vidas roubára. Recebeu a promettida recompensa e foi viver em paz no seu canto

O socego voltou ao principado: novos cortezãos, novos fidalgos e novos astrologos appareceram na côrte: e ao coração do principe tornou a confiança de outr'ora.

Mas, por vezes, o príncipe entristecia ao ouvir uma lisonja bajulatoria, uma narração de homerica façanha. Entristecia ao lembrar-se que morrêra o dragão, que o livrava de tantos embusteiros. Ao mesmo tempo pensava que se ainda elle fosse vivo não lhe restaria no reino mais um habitante e a alegria voltava-lhe ao rosto.

—

Este conto eu li num velho e precioso livro, encadernado nos Elzevires em purpura e oiro, com letras vermelhas como as dos missaes e recendendo o ranço da idade media.

E, ao trancar lhe os fechos de bronze lavrado, não me pude eximir de exclamar um desejo que de mim se apoderou:

—Ah! um dragão desses cá na minha terra!

João do Norte.

Cinemas

Rio Branco. Foi o seguinte o programma de hontem:

«Aventuras duma pipa de vinho», «Obcessão de mãos e pés negros», ambas comicas; «Visita a Bombay», natural, «Caiporismo», e «A mala do Policial, comicas.

As sessões foram muito concorridas.

Quinta-feira será exhibida a esplendida projecção «Semana de Aviação», em que apparece o presidente da republica franceza chamando Falliéres.

Brevemente—O acontecimentos de 22 de setembro ultimo, no Rio de Janeiro.

—

J. Pinto. Sabbado e domingo levou a importante fita «Fausto», que muito agradou.

Todas as sessões foram muito concorridas e escusado será dizermos que o programma foi, como sempre, bem escolhido.

—

Cearense. O cinema que funcciona ao lado da «Maison Arte-Noveau tem exhibido agradaveis fitas, explicando a grande concorrencia que ha tido.

1104
20-Outubro-1909

19 de Outubro

A' uma hora da tarde de hontem teve logar no edificio do Lyceu do Ceará uma sessão solemne, com que a "Classe Estudantal" commemorou o 64.º anniversario da fundação desse estabelecimento de ensino.

A sessão revestiu-se da maior solennidade e a ella compareceram varias autoridades civis e militares, professores, estudantes, academicos e muitas outras pessôas, sendo presidida pelo presidente do Estado,

Tiveram a palavra diversos oradores que foram muito applaudidos.

—

A' noite realisou-se no palacete do « Club Iracema» um animadissimo saráu dançante, ao qual compareceram tudo o que ha de selecto em nosso meio

Iniciaram-se as danças ás nove horas da noite e prolongaram-se sempre animadissimas até as duas e meia da manhã.

O programma das danças foi o seguinte:

1ª valsa—Teus olhos.
1ª Pas de quatre—*19 de Outubro*».
1ª Lanceiros
1ª valsa—Os namorados.
1ª polka—I. Moretti.
2ª Pas de quatre—Olhar faceiro.
4ª valsa—La Geisha.
1ª quadrilha—O Barão dos ciganos
5ª valsa—Polonone.
6ª valsa—Les Patineurs.
3ª Pas de quatre—Victoria do Amor.
7ª valsa—Revivons l'amour
3 Lanceiros.
8ª valsa—Amourense.
2ª polka—Suspiros d'alma.
9ª valsa—Tout-Paris.
4º Pas de quatre—Ondas de beijos.
10ª valsa—Les femmes de feu.
11ª valsa—A toi.
12ª valsa—Toujours ou jamais.

O serviço de «buffet» muito agradou, esteve o melhor possivel.

A' meia noite foram servidas as commissões das sociedades convidadas, sendo, por essa occasião, trocadas algumas saudações.

O saráu foi abrilhantado com a presença do exm sr. general inspector da 4 região José Agostinho Marques Porto e seu estado-maior.

A festa da «Classe «Estudantal" excedeu a espectativa de todos, revestiu-se do maior brilho e animação, não poupando para isso os maiores esforços a digna commissão central.

Damos parabens á Classe Estudantal pelo realce que soube dar ás festas commemorativas do anniversario da installação do Lyceu e agradecemos a digna commissão central o convite que nos enviou e as gentilezas que dispensou ao nosso representante

CLUB IRACEMA

No sabbado o « Club Iracema » realisou animado saráu dansante em signal de regosijo pelo restabelecimento do seu estimado presidente coronel Guilherme Cezar da Rocha.

As danças duraram até duas horas da manhã, sendo o «carnet » o mais bem escolhido possivel.

A' meia noite foram servidas as commissões das sociedades convidadas e os representantes da imprensa, trocando se por essa occasião diversos brindes.

1105
22-Outubro-1909

O serviço de «buffet» esteve irreprehensivel.

Comparecemos ao sarau cumpre-nos agradecer o convite que nos enviou o digno director do mez Adolpho Siqueira, bem como as finezas que nos despensou.

Terminando damos parabens ao snr. Adolpho Siqueira pelo realce que soube dar á partida sob a sua competente direcção

Cinemas

RIO BRANCO.—Sempre a regorgitar de frequentadores tem realisado as suas sessões, o que prova a acceitação em que é tido.

Quinta-feira haverá novo e atrahente programma do qual constam as seguintes fitas de bellissimo effeito e que muito recommendamos:

« Ordem do Rei» e «Semana de Aviação ».

Na ultima noticia sahiu por engano — chamando Falliéres ao em vez de Armando Falliéres.

Brevemente — «Os acontecimentos do Rio em setembro passado.

J. PINTO. - Tem tido sempre bôa concorrencia, levando ao cinema grande numero de espectadores a fita tirada do romance do grande escriptor allemão Goethe—«Fausto».

CEARENSE.—Tem funccionado, regularmente este cinema sempre com bôas fitas.

Brevemente novas fitas, entre ellas « A Viuva alegre. »

Pergunta innocente

Seu Targino vossê anda doente do estomago, hoje?

'Stá ahi no que dá vossê andar comendo tapioca **fóra de horas.**

Xaropes

DE ha muito se faz sentir a necessidade de uma reorganização social, que venha atirar á bocca esfomeada do proletariado o pão do corpo, já que lhe roeu o verme do scepticismo o pão da alma, e que até lhe venha dar, na hodierna estagnação da duvida, o conforto moral de que carece, aviltado pela fome e pela escravidão de tantos seculos.

A revolução social fermenta e quando estoirar será terrivel

Os espiritos tacanhos acoimam essa revolução de utopica.

O futuro mostrará o que o presente já delineia.

Ha muito tempo que o homem soffre; e será possivel que elle, que domou, que subjugou todas as forças da natureza não ponha um termo ao seu soffrer?

A crise moral da humanidade é horrorosa: perdeu o lenitivo falso da religião catholica, que agoniza já, e não conseguiu adquirir a convicção scientifica. Todos os espiritos boiam, vagueiam loucamente, architectando doutrinas, roidos pelo scepticismo.

O velho pardieiro social, em que uma parte dos habitantes se esfalfa no mourejar quotidiano e outra gosa todos os proventos, ameaça ruir: a degenerescencia arrasta ao abysmo esta velha sociedade, que governam o padre, o sabre e o capital: e não apparecem novos barbaros que nos revigorem como outr'ora revigoraram com o sangue das raças do septemptrião a molleza e devassidão do povo latino ou que delles se originaram.

Já o tempo se foi em que o suor do povo untou os subterraneos de Ellora e o granito das pyramides —para o esplendor de civilizações que morreram, para a grandeza de reis que já passaram.

Não mais voltarão as epocas em que o chicote dos intendentes rasgava os dorsos núa dos trabalhadores phenicios no alevantar dos muros do templo de Salomão, destinado a acoutar a ociosidade e a devassidão dos sacerdotes.

Acabou-se a gléba e a inquisição, ficou, porém, ainda hoje a peior das escravidões,—a escravidão ao capital.

Ainda o padre engana, o rico opprime e o soldado fuzila.

A revolução vai, porém, se fazendo ; a propaganda vai ganhando terreno.

Ainda echôa o brado de Karl Marx : —proletarios de todos os paizes, uni-vos ! e ainda estruge a voz de Bakounine.

De vez em quando surge apavorando o mundo, um vulto desses, ou uma bomba de dynamite espatifa uma carruagem real.

A cada bomba que explode derribando um tyranno — um homem atira o seu nome como um escarneo á face do padre, como uma ironia terrivel ao rosto da apodrecida sociedade : e os tibios, e os ignorantes êem tremendo de susto : Kalaieff, Estrygá, Mateo Morral !

Rugem, então, todos : ah ! mas são anarchistas, querem a destruição da sociedade, da lei e do direito, querem o dinheiro dos ricos !

Não, bandidos, não !

Elles querem á fraternidade humana, todos esses socialistas anarchistas e communistas ; que em pão para os que têm fome, luz e ar para quem não os tem. O communismo é tudo : é a familia, é a vida melhor, é a fraternidade, é não morrer mais ninguem de fome, é o trabalho igual para todos e é o desapparecimento de tudo o que está constituido para o apparecimento de uma nova organização social.

E porque se não ha de destruir a hodierna sociedade, se ella vagueia sem rumo, apodrecida, villipendiada ? E porque se não ha de derrocar as mentiras chamadas lei e direito, si ellas só existem para opressão dos pequeninos e maior gaudio dos poderosos ? E porque se não ha de arrancar o capital do capitalista, si elle foi ganho na exploração do homem pelo homem e á custa de traficancias mil.

Que os ignorantes leiam e estudem o socialismo e quando ouvirem falar num anarchista se descubram respeitosos, por verem que a sociedade moderna gasta e acabada, ainda produz vultos que acima do estomago põem a cabeça !

Dentre os grandes vultos que têm feito propaganda das modernas ideias destaca-se o professor Francisco Ferrer.

Ferrer foi um espirito lucido, instruido e um convencido das hodiernas theorias, que muito propagou.

Ha dias um jornal da terra disse que Ferrer tinha ideias adiantadas, mas que não era anarchista ou socialista como o julgavam.

Ferrer era socialista : dirigiu a Escola Moderna que preparou a reacção contra a jesuitica direcção governamental hespanhola ; fez a propaganda da instrucção racional livre de preconceitos religiosos e politicos ; fez parte da «Liga internacional para a instrucção racional da infancia ; e, eis aqui seu maior *crime*,—agasalhou sob seu tecto o heroico e mal succedido Mateo Morral, o homem que atirou uma bomba de dynamite sob a carruagem

de Affonso XIII, esse rei instrumento dos jesuitas, que accusa no prognatismo do maxillar inferior toda a degenerescencia da casa de Bourbon e Austria.

Ferrer foi o alvo das iras do governo hespanhol e do clero e motodos os homens de sua tempera, q' procuram minar o alicerce em que ha muitos seculos o padre e o rei se firmam para a exploração do povo—a ignorancia das massas.

Ferrer foi condemnado á morte; mil outros o têem sido; um dia, porém, ha de raiar uma nova aurora.

Será utopia?..

Não! è preciso que surja das ruinas do velho mundo um mundo novo de paz e de amor!

E vós, ó ignorantes, que temeis os anarchistas e que amais os burguezes, quando delles ouvides falar, tirai, em signal de respeito á tanta bravura e heroicidade, o vosso chapéu, que talvez um dia elle vos saia a passear com a cabeça na ponta dum chuço.

João do Norte.

Dizem...

Dizem com insistencia que, hontem, a «Republica» recebeu um telegramma participando que o contracto da nossa Estrada de ferro ia ser passado a um syndicato inglez, que dizem tambem, de inglez só tem o nome.

«A Republica» não o publicou...por falta de espaço.

Chegou hoje pelo «Maranhão» a *troupe* de cançonetistas, que vêm para a «Maison Arte-Noveau».

Maison Art-Nouveau

Estréa, hoje, em beneficio do asylo de mendicidade.

Romanza sentimental. Fita cantante, enredo de dois cantores ambulantes, de successo colossal, cantada pelo snr. Galhardo.

Delegacia Fiscal

Para a bôa marcha do serviço, e melhor tratamento ás partes, pedimos ao sr. dr. delegado fiscal que retire o empregado mal educado e grosseiro, que actualmente se acha encarregado do lançamento de folhas, pois varias pessôas delle se tem queixado.

Cinemas

RIO BRANCO. Muito tem agradado o programma actualmente em exhibição, do qual destacamos as seguintes tres fitas: «Ordem do Rei», «A cruz do filho», emocionante *film* dramatica, empolgante ao extremo, e «A semana de noviação», deliciosa fita tirada do natural, nitida e perfeita como poucas temos visto.

Pergunta innocente

Seu Targido p'r'onde foi vossè hontem todo de preto.

Consulado Imperial da China

Communica-se ao corpo diplomatico que retomou posse de seu cargo o addido E. S. R. e que foi nomeado amanuense o sr. dr. El A.; outrosim que o mandarim-consul recebeu amistosa nota diplomatica do embaixador do Celeste no Brasil.

E. A.

Secretario

1106

25-Outubro-1909

Cinemas

RIO BRANCO. — Tem tido como sempre, bôa concorrencia. O programma exhibido estes ultimos dias foi um dos mais bem organizados.

Do programma da ultima sessão de hontem e que servirá até quinta-feira destacámos a emocionante fita « Amor de mãe. »

O cinema Rio Branco, como temos tido a satisfação de verificar, está sempre em dia com os cinemas do Rio de Janeiro, exhibindo quase os mesmos programmas que elles, recebendo sempre as melhores novidades de Pathé.

—J. PINTO.—Vai tendo grande aceitação o cinema do « Cassino Cearense », exhibindo sempre novos programmas, organizados com gosto, e que attrahem grande concorrencia

O programma actual consta de esplendidas e novissimas fitas vindas pelo Maranhão.

Quase todas as fitas são dos afamados fabricantes — Radios Gaumout.

Sutor, ne ultra...

Viram as sandices da *Gazúa*?

Só parece que os *brutos* não sabem o que é *ruir*. Porque não recorreram ao Aulete, como o fizeram com relação ao vocabulo « pardieiro »?

E aquella regra sobre os collectivos partitivos!...

Accrescentem á que sabem mais as seguintes e deixem de ser bêstas:

« SUJEITO COLLECTIVO.
« Quando o collectivo é
« seguido de *um determi*
« *nativo do plural*, o ver-
« bo fica no singular, se o
« collectivo é geral, E PÒ-
« DE IR PARA O PLURAL
« se o collectivo é parti-
« tivo:

« A maioria dos gregos
« PEDIA (ou pediam) a
« paz ».

João Ribeiro, Grammatica Portugueza, Curso Superior, 13ª edição, pag. 147.

« SUJEITO COLLECTIVO.
« A concordancia tanto se
« pode effectuar com o col-
« lectivo como com o seu
« adjuncto attributivo *por*
« *attracção*, *ex*:

« Dos mouros PERECEU
« a maior parte »,

Maximino Maciel, Grammatica Descriptiva, 3ª edição, pag. 254.

Por hoje não ha tempo para mais, se porém quizerem mais grammaticas e sobretudo mais exemplos é só pedir, não custa nada.

Apenas aconselhamos:
« SAPATEIRO NÃO VÁS ALEM DAS CHINELAS »

Y

Pergunta innocente

Sr. Targino, porque é que v. s ê está envelhecendo a olhos vistos?

Vossê nega, diabo, mas eu acha que vossê nasceu na era de quarenta!...

1107
27-Outubro-1909

Xaropes

Todo o paiz montanhoso, onde no inverno é sempre triste e monotona a paysagem, onde o céu é baixo, pesado e cinzento como uma cupola de chumbo e os cumes dos montes se perdem no arminho das neves, e os ribeiros emmudecem gelados, e os passarinhos morrem de fome e de frio, é pela imaginação do habitante, obrigado a ficar noites e dias ao pé do lume do tosco fogão, escutando o vento gemer nos pinheiraes e os lobos uivarem com fome no recesso dos bosques, povoado pelos mais horrendos phantasmas, por tudo o que se pode idear de sobrenatural.

A Scandinavia tem os Elfos, as Walkyrias, os velhos anões dos Kiolen, a Dama-branca e os gigantes hyperboreos; a Escocia, os gnomos, as bruxas das devezas. os phantasmas dos lagos, as sombras dos castellos derrocados e as lendas inimitaveis de Walter Scott; a Allemanha, — Lorely, que attrahia de cima do rochedo, com o seu canto suave, os barqueiros do Rheno, as lendas dos castellos das margens desse rio, que nasce no S. Gothardo, e escachôa em Schaffusa, a Torre dos Ratos, a resuscitada de Constança, os Niebelungen, toda a mythologia bellissima dos germanos, as Willis e os sabbats da Floresta-negra, ; a Transylvania possue o Chort, que habita nos solares em ruinas e as feiticeiras que se vão para o sabbat montadas em cabos de vassoura; na Hungria e na Polonia contam as historias dos Vampiros e da amante do Konthur da Ordem-Teutonica, que um enviado do Tribunal secreto apunhalou no velho castello de Kicystút; na Serra-Morena, a patria dos bandidos, se acredita no vulto de D. Pedro de Zuniga, que, á noite, corre a cavallo ladeado por dois cães negros, por valle e monte, tendo morrido pelo beijo gelado que lhe dera a alma duma freira; os montanhezes dos Valdai, na Moscovia, sabem da lenda do cantor da Bohemia, que se hospedava nas mansões senhoriaes e que cantava hymnos admiraveis, ao som da cithara, em quanto um corvo negro, poisado no seu hombro, marcava o compasso com o bico; os Epirotas têm os duendes das escarpas e as visões das cavernas; a Italia possue a lenda do lago da Guarda, onde uma fidalga chora enterrada viva a desconfiança e a violencia do marido; a Bohemia é a terra por excellencia das superstições e dos bruxedos; e nos montes da Ethiopia, em noites de luar, um pelotiqueiro negro, trepado num pincaro, abre os braços, murmura uma maldição e se esvae como o vapor que se eleva das quédas do Zambéze.

Todo montanhez é supersticioso, por causa do meio e das condições de existencia; toda

montanha tem seus habitantes sobrenaturaes e os seus logares sinistros: os Vosges têm a Rocha do Diabo e os Carpathos têm o desfiladeiro do Vulkan.

A Suissa fornece tambem o seu contingente de entes invisiveis, desde as almas dos viajantes soterrados nas geleiras do monte Branco ou do Yungfraú, que gemem alta noite até a historia do phantasma do lago de Genebra, que procuraremos narrar.

Genebra foi na Suissa o que a Rochella foi na França,—a cidade forte, o refugio dos protestantes. Na França perseguiu-os o cardeal de Richelieu; na Suissa acossava-os Carlos Manoel, duque da Saboya.

Um dos melhores generaes do duque era o conde de Martigny, que cercou Genebra no seculo dezesseis. Defendia a cidade o heroico soldado que foi Eustachio de Beauvoisni.

A resistencia dos sitiados foi terrivel, pois que sabiam que sorte tinham a esperar dos inimigos que lhe enviava a intolerancia papal.

As violencias de parte a parte eram iguaes: não se dava quartel, não se tinha misericordia.

O cêrco durou largo tempo.

Martigny apaixonou-se pela filha de Beauvoisin, um dia em que, disfarçado em arcabuzeiro, encontrára-a do outro lado do lago, quando espionava as obras de defeza da cidade.

A moça tambem amou aquelle arcabuzeiro saboyano que lhe offerecêra um ramo de flôres, cabeça descoberta, bello e delicado, alli ao pé dos fossos, junto á margem do lago.

E desde esse dia toda noite mettia-se só num barquinho e, abrindo a véla, ia encontrar-se com o soldado inimigo, nos penhascos da outra margem.

Mas, um dia que Martigny achara um estratagema para entrar na cidade, auxiliado pela traição de alguns dos seus defensores, querendo tranquillizar a mulher que amava, disse-lhe de que modo o general se apoderaria da povoação no dia seguinte e que nada receasse por seu pai, que o saberia guardar e fazer respeitar.

A donzella ouviu a confissão do inimigo e ao recolher á Genebra narrou ao pai tudo o que sabia: antes do seu amante via a sua patria.

Eustachio de Beauvoisin tomou providencias.

Ao outro dia, quando Martigny deu o assalto não encontrou no ponto marcado os traidores e sim os mais leaes e esforçados guerreiros helveticos: foi derrotado completamente, sendo chacinada pela furia dos sitiados a flôr das suas tropas; e elle proprio cahiu prisioneiro com o seu estado-maior.

Os sinos de Genebra repicaram festivos e a artilharia saudou a libertação da heroica cidade.

Reconhecida a identidade do conde de Martigny, general do duque da Saboya, foi elle levado ao patibulo.

As mulheres da cidade enchiam as janellas das ruas por onde passaria o general: a multidão acotovelava-se nas ruas: e os lanquenetes municipaes mantinham a ordem.

A filha de Beauvoisin assistia duma janella a passagem do cortêjo, quando reconheceu no homem que, com a estrella de general saboyano no peito da couraça, marchava para a morte, calmo e sereno como outr'ora marchára para a victoria, o arcabuzeiro que tanto amava desde o dia em que o encontrára bello e delicado ao pé do fosso.

Muda e sombria a filha do chefe protestante ficou até a noite.

Noite alta esgueirou-se da cidade, tomou o barco e partiu, a véla aberta ao sopro da brisa; mas, em vez de dirigir-se á outra margem, tomou o fio da corrente e entrou no Rodhano, que sai do lago em busca da França, espumoso e encachoado.

E nunca mais voltou...

Ainda hoje, nas noites de luar, quando o vento sopra com força, o batel da amante de Martigny abica á margem e o vulto della ajoelhado na praia, chama em altos brados o arcabuzeiro saboyano.

Nessas noites os pescadores não saem ao largo: naufragará todo o barco que topar na sua róta o batel do phantasma da filha de Eustachio de Beauvoisin.

João do Norte.

1108
29-Outubro-1909

Cinemas

RIO BRANCO. — Realisou hontem duas sessões com o seguinte programma:

"O bemfeitor", "Ultimo Olhar", "Uma conquista", (film d'art). "Lili Bohême", "Excursão sem pé nem cabeça."

As fitas muito agradaram; especialmente a dramatica— Lili Bohême, emocionante fita e uma das melhores creações de Pathé, na qual tomam parte muitos dos melhores artistas dramaticos de Paríz.

J. PINTO. —Exhibiu hontem novo e bem escolhido programma, constante das ultimas creações de Helios e Gaumont, e para o qual chamamos a attendo publico.

Todas as sessões do cinema J. Pinto têm sido muito concorridas, graças aos seus bem ordenados e bellissimos programmas.

Pergunta innocente

Seu Targino, vossê ainda aduia?

1110
3-Novembro-1909

«Romeiros do Porvir»

Por todo este mez realizará e sa sympathica e novel aggremiação a sua primeira partida mensal, que será muito animada, segundo o que temos ouvido dizer.

Que se revista do maior brilho— é o nosso sincero desejo.

Cinemas

RIO BRANCO. — Exhibiu a empreza Muratori & Cª, no domingo ultimo, novo programma, que muito agradou. Das fitas que o compunham destacamos a explendida projecção comica?

—«Heitor é um rapaz serio», que foi exhibida no Rio de Janeiro na semana transacta.

Terça-feira, dia de finados, não houve funcção.

J. PINTO. — Tem realizado suas sessões com bastante concorrencia.

Domingo houve mudança de programma e matinées frequentadissimas.

Do novo programma recommendamos as seguintes fitas: "Lucia de Lamemoor" e "Maria Stuart."

Theatro Art-Nouveau

Com uma enchente, á cunha, tem realizado esta maniguifica casa de diversões alguns espectaculos.

Os sympathicos artistas Jorge, Iracema Bastos e Gaihardo continuam a merecer francos applausos de nossa platéa.

Muito tem agradado o duetto *Cobre me, cobre me,* especialmente na parte em que aconselha o *bromil* e saude da mulher.

Faz parte do programma a empolgante *fita* « Viuva Alegre », que obteve grande successo.

PERGUNTA INNOCENTE

Seu Targino, donde vossê vinha domingo, no bonde do Oiteiro ?

1111

5-Novembro-1909

Capitão João Paulo

Veio hoje trazer-nos o seu abraço de despedida por ter de seguir pelo proximo vapor para o Maranhão, o nosso muito distincto e intemerato amigo, capitão João Paulo de Hollanda Cavalcante, militar brioso e opposicionista decidido, que se tem sabido manter ao nosso lado, sempre digno e sempre altivo na senda do dever, por onde tem encarreirado a sua vida toda.

Que bonançosos ventos o levem feliz ao porto de seu destino—é o nosso sincero desejo.

Xaropes

Todo o santo dia, quando o relogio pingava as oito da manhã, d. Florencia mandava o Bernardo deixar ao dr Fernandes lá no gabinete, onde elle de pijama e piúgas lia, repotreado na espreguiçadeira, os jornaes do dia, uma tijela de leite fervido, ainda a fumegar.

Abstrahido na leitura o dr. ás vezes nem olhava para o leite, nem via a figura exquisita do Bernardo, nem ouvia mesmo a sua voz roufenha, quando rosnava :

—Seu doutö o leite tá hi.

D Florencia, na hora do almoço ralhava o Fernandes, aborrecida muitas vezes :

—Oh ! homem de Deus, vossê um dia fica doente por tomar aquelle leite já frio, gelado Deixe estes jornaes homem, que isso não adianta.

E o Fernandes tornava, ameigando a voz ante a solicitude da mulher :

Ora, meu bem, não se zangue não, ouviu Amanhã eu tomo o leite quentinho, mesmo a fumegar.

E concluia :

— Hoje eu descuidei-me : estava embebido a ler a tragedia do largo de S. Francisco, a morte daquelles dois infelizes moços, apunhalados pelos sicarios policiaes.

Todo o dia repetia-se a mesma scena ; todo o dia estava o dr. a desculpar-se que tinha muito interesse em conhecer os pormenores do fuzilamento de Ferrer, os successos de Roma, a questão Peary e Cook, a attitude dos civilistas, as eleições do Districto Federal, etc. etc.

Afinal um dia (salvou-se uma alma do Purgatorio, como soem dizer) o dr. ergueu-se quando

o Bernardo appareceu com a tijela de leite, grunhindo :

—Seu doutô, o leite tá quentinho.

Ergueu-se e antes de beber perguntou, galhofeiro :

—Então, moléque, como vossê sabe que o leite está quentinho ? Vos é terá provado o meu leite no corredor, seu Bernardo ?

E o Bernardo tartamudeou, quase assombrado :

—Eu. . eu não provei não, seu doutô ; eu metti o dôdo dentro...

João do Norte.

Alcides de Castro Santos

E' com immenso prazer, com muita alegria, que registamos hoje o anniversario natalicio do moço altivo e distinctissimo que é Alcides de Castro Santos.

Alcides é um dos mais bellos ornamentos da mocidade independente d'esta terra e tem sabido, pelos seus innumeros dotes de espirito e coração, angariar largo circulo de sympathias e amizades.

No caminho da sua curta ainda, mas bella vida se tem mantido sempre altivo e bom, simples e affavel, sem a menor quebra de caracter, sem a menor macula na dignidade.

Que muito longa seja a sua preciosa vida, para enlêvo do seu velho e honrado pae e alegria dos seus amigos, desejamos nós mui sinceramente

E entre as alegrias que hoje o circumdam queira elle acceitar o abraço que lhe envia n'estas linhas o «Jornal do Ceará.»

Despedida

Seu Targino, adeus ! Está é a ultima vez que bulimos com vossê, bemzinho !

Perdemos muito tempo com vossê, criatura ! Gastamos cêra com defuncto ruim !

Mas, emfim, deixamol-o de mão : vá, Targino, embora !

Adeus, Targino ! Adeus illustre reformador da sciencia !

E, a proposito... por despedida :

Porque vossê dá palpites ao Accioly ?

Adeus, meu negro ! Adeus!..

1112

8-Novembro-1909

Falleceu ante-hontem, sabbado, n'esta capital, já em edade avançada, o nosso particular e pobre amigo Raymunda Nonnato, que desde o antigo «Libertador» era empregado de typographia.

Apezar de pobre era em extremo caridoso e bom, deixando a sua morte grande vacuo na conferencia religiosa de que fazia parte.

Probo e honrado sempre o foi e muito, nunca se apartou uma linha da rota do dever.

Pobre, humilde, obscuro e bom morreu, como pobre, humilde, obscuro e bom havia vivido.

Pezames á sua familia.

1113
10-Novembro-1908

Cinemas

RIO BRANCO. Tem obtido enorme successo o programma que a sympathica empreza Muratori & Comp.ª, está exhibindo neste cinema, que incontestavelmente é o que melhor acommodações possue nesta capital.

O seu programma, que amanhã será substituido, é o que a seguir transcrevemos: «João da Rosca está na pandega». comica; »Pelle de gato». lindo conto sentimental; «*A* viuva alegre do Octavio.» esplendida e magnifica fita comica; «Uma operação cheia de peripecias». movimentada scena comica; e a "Dama de companhia», para a qual chamamos a attenção do publico. por ser uma fita que tem alcançado grande successo em toda parte a que é, talvez. a melhor que temos visto, no genero dramatico, bem entendido.

Brevemente será exhibida a "Arlesiana", *film* d'arte tirada do romance de Daudet.

Domingo haverá matineé ás 5 1/2 horas da tarde.

J. PINTO O cinema do «Cassino Cearense» tem exhibido estes dias um dos melhores programmas que conhecemos.

O programma é o seguinte:

«Foi papai quem tomou o purgante», fita comica de fazer rir a todos; «A barricada», bellissima projecção dramatica; «As cascatas de Trolhatan», magnifica vista do natural»; Gato duro de morrer», comicissima; "Toca, tudo vai-se mudar", comica; «A cadeira de braço», comica tambem; «O coche Simon», comica ao extremo; «O domingo do soldado Piou», engraçadissima; "Cake Walk»; «Problema difi cil», muito engraçada.

Como se vê é muito bem escolhido o programma do cinema J. Pinto e tem agradado muito, explicando-se assim a grande frequencia da sympathica casa de diversões.

—

Devido a um desarranjo na machina do «Cassino» suspenderá suas sessões até sabbado, quando exhibirá novas fitas, que chegaram pelos paquetes "Sergipe" e «Pará».

"Jornal do Ceará"

20 de

Abril de 1910

Gustavo Barroso

Concluiu ante-hontem o 3º anno do curso juridico o nosso talentoso companheiro de lutas Gustavo Barroso, obtendo approvação plena—grau 8 em todas as cadeiras.

Hontem tomou passagem no «Olinda», para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Direito pretende continuar com o seu bello curso.

O distincto moço, que é um espirito muito adiantado e dotado de grande poder de assimilação, nos deixa saudades.

O «Jornal do Ceará», que muitas vezes teve as suas columnas abrilhantadas com a collaboração do habil chronista, faz votos ardentes pela sua prosperidade.

———

Ceará

17-Nov.º

...o de 1909. | NUM. 1116

Salão Azul

Tem amanhã a sua data natalicia a encantadora e distincta senhorita Yayá Montenegro, digna cunhada do nosso leal amigo Joaquim Magalhães.

A' jovenil e peregrina dona, que è tambem um dos mais lindos ornamentos dos nossos salões, enviamos antecipado e respeitoso parabem.

□ —

Consorciaram-se em Maranguape, no dia 30 de Outubro ultimo, o nosso distinctissimo amigo snr João de Moura e a exma. snra. d. Maria Saboia Moura.

Gratos pela gentileza da communicação auguramos aos recem-casados um futuro de perennes felicidades.

J. Paula Barros

Acham-se expostos na «Maison Art-Nouveau três retratos a oleo, trabalho do talentoso pintor cearense, J. Paula Barros.

Um dos quadros representa o rei D. Carlos, o assassinado do Terreiro do Paço, fardado de marechal portuguez, de pé, junto de uma balaustrada, da qual se descortina um farrapo azul do Téjo, pejado de couraçados.

O outro é o do capitão Antonio Leal de Miranda, honrado cavalheiro cearense, em cujo peito luzem as condecorações que ganhou nos charcos do Paraguay.

O terceiro é o do proprio pintor no seu atelier.

Todos os retratos impressionam agradavelmente

O snr. José Paula Barros é ainda muito moço e nunca frequentou um curso de pintura, sendo, portanto tudo o que faz, producto de seu esforço e grande intelligencia.

Defeitos talvez tenham os seus quadros para a critica dum pintor de escóla, competente no assumpto; nós é que, incompetentes nestas coisas, nada diremos.

Em verdade, porém, affirmamos que para o seu pouco estudo nada de melhor se pode desejar, e que, com o seu talento e mais alguma pratica e theoria, certamente fará trabalhos perfeitos.

Somos leigos em pintura; não podemos falar de cadeira.

No emtanto recommendamos ao publico que visite a exposição do snr. Paula Barros e felicitamo-lo pelas provas de seu talento que tivemos o gosto de apreciar.

Sabemos que o nosso intelligente conterraneo prepara uma exposição de grande numero de trabalhos seus,—paysagens e retratos.

Para ella desde já chamamos a attenção do publico.

Xaropes

Sempre que eu passava ali no Taboleiro Grande, entre o Joá e o Egypto, naquella zona do sertão de Quixeramobim, onde se perfilam escalvadas na planicie as ossadas gigantescas das montanhas que as aguas corroeram—convencia o Tonho Baptista que elle devia vir á capital.

O Tonho era um desses matutos sem curiosidade que nunca havia ido ao Joá ver o trem de ferro, o «vapor de terra»; e que si um dia não houvesse ido a negocios para o Uruquê, nunca haveria visto o tal bicho que o admirou bastante.

O seu mundo constava simplesmente da sua familia, da fazendola, do gado, dos bodes e ovelhas, do cavallo de campo e dalguns cobres, que gostava de mirar guardados no fundo do bahú tosco, de cedro, coberto de couro crú, com arabescos de pregos dourados e o *ferro* do dono, que era um B com uma *fulô* em cima, gravado na tampa.

Ganhára esse dinheiro mourejando na fazenda, tratando o gado trabalhosamente nas soccas e vendendo ao Boris a maniçoba do serrote Preto e o algodão das baixas.

Admirava profundamente a riqueza do Boris e dizia ironicamente:

—Esses Boris! Esses Boris são damnados! querem abarcar o mundo c'as pernas que nem vaqueiro o vazio do cavallo!

Mas Deus nosso sinhô Jesus Christo num gosta das imbigão!...

Lá um dia o Tonho Baptista veiu á capital e enfiado e medroso bateu-me em casa.

—Prompt', cumpade, aqui tou eu; vim vê o Forte e o tal de má q' disque é tão bonito

O matuto ficou bêsta de ver a cidade, a illuminação publica, as avenidas, os cinemas, o automovel do Julio Pinto e mais maravilhas...

Só me fazia dizer:

Ou, cumpade, è grande: é grande cuma o diabo!

Cumpade, é até mais maió que o Quixeramobim.

Virge! Só o putici de gente que bate o chifre na praça do Ferreira, de noite, c'as illuminações de seu Rôla.

No cinema Rio Branco pintou os canécos: pulou as filas de cadeiras, pisou os callos dos espectadores, derribou uns e foi bater lá dentro pra ver se havia gente atraz do panno.

E quando briguei com elle tornou-me:

Ora, cumpade, eu quiz ver que marmota era aquella, quem era que fazia aquelles mungangos

Tudo o que via me perguntava si era do seu Boris—esse judeu, dizia, que enricou de vender ouro fôfo no sertão.

No dia seguinte ao de sua chegada, de manhã, levei-o para vêr o mar lá do velho caés dos inglezes.

O Baptista arregalou os olhos, abriu a bocca com os olhos esbugalhados fitos no mar verde, ondulado, murmurante, magestoso,—mudo e assombrado ante tanta agua,—elle que só conhecia o açude do Taboleiro grande, cheio raras vezes, torrado pelo sol de agosto a março.

Então, quando poude falar, poz-me a mão no hombro e exclamou:

—Ou que açudão grande!

Ou que cama dagua bonita!

Ou que açudão famoso! Esse damnado, home, è capaz até de sê do seu Boris!

João do Norte.

1117
12-Nov.º-1909

Com a Intendencia

Em Londres, em Paris e em todas as cidades civilisadas é prohibido pregar cartazes pelas paredes das casas.

E, com effeito, nada mais logico, pois ninguem gosta de pintar e de conservar limpas as frentes das suas casas para vel-as cheias de papeis vermelhaços e litographias ruins apregoando a «Saúde da Mulher» e os pós que matam muriçocas.

Na Europa não se pregam cartazes nas proprias esquinas; em Paris os muros dos jardins têm o distico—Defense «d'Afficher».

Aqui a Intendencia não olha para essas coisas; e a mania de grudar cartazes nas paredes alheias já passa a desafôro.

Não ha caixeiro viajante ou vadiante, que, perambulando por estes *Brasis*, chegue ao Ceará que não grude os seus reclamos nas frentes das melhores casas e nas esquinas dos edificios publicos.

A esquina da Assembléa está pejada de annuncios.

Hontem, na rua Major Facundo, vimos um cartaz pregada sobre a placa dum dentista. Esta já passa os limites, pois ninguem põe á porta suas tabuletas para os outros sujarem com porcarias.

A policia pouco ou nada se importa com isto, a camara muito menos; chegam-nos diariamente reclamações.

Esperamos do novo delegado providencias a este respeito e do senhor intendente outras iguaes no mesmo sentido; e prevenimo-lhes que o que aqui vai não toca de leve á politica e sim a necessidade de quem nos veiu reclamar contra o abuso ou desafôro.

Ahi fica o nosso pedido.

Si não o attenderem, Deus permitta que um desses caixeiros viajantes ou vadiantes grude no costado dum fiscal, dum edil qualquer, um cartaz vermelhaço, no qual se leia em lettras brancas que a «Saude da Mulher» mata as muriçocas e que o pó do dr Charlatão cura as molestias do utero—ou vice-versa...

De novo voltamos a pedir ao senhor intendente municipal providencias contra os despejos que os moradores do segundo quarteirão da rua d'Alfandega fazem para o primeiro da rua do Chafariz, por sobre o muro.

Não poderá a intendencia fazer nos esse pedido?

Pedimos tambem ao sr. dr. inspector de Hygiene a quem tambem competem estas cousas, que providencie sobre o caso. Affirmamos-lhe que fará uma boa obra cumprindo esse seu dever.

Nada é mais facil a qualquer um dos dois—intendente e inspector.

Veremos si ainda não logramos deferimento.

Prevenimos que os dois tostões ainda estão a disposição...

Cinemas

RIO BRANCO. O programma hontem levado no seu pathico cinema da empreza Muratori e Cª é este:

«Santos Dumont e o seu aeroplano «La demoiselle», magnifica fita do natural;

«Agra», vistas do natural da celebre cidade da India;

«Casamento da cozinheira», muito comica; «Vingança de Gaúcho, dramatica; e "Novo Jonas» comicissima.

Recommendamos o programma ao publico.

1118
22-Novembro-1909

Só será substituido domingo.

No domingo haverá *matinée* ás 5 1/2 da tarde e á noite será levada a Arlesiana.

A orchestra executará bellissimos trechos sob a batuta do festejado maestro Cino Cinidini.

J. PINTO Hontem houve variado espectaculo, arebaixando o dono do «Caseino» os preços das entradas para 600 réis e 300. Foi este o programma: «Fausto», dramatica; "Fada Libellinha", colorida; "A esquadra americana em Villeneuve-sur-mer», do natural; «Mudança electro-magnetica», comica; e a «Filha do trapeiro», dramatica.

Chamamos a attenção do publico para esse programma que consta das fitas que não criminosa roubou da agencia do Lloyd Brasileiro, causando prejuizo ao proprietario do «Cassino».

No domingo houve duas *matinées* de numa ás quatro da tarde.

A' noite será mudado o programma.

Di Maio

Hontem houve novo programma no «Cinema Cearense» que só será substituido domingo. O baixo cantante Galhardo cantou dois lindos trechos de Operas e Jorio duas bellas cançonetas, sendo muito applaudidos.

Iracema tambem foi muito applaudida nas cançonetas de seu variado repertorio.

O programma do cinema é este: « A obra de Jaques Serval »; « Barcarola », *film* cantada; «As Violetas, *film* d'arte; e o «Maior equilibrista do mundo. »

As duas funcções de hontem muito agradaram, continuando o « cinema theatro » do snr. Di Maio a ser bastante concorrido e sympathisado.

Xaropes

«Tudo passa sobre a terra»

J. ALENCAR.

As glorias do mundo são fallazes, são bem passageiras.

A consciencia dessa verdade è que fez os ascetas da fulva Thebaida e os eremitas da Silesia.

Todos no mundo têm o seu dia de triumpho e o seu dia de derrota, o seu zenith e o seu o caso.

Todos adormecem no final nivelamento da morte!

Os mais obscuros e os mais humildes tem dias melhores e dias peores Os grandes e poderosos gosam as pompas da victoria e provam o fel do esquecimento.

Tudo no mundo participa dessa lei,—tudo: civilisações, raças, nações, coisas, homens e animaes.

Exceptis excipiendis

Prometheu roubou o fogo celeste, para o abutre roer lhe as visceras, quando acorrentado no Caucaso.

Eacido impoz leis ao Epiro; um dia foi assassinado.

Sapho dedilhou as cordas da lyra nos floridos retiros das ilhas do mar Egeu, onde por entre as hervas altas colheavam, fugindo e cantando, os arroios tão queridos de Theocrito, de Mosche e de Anacreonte De pois, neurasthenica e aborrecida, atirou se as ondas do rochedo de Leucate.

Pompeu foi proconsul na Iberia e triumviro: foi rival de Cesar e viu, em Pharsalia, as legiões fugirem ao rolar formidavel dos carros de guerra

das cohortes do conquistador das Gallias, que bruto apunhalou a meio do Senado.

Os heróes de Roma subiam ao Capitolio e atiravam-se da rocha Tarpeia, que ficava perto.

Harold de Inglaterra, em Hastings, morreu da frechada dum soldado normando.

Christovam Colombo viveu de pintar imagens, comeu os sobejos dos conventos, foi almirante descobriu a America e morreu a mingua.

Henrique IV d'Allemanha mendigou em Liége.

Fernão Cortez teve a victoria de Otumba e a miseria de Valladolid.

Ramalho Ortigão diz, na «Hollanda», que Camões de mulêtas, pedio esmolas, sentado ao sol entre os frades, no pateo de S. Domingos.

Sebastião José de Carvalho, o marquez de Pombal, foi ás terras do exilio.

Robespierre governou a França e foi á guilhotina com a balla do gendarme Melas encravada no maxillar.

Luiz Felippe foi o heróe de Valmy e Jemmapes, e o mestre escola suisso, e o rei de França, e o desterrado de Inglaterra.

Napoleão entre as chamarras d'oiro e o esvoaçar das plumas do estado-maior viu raiar o sol de Austerlitz. Rodeado de officiaes rubros de sangue, negros de polvora, suarentos e rotos palmilhou a noite o campo de Waterloo. E morreu, quasi só, numa noite erma de estrellas, julgando no delirio da febre escutar o longinquo tropel dos hussares de Desaix. No entanto aquelle som era o rugido do mar nos rochedos da costa.

Napoleão, o pequeno, passou em revista milhares de soldados na praça do Carrousel para que em Donchery conferenciasse cabisbaixo com o principe de Bismarck.

Todos sobem, todos cahem e todos morrem.

Victor Hugo bem o disse: triste e mesquinho sopro o das bôcas humanas!

Quem ri o riso do triumpho chora as lagrimas do desconsolo.

Eterna e immutavel lei!

Os grandes chefes das hordas barbaras têm passado como meteóros, arrazando nações; e como um relampago passou a sua lembrança na historia da humanidade.

As linguas tambem morrem

Do idioma que os Grachos balbuciaram meninos, no qual os legionarios rugiram maldições chacinados na floresta de Teutberg e Cicero orou no Senado restam as linguas já tão transformadas da França, Italia, Hespanha e Portugal. Misturado com slavo ainda vive delle uma parte restricta, que falam os habitantes da Valachia, onde se refugiaram os fugitivos do imperio do oriente.

O grego da «Illiada» e da «Antigone» è tão desconhecido na Grecia hodierna como o portuguez na Siberia.

E o hebraico só è conhecido por algum sabio caprichoso e pelos rabbinos que interpretam os livros santos.

As proprias civilisações desapparecem.

A civilisação hindostanica hoje se resume ás ruinas dos pagodes. Da egypcia restam as pyramides e esphinges que contemplam a vastidão do deserto. Fernão Cortez e Pizarro destruiram as dos Aztecas e dos Incas.

As galeras phenicias apodreceram após o incendio de Si

don, abandonadas. De Roma attestam a grandezas os monumentos derrocados e os preceitos sagazes que Justiniano mandou compilar.

A Grecia legou ao mundo novo ruinas, estatuas e as reminiscencias duma arte inimitavel.

Babylonia era rica e poderosa. Os archeiros de Cyro entraram por sob as grossas muralhas, pelo leito a sêcco do Euphrates, e della só restam, num valle sombrio da Mesopotamia, cantos de marmore e atijolamentos destruidos.

Marcam o logar de Persepolis capiteis com cabeças de touros, cavallos e carneiros, escalavrados e sujos, dispersos por entre o tojal e os pedregulhos.

Os arabes incendiaram a bibliotheca de Alexandria e com ella toda a sciencia dos Ptolomeus.

De tudo ficam somente recordações...

Os moveis e utensilios dos grandes homens o tempo acabou.

Alguns que existem erram pelos museus.

Si o quarto de dormir de Luiz XIV é carinhosamente conservado, os moveis de Maria Antonietta foram espedaçados pelas regateiras nas sangrentas jornadas da «Revolução".

O oculo e o chapèu de Napoleão se acham no museu d Louvre; mas onde está a mesa modesta em que Marnix de Saint Aldegonde escrevia as suas declarações ?

Muitos objectos existem, porèm a maior parte delles é falsa.

As bandeiras que o «Corso" tomou ao exercito da Europa Serrurier mandou, por necessidade, queimar no pateo dos Invalidos ou atirar no fôdo do Sena.

Tristes e abandonados tambem acabam os animaes mais celebres.

A historia não registra o fim de Bucephalo e nem o de Incitatus.

Ella tambem não conta a triste morte dos fogosos cavallos, que arrastavam aos combates o carro de guerra onde Ramèzes II brandia o tagante de Senhor.

O cavallo predilecto do grande rei Gustavo Adolpho da Suecia morreu traspassado de balas na pugna de Lutzen.

O cãozinho negro e felpudo, que Maria Antonieta tanto estimava, finou-se gemendo sob a cacetada cruel dum «sans culotte» feroz junto á guilhotina, na praça da Gréve.

Os cavallos dos caçadores do «Grande Exercito», que com as narinas fumegantes carregaram em Wagram com Lasalle, em Eylau com Murat, que orgulhosos entraram em Moscow pisando rudemente a neve da praça do Kremlin, que viram raiar o sol de cem batalhas e o rosto da lua illuminar os sangrentos despojos de cem recontros, acabaram carregando carne para os açougues de Genebra, magros e piolhosos.

E saber-se á que fim teve tambem o celebre "Marengo", que do «Corso» cavalgou nas suas formidaveis jornadas militares ?

Tudo passa rapidamente no decorrer dos seculos : desapparecem sem deixar vestigios a grandeza dos imperios e o vulto dum grande homem e um animal que tambem foi celebre : somente restam recordações que a historia documenta.

Tudo desapparece, tudo passa, tudo se acaba, e novas cousas apparecem, e novos homens surgem, e surgem novas civilisações nesse evoluir constante, nessa transformação eterna que è a historia da humanidade.

A vida é toda de soffrimento, é toda de mudanças subitas ; raro se á o mortal cuja vida se escoe limpida, calma e doce como um ribeiro crystallino a serpear por entre as hervas altas.

Tuda na vida é instavel.

A vida é o halito dos rebanhos no ar de inverno! E' a sombra que corre sobre a relva e desapparece no poente! disse Rider Haggard.

*
* *

Hontem tive mais um exemplo disso. Vi o Van-Dick, murcho e cabisbaixo, puxando um carro sob o chicote dum lacaio agaloado. Pobre "Van Dick"!

Tive pena do bello animal, confesso. Lembrei-me do tempo em que elle passava altivo e victorioso em frente das archibancadas, de onde os homens berravam vivas e as mocinhas batiam palmas ou agitavam os leques enthusiasmadas. E elle parecia comprehender aquelles applausos ; erguia orgulhoso a cabeça e galopava suado, elegante e altivo.

Depois lavavam-no a champagne. Os «habitués» do Sport berravam : Olha, uma cerveja aqui ? Peguei sessenta no Vandick!

Ganhava sempre o 1· premio. Todo o mundo o conhecia; todos só falavam nelle. E em todas as corridas lá vinha orgulhoso, lavado a champagne, galopar altivo em frente das archibancadas, de onde as mocinhas agitavam os leques ao som das marchas militares.

Hontem eu o vi puxando um carro, murcho e cabisbaixo, sob o latego dum cocheiro.

Emquanto eu assim pensava no seu passado elle là se ia puxando o carro, onde na boléa faiscavam os botões de oiro do lacaio...

Sic transit gloria mundi.

João do Norte

Com a Intendencia

Tem sido constantes as reclamações que o publico em geral, pela imprensa, dirige ao sr. Intendente Municipal, que. ou por que ellas sejam feitas pela imprensa que é opposicionista, ou porque o povo só merece desprezo, pode se dizer, em nada, até hoje, têm sido attendidas.

Todavia, como "quem precisa é quem se estira", pedimos ao sr. Intendente, não como direito que nos assiste, mas como reclamante pelo povo, para que mande um de seus fiscaes á travessa de S. Bernardo, esquina com a rua Trilho de ferro, num terreno de 50 palmos, se tanto, pertencente a um tal Macieira, verificar o *montão* de lixo e materias fecaes (verdadeira podridão), de que alli fazem deposito diariamente os moradores vizinhos e sotranseuntes.

Estamos certos, que se o fiscal fôr homem de bem, vendo, ha de necessariamente confirmar o que denunciamos e pedimos providencia.

Apezar das duvidas, esperamos justiça.

Cinemas

RIO BRANCO. Foi muitissimo frequentado hontem, em todas as sessões, o cinema Rio Branco, que cada vez é mais sympathizado pelo publico.

Os programmas exhibidos agradaram muito.

As fitas foram escolhidas a capricho.

A *matinée* tambem foi muito concorrida.

J. PINTO. O cinema do «Cassino Cearense» hontem teve bôas enchentes. Os programmas organizados agradaram bastante.

As *matinées* tiveram bôa concorrencia.

DI MAIO. O cinema theatro do sympathico snr. Di Maio regorgitou hontem.

As canções e cançonetas da troupe Neira muito agradaram e as fitas do cinema tambem.

Recommendamos ao publico o programma actual do «Cinema Cearense» e felicitamos á troupe Neira pelos successos alcançados.

Cinema Rio Branco

A «Republica» de Quinta feira ultima taxa, em uma sua noticia, de immoral o programma do cinema Rio Branco.

Francamente que achamos graça...

«Ouchar, o negociante russo», fita que a Republica verbera, não é o que ella diz. Mostra scenas de costumes russos, que Gorki tem descripto com tons mais fortes e mais reaes. Não é immoral, nem constitúe, como disse a «Republica,» reclamo de maús costumes. Pelo contrario, mostra os perigos e as consequencias da embriaguez. Antes combate o vicio do que o incita.

As outras scenas são communs nos cinemas Peores que ella os cinemas Di Maio e J. Pinto tem exposto.

A fita «Um erro topographico nas grandes manobras», exposta pelo cinema Di Maio, é mais immoral, muito mais immoral que «Ouchar»; e a «Barba de Theodoro», exhibida no «Cassino Cearense», prégamais o adulterio que o «Bom doutor,» do Rio Branco.

Porque nunca a «Republica» atacou tão brutalmente esses outros cinemas?

Si não quer fazer reclamos do adulterio não publique tambem a «Republica» noticia dos crimes passionaes e dos adulterios do Rio de Janeiro; não publicasse o caso Traad e esse nojento drama no qual andou envolvido o nome limpo de Euclydes da Cunha.

Accresce mais que a fita ivre ou a noticia immoral só será semente de delictos no espirito, que, por atavismo ou educação, fôr propenso ao mal.

Quem é bom quanto mais conhece o mal menos o pratica.

A fita «Concerto de Theodoro» foi por um *moralista* do orgam official acoimada de immoral no propio cinema Rio Branco, de modo que por isto o proprietario só a exhibiu uma vez. Esse mesmo *moralista* applaudiu a mesma fita exhibida no Di Maio na semana pssada.

Peores que as fitas condemnadas pela «Republica» são as cançonetas do «Cinema Cearense»: o «Cobreme», o «Sello» e a «Casaca», que um cançonetista chamou de modo irreproductivel.

Nós não condemnamos nenhuma dessas casas de diversões; mas si condemnassemos uma, condemnariamos todas, porque todas pecam, si é que é pecar o que tão nesciamente verbera a «Republica».

Fallamos contra essa injustiça e essa prevenção que todo mundo ha notado.

Não traduza a «Republica» as nossas palavras como defesa da immoralidade e dos maús costumes. Não. Queremos que a «Republica» condemne tambem as fitas immoraes dos outros cinemas e não se constitúa somente palmatoria do Rio Branco, a quem vota gratuita prevenção, como temos notado. Seja justa.

Prohiba tambem as immoralidades que os seus redactores escrevem da primeira á ultima pagina, atirando aos adversarios os mais soêzes insultos e atribuindo-lhes os mais torpes vicios, de modo a fazé los scismar no troco do povo: *Gato ruivo ao que cuida dtsso usa.*

Póde confiantemente o publico continuar a frequentar o cinema Rio Branco que são de previnidos e são infundados os maus reclamos da «Republica».

D. Senhorinha
Candida de Souza

Victimada por uma congestão cerebral falleceu no dia 18 deste, nesta capital, na idade de 64 annos, dª Senhorinha Candida de Souza, senhora virtuosissima, possuidora de grandes dotes moraes.

Nascera no Tauhá e de ha muito residia nesta capital, vivendo longe do bulicio do mundo, pobre e bôa, na paz do seu retiro.

A finada era inupta.

Sepultou-se no dia 19 ás 7 1/2 da amanha.

Dª Senhorinha Candida de Souza era tia do nosso intemerato amigo Joaquim Pimenta e irmã do snr. Benigno Amado Pimenta de Souza.

Queiram elles, ainda profundamente abalados pela perda que acabam de soffrer, receber os pezames que lhes envia nestas linhas o «Jornal do Ceara.»

1119
24-Novembro-1909

Com a Intendencia

(E com a Hygiene)

Mais uma vez voltamos a supplicar que sejam tomadas providencias para que não mais façam despejos para a rua Chafariz os moradores da Alfandega (2º quarteirão)

Será possivel que para um melhoramento publico se reclamem as autoridades competentes a ouvir-nos.

Desarrolhae esses ouvidos senhores edis e vinde ao nosso escriptorio buscar os dois tostões para o bonde.

Voltaremos com mais vagar

Cinemas

RIO BRANCO. O programma de hontem do cinema Rio Branco muito se recommenda ao publico.

Consta das seguintes fitas:

« Encantadôras creanças » bellissima comedia; « A esperto esperto e meio, deliciosa *film* colorida, de surprehendente effeito;

« A arlesiana », fita magnifica extrahida do drama de Alphonse Daudet e muito bem interpretada pelos artistas da casa Pathé, que obteve grande successo; e « Engenhoso larapio », comica.

O cinema foi hontem e ante hontem muito frequentado, o que prova mais uma vez a sympathia de que gosa em nosso meio.

J. PINTO. Foi o melhor possivel o programma exhibido hontem no « Cassino Cearense ».

As fitas que foram exhibidas agradaram immensamente.

A concorrencia foi numerosissima.

E' este o programma:

« Civilização de um indio », esplendida fita que causou magnifica impressão, agradando muito a todos, sem excepção, essa fita é com effeito o que de melhor se pode desejar no genero; « As mulheres e o segredo », fita comicissima de Gaumont; " O tabaco do Avô, sentimental ao extremo; « Santiago o afortunado », e « Um convidado art-nouveau », muito comica.

As enchentes do «Cassino» têm sido grandes devido a ter o seu proprietario rebaixado os preços das entradas e as vantagens que offerece dando premios aos possuidores de bilhetes.

Recommendamos muito ao publico o programma do «Cassino», especialmente a magnifica fita dramatica — Civilização de um indio.

DI MAIO. Foram bem concorridas as duas sessões de hontem no sympathico cinema DI Maio.

Iracema foi muito applaudida, agradando geralmente as cançonetas que cantou, Galhardo e Josio tambem sahiram-se correctamente.

O programma do cinema muito «gradou; constou das seguintes fitas:

« O ultimo olhar » ou "O assassino", drama sensacional; " O ramo de lilazes », deliciosa *film* sentimental; " A Marselheza, patriotica e emocionante fita cantada; e « A Educação mal recebida ", *film* d'arte de Pathé Frères.

Ao publico recommendamos o programma do cinema-theatro, tanto na parte referente á troupe Neira como na que se refere ás fitas cinematographicas.

Capitão João Paulo

Ante hontem, pelo « Acre » chegou do Maranhão o nosso distincto amigo, João Paulo de Hollanda Cavalcante, brioso official de nosso exercito.

O capitão João Paulo é um dos nossos mais intransigentes amigos, mantendo-se sempre destemidamente ao nosso lado: portanto enviamos-lhe o nosso cartão de visita, alegres por vê-lo mais uma vez em nossa infeliz e opprimida terra.

1120
26-Novembro-1909

Com a Intendencia

(E COM A HYGIENE)

Voltamos de novo a pedi providencias contra os despe jos que fazem os moradore da rua da Alfandega (2º quar teirão) para a do Chafariz.

Continúa lá a mesma feden tina de sempre incommodand os moradores.

Já soubemos que o snr. dr delegado tomou providencia contra os grudadores de car tazes e o louvamos pelo acto para uma medida do bem pu blico não se deve olhar á poli tica do reclamante.

Portanto o snr. intendent mande um fiscal lá á prai acabar com aquillo ou recla me do snr. dr. inspector d hygiene medidas para o caso

Olhe...nós damos os da tostões para o bonde do fiscal

Cinemas

RIO BRANCO—O novo programma exhibido hontem no sympathico cinema é o seguinte «O peixe e os pescadores», interessante comedia; «Saudades», linda fita dramatica; Noivado imprevisto», scena comica; «Recompensa de uma boa acção", fita colorida, sentimental e commovente, e «O viuvo alegre», comicissima.

O programma muito agradou, sendo muito animadas as duas sessões do cinema.

Sabbado haverá grande espectaculo—concerto.

A orchestra tem estado irreprehensivel sob a direcção competente do maestro Ciro Ciarlini.

Programma do Concerto do Cinema Rio Branco a realizar-se amanhã ás 7 e 8 1|2 horas da noite:

1ª Parte:

Ouverture, Cavallaria Rusticana, Phantasia de Mugnome, Marcha—Samtregham, Valsa—Echos do mar, (C. Ciarlini);

2ª Parte:

Selecção da Opereta Mascotte, Valsa—Teus Olhos, (C. Ciarlini), Valsa—Te vi e te ames, (Metallo), Polka—Nataliense. (C. Ciarli.

J. PINTO.—O cinema do "Cassino Cearense» tem tido sempre boas enchentes.

O programma ora exhibido è o melhor possivel; delle recommendamos especialmente ao publico a fita «Educação dum indio».

O «Cassino» tem sempre pago todos os bilhetes premiados. Ir ao «Cassino» portanto, é habilitar-se tambem a ganhar 5 ou 10 mil réis.

Hoje será levado novo e colossal programma.

Recommendamo-lo ao publico

DI MAIO—Hontem estivemos no «Cinema Cearense» e boa impressão nos deixou o seu espectaculo. Iracema foi muito applaudida e repetiu diversas cançonetas a pedido da platéa. Jorio cantou duas bellas cançonetas; Galhardo, trechos de operas.

O programma do cinema è bem organisado; transcrevemo-lo: «O bemfeitor», comica; «Uma scena mythologica», comicissima; «A cruz do filho», dramatica; e "Nossa tia chega da America», muito comica.

E se programma servirá para os dias 25, 26 e 27.

Domingo haverá novo e explendido programma.

O cinema tem tido bôas casas.

Automovel

Hontem fizemos um passeio no automovel do sr. Julio Pinto convidados pelo seu proprietario

O machinismo funcciona perfeitamente e o automovel está apto para qualquer serviço de transporte de passageiros.

Simplesmente notámos, por descaso da edilidade, o calçamento muito estragado difficultando a marcha do automovel e estragando-lhe os pneumaticos. Devia o sr. intendente municipal cuidar das ruas melhor, pois que se continuam assim ninguem se encorajará mais a mandar buscar um bom vehiculo, facil e veloz como é o automovel

O automovel do sr. Julio Pinto está á disposição do publico a qualquer hora e são modicos os preços de sua tabella.

1121
29-Novembro-1909

Cinemas

RIO BRANCO—. Continua a ser muito frequentado esse sympathico cinema. As sessões de hontem estiveram muito concorridas.

Houve, na de 8 horas, mudança de programma.

Hoje haverá duas sessões sendo exhibido novo programma.

J. PINTO.—Sempre tem attrahido muita concorrencia o cinema do «Cassino».

As sessões de hontem tiveram enchentes a cunha.

Recommendamos o programma que é excellente.

Policia

Sexta-feira á noite vimos quatro guarda-civicos que conduziam ao posto central uma mulher embriagada.

Causou-nos admiração o modo delicado e paciente com que elles tratavam a ebria, que absolutamente não queria andar e que se rojava desesperadamente pelo chão.

Isto se deu em uma rua deserta e bastante afastada.

Causou-nos admiração o facto, porque em tempos idos o *facão* trabalhava em circumstancias identicas e no posto o bôlo e o corte do cabello eram o epilogo da prisão. Parece-nos que as coisas estão melhoradas; já um dia destes um nosso companheiro fez uma reclamação a um cabo da guarda-civica e este o tratou gentilmente.

Tempera mutantur.

E' digno de encomios e procedimento, embora seja tambem o dever dos guardas tratar bem a todos.

Que as coisas assim continúe é o que desejamos para bem de todos.

Xaropes

«A' marjem da historia» é o ultimo livro desse fino estylista e scientista profundo que foi Euclydes da Cunha.

Parece que ali o autor empregou toda a sua imaginação fecunda e belleza de linguagem. A gente lê o livro e não satisfeito torna a lê lo e ainda volta a catar-lhe e a reler-lhe os pedaços mais bellos.

O grande escriptor esmerou-se: o seu estylo parece um ribeiro a collear na planicie for

te e limpido, deixando ver no leito de alva silica seixos auriferos a rebrilharem ; por vezes escachôa de encontro a pedras ; doutras ruge, turvado : mas turvo mesmo mostra por vezes na silica do leito brilhos de seixos auriferos

Tem paginas magnificas : e agora que elle morreu daquelle modo tragico os seus escriptos nos calam nalma, as suas idéas nos invadem bruscamente numa sympathia subita, forçando nos a ama-lo e a comprehende-lo — como si essa corrente de sympathia que nos arrasta para o seu nome e para as suas obras fosse a reparação devida a sua infelicidade e ao modo covarde por que o acabaram.

Depois que elle morreu as suas obras nos impressionam mais e duma maneira differente da que nos impressionavam quando cheio de vida trabalha e produzia.

Pelo menos a mim assim aconteceu quando pela segunda vez li «Os Sertões», que foi logo após a sua morte.

Um dos capitulos do livro de Euclydes da Cunha que maior impressão me deixou, não digo pelo valor scientifico, mas sim pela belleza do estylo e poesia selvagem dos factos—foi aquelle que o autor appellidou simplesmente «Caúcheros».

Eu sempre gostei de ler as historias dos descobrimentos, das conquistas e das explorações : e todo esse rosario de nomes brilhantes que começa em Hannon, Herodoto, Pythéas, Nearcho e Eudoxio e que por Marco Polo, Ibn Batuta, Bethencourt e Christovam Colombo vai até Cortez Magalhães, Chanceller, Cook, Dumont d'Urville, Livingstone e Stanley tenho percorrido devotamente.

Todas essas chronicas de descobrimentos e explorações das terras ignotas nos prendem pelo imprevisto dos acontecimentos, a temeridade dos homens, o horror dos recontros e o dramatico dos lances.

Para toda terra descoberta ou cuja exploração torna-se necessaria parte logo um cabecilha e um grupo de homens que tomam uma feição especial.

A America descoberta teve um explorador para cada região: Pizarro foi ao Perú ; Cortez ao Mexico ; Hojeda ao Yucatan ; Balbôa ao Pacifico ; Ponce de Leon á Florida ; Grijalva ao Campeche ; Almagro ao Chile ; Orellana ao Amazonas e Cabral ao Brasil.

Do mesmo modo acontece na exploração das terras novas que se apresentam ao mundo cheias de riquezas faceis.

Para esses lugares seguem os mais pifios rebutalhos da sociedade, homens sem fé e sem lei, que vão desbravar o novo paiz, barbarizando, como diz Euclydes, a propria barbaria.

São brutaes, asperos e infames, mas têm a coragem indomita dos pioneiros e preparam á colonisação de melhores elementos a região que desbravam.

No Brasil, no sul, houve os bandeirantes quando as noticias trazidas por Duarte Lopes inflammaram as ambições desmedidas, atirando ao rosto inculto dos sertões bravios, ás margens sangrentas do Rio das Mortes os troços de paulistas heroicos ; houve tambem os garimpeiros de Minas e os caçadores de esmeraldas».

Para a California foram todos os aventureiros do mundo — a escoria das nações, afim de cavar o ouro nas serras e tira-lo da areia dos rios.

Homens audazes desbravaram a Australia e entraram armados até os dentes pela Griqualan dia a dentro.

O ouro, os diamantes e todos esses productos que podem dar facil e breve lucro são os unicos attractivos dessa rude gente.

Para a Amazonia, onde dá facil ganho a gomma elastica das «heveas» partem os cearenses, de "rifle" ao lado e parnahyba no cinto, sobrios, heroicos e resistentes.

Todos os recantos exquisitos, todos os rincões ignorados são explorados pelo homem que para elles se atira e apega-se ao sólo e torna-os a sua patria.

E sempre nos impressiona a historia dessas gentes semi-selvagens

O «caúchero» è o peruano ou o boliviano que do "cuchillo» na cinta e «rifle» ao hombro embrenha-se pelos meandros pantanosos e selvagens daquellas paragens atraz da "castillôa», isto è do «caúcho», dessa borracha inferior cuja arvore morre quando a sangam.

Dahi, dessa qualidade da castillôa» o nomadismo do homem obrigado a viver de arribada, sempre atraz da arvore pela espessura da floresta, dedo no gatilho, astucioso e valente, luctando com os «piros» ferozes e os mashcos sinistros.

E' um typo original o «caúchero», original e digno de ser estudado.

Muitos tem descripto as gentes mais originaes da terra : os cow boys do Far-West ; os gaúchos das pampas ; os kabylas da Mauritania ; os cossacos dos stepptas moscovitas ; os seringueiros da Amazonia; os pimos mexicanos ; os kirghizes das tres hordas e os mineiros de Kimberley.

Mas nenhum, num unico capitulo, magistralmente descreverá o homem original que é o «caúchero», como o descreveu o grande escriptor

Os inglezes e os francezes êm desbravado o continente africano, têm palmilhado meio mundo : mas de todos os pioneiros da civilisação, de todos os batedores de invios bosques e negros lamaçaes são o «caucho» e o seringueiro os mais heroicos e a quem coube uma porção de terra riquissima, porèm sinistra, feroz e traiçoeira.

Talvez que agora, neste instante em que alinhavo estas linhas um «cauchero», «fare ando el peligro», se approxime de rastros, silencioso, dedo no gatilho, dum arraial de "piros» ferozes, que descuidosos quedam, para espiona-los e contarlhes as forças «sob aquella unica escolta das doze balas do seu «rifle» ; e que dali volte a prevenir os camaradas, vindos áquelle poiso por terem avistado a folhagem das castillôas para que o estampido das detonações abale mais tarde a selva escura e os corpos bronzeados dos aborigenes tombem baleados a beira dos igarapès.

João do Norte

Estação de Bondes

Chamamos a attenção do snr. Thomé Motta para a immundicie que vae pela estação de bondes, entregue em mãos descuidosas.

O máu cheiro das baias mallimpas incommoda muito aº moradores fronteiros. Chegam-nos incessantes reclamação.

Acreditamos que disso não saiba o digno proprietario daquella empreza ; por isso lhe pedimos que providencie sobre o caso.

Muito lhe agradeceremos.

1122
1º Dezembro - 1909

José Bastos

Segunda-feira ultima, 29 de novembro, realisou a benemerita «Phenix Caixeiral», em sua séde, uma sessão funebre em homenagem á memoria do seu inesquecivel socio José Bastos, tão cedo ceifado pela foice da morte.

O predio da "Phenix" achava-se todo coberto de luto; das portas pendiam cortinas negras e véus negros cruzavam-se enlaçados pelos tectos.

Perante grande numero de pessôas de todas as classes sociaes, de gentis senhoritas e respeitaveis senhoras, das commissões das sociedades convidadas dos representantes do exmo. sr. general Marques Porto e do presidente do Estado e dos representantes da imprensa foi pelo sr. Alfredo Salgado aberta a sessão e dada a palavra ao orador official da "Phenix», o sr. José Victor F. Nobre.

O intelligente moço falou sobre a morte e sobre a vida, externou conceitos philosophicos e perorou habilmente conquistando muitos e merecidos applausos. Depois occupou a tribuna o joven poeta Mario Linhares; e após elle o dr. Domingos Bonifacio

Por ultimo falou o nosso presado companheiro Gustavo Barroso como orador official do «Centro Academico», sendo muito applaudido.

Não havendo quem quizesse mais se utilisar da palavra foi encerrada a sessão, da qual lavrou a acta o distincto secretario da sociedade sr. Miguel Cunha.

A acta foi assignada por todos os presentes.

Revestiu-se da maior solemnidade essa sessão funebre—digna homenagem á memoria do pranteado cearense e benemerito phenixta que foi José Perdigão Bastos.

Ainda a saudade que delle vive é grande e forte, o grande, e forte sempre será.

Os bons não morrem nunca.

Cinemas

DI MAIO.—Continúa a ter boa frequencia o cinema-theatro do sr Di Maio.

Muito tem agradado ao publico as canções e cançonetas cantadas por Galhardo, Jorio e Iracema bem como os numeros de musica do pianista Neira.

O programma para hoje é o seguinte: «Motor dolorosa», "film" d'arte; «Veste la juba», fita cantada extrahida da opera «Os palhaços»; «A ira e o perú, "film" americana da fabrica «Biograph»; e «A calça descosida", comicissima.

Pelo primeiro vapor seguirá para o Rio o emprezario Di Maio em busca de novas attrações para a sua casa de diversões.

RIO BRANCO.—O sympathico cinema da empreza Muratori & Cia tem sido bastante frequentado estes dias. Tem sido exhibido o programma seguinte:

«Pesca nos rios», do natural; «O espantalho», comedia de Daniel Riche; «Não ha meio de dormir», comica; «Hospitalidade Corsa», bella fita dramatica, emocionante ao extremo que muito recommendamos; e «As surpresas do amor, representada por Max Linder, engraçadissima.

Nas quartas feiras o cinema Rio Branco venderá as entradas de primeira a 500 reis e as de segunda a 200 reis.

Amanhã, quinta-feira, será reformado o programma.

Nesse dia, que é 2 de Dezembro anniversario natalicio do imperador D. Pedro II, haverá um espectaculo de gala em beneficio da estatua do grande brasileiro.

J. PINTO.—Sempre tem tido magnificas enchentes o cinema do «Cassino Cearense».

Transcrevemos o seu programma, que muito tem agradado pela boa escolha de suas fitas:

«Scenas da Revolução Franceza» (na Vendéa), dramatica, emocionantissima; "Pela honra», bella fita dramatica; «Incendio de um deposito de oleo na França», do natural; Minha mulher è dura de morrer», comica»; «A ponte da feiticeira" e «A vaidade», explendida fita comica.

Recommendamos ao publico o programma que è magnifico.

Cousas engraçadas

O Ceará tem bôas. Uns destes dias andava um fiscal do sêllo examinando as mercadorias susceptiveis desse imposto pela praça do Ferreira, multando aquelles que eram suspeitos de sonegar uns ceitis ao fisco que nos rouba por um pé.

Chegou o nosso homem á uma mercearia e pediu baralhos ao proprietario.

Viu os baralhos; examinou se estavam sellados: mas não contente com isso abriu distrahidamente o envolucro de um rompendo e inutilisandoo sêllo.

O dono da casa, que já desconfiava do gajo, esperou.

O fiscal entregou lhe, logo o baralho e somente murmurou cheio de impafia:

—Está bem.

—Está bem o que? estourou o mercieiro; o sr. rasgou a caixa do baralho, inutilisou o sêllo---paga os cinco mil reis

O homem do Fisco, espantado, julgando atemorizar o negociante, explodiu:

--Pago o que, não se faça de bêsta! Eu sou o fiscal e tenho direito de conferir todas as mercadorias.

E o taverneiro azedando se tornou em voz alta.

Paga, pega logo! Eu não posso ter prejuizos e não tenho nada com os fiscaes. Tenha paciencia, passe-me os cobres.

O «direi tu, direi eu» durou um pouco. Emfim para se descartar o fiscal grunhio:

—Debite. No fim do mez eu pago. E deu meia volta.

O mercieiro segurou-o pelo braço e disse:

--Debite o que? Você è besta; você tem lá credito aqui! Pague, pague logo senão eu me *estrompo*.

E o fiscal do sello pagou os cinco mil reis do baralho.

Regressou a Baturité onde reside, o nosso joven patricio Braulio de Hollanda.

Bôa viagem.

1125 - 9 - Dez - 1909

SINHA

Hontem, a morte implacavel e feroz que a ninguem poupa, que leva o ancião cançado de viver, o descuidoso mancebo, a donzella casta e pura e a terna creancinha, roubou do conchego de um lar feliz, traiçoeira e cruelmente, a mimosa Sinhá, gãrrula creancinha de quatro annos.

Sinhá o enlevo de seus pais, a alegria de sua familia, era uma creança vivaz, trefega, encantadôra.

Abraçamos cheios de sincero pesar aos seus dignos progenitores d. Maria Nunes de

Miranda e Luiz Cordeiro de Miranda, e tambem ao seu inconsolavel avô coronel Licinio Nunes nosso inamolgavel e velho amigo.

1126
10-Dez?-1909

Club da Lapïação

Communica-nos o nosso amigo Gustavo Barroso, secretario do Club da Lapiação, que nesta data foi eleita a directoria que tem de reger os destinos da sympathica e veterana sociedade carnavalesca e que abaixo transcrevemos:

DIRECTORIA

PRESIDENTE

Coronel João Salgado

SECRETARIO

Gustavo Barroso

THESOUREIRO

Augusto Lopes

DIRECTORES

Major José Moreira Villar
Antonio Nunes Valente
Joaquim Jorge Vieira
Joaquim Magalhães
Major Raymundo Guilherme
Francisco Barboza
Alvaro de Castro Correia
J B. de Hollanda Cavalcante
Arthur Themotheo
Plinio Campos
Capitão J. Marcondes Ferraz
J. Mac-Dowell G. Lopes.

1128
15-Dez?-1909

Auto piano «Rex»

Convidados pelo e timavel cavalheiro snr. Adolpho G. de Siqueira, agente neste estado da casa Standard, fomos á casa Arêas, onde tivemos o prazer de apreciar um bellissimo auto-piano «Rex», perfeitissimo instrumento, ultima palavra no genero.

O exterior do piano é o mais bello possivel, tanto pela qualidade da madeira como pela fórma e optimo verniz; o interior é fabricado segundo os ultimos e mais aperfeiçoados systemas, chapeado e com cordas cruzadas.

O auto-piano «Rex» póde ser tocado não só por professores e pessôas habilitadas como por qualquer leigo, pois contém, adaptada, uma PIANISTA «Rex».

Muito nos agradou o auto-piano «Rex» e muito o recommendamos ao publico como um bello e perfeito instrumento de facil manêjo, podendo ser adquirido sem grande custo e mediante prestações

O snr. Adolpho G. de Siqueira dará a quem desejar possuir um, os esclarecimentos necessarios, todas as explicações preciosas.

Club da Lapiação

Convido a directoria desse sociedade para a sessão a realizar-se domingo, 19 do corrente, á *1* hora da tarde, na residencia do director Francisco Barbosa, á rua Senador Pompeu.

Encareço o comparecimento de todos os membros da directoria, visto como se tem de deliberar sobre importantes assumptos, relativos aos festejos carnavalescos.

Gustavo Barroso

Secretario.

1136
3-Janeiro-1910

Club Iracema

Foi mais um triumpho para o veterano e sympathico «Club Iracema» o classico baile de 31 de dezembro ultimo.

Mais uma vez a velha sociedade provou o seu grande valor e prestigio: o seu vasto salão ostentava a fina flor da sociedade fortalexiense, para mais de oitenta gentis senhoritas, ricamente trajadas; e as danças prolongaram-se, sempre animadissimas, atè quatro horas da manhã.

A' meia noite em ponto falou o dr. Abner de Vasconcellos, saudando o novo anno em phrases cheias de poesia como a propria deusa Cloris, que optimamente descreveu.

Estrondosa salva de palmas e o espocar das girandolas saudaram a bellissima peroração do intelligente moço.

O *carnet* foi executado pela esplendida orchestra do Rio Branco e as extraordinarias pela banda militar do Batalhão de Segurança.

O serviço de *buffet* esteve irreprehensivel.

Trocaram-se amaveis saudações ao serem servidas as diversas commissões das sociedades convidadas e os representantes da imprensa.

Duradoura e magnifica foi a impressão deixada pela grandiosa festa do Iracema, a ultima de 1909.

Confessamo-nos gratissimos á sua directoria pelo modo cavalheiroso e gentil por que foi tratado o nosso representante.

E no novo anno que ora se inicia desejamos ao sympathico Club uma serie intermina de triumphos e que «ad multos annos» realise a classica festa de 31 de dezembro, sempre concorrida, sempre animada e sempre magnifica como a que tivemos o prazer de assistir.

Phenix Caixeiral

Sabbado, 1º de Janeiro, realizou a benemerita «Phenix Caixeiral» uma sessão litteraria seguida dum sarau dançante, em regosijo á posse da nova directoria. Após a posse de todos os membros e distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram no anno lectivo, falaram os intelligentes phenixtas Eleuterio Marcos e Genuino de Castro. Presidiu a sessão o exmo snr. coronel José Candido Cavalcante, digno presidente do conselho de honra.

Deu-se então inicio ás danças que duraram até duas horas da manhã.

A's commissões das outras sociedades e aos representantes da imprensa foi servida uma taça de champagne, trocando-se por essa occasião diversos brindes.

A todos que presentes estiveram á brilhante festa da Phenix cumulou a directoria de nimias gentilezas. Nós ficamos eternamente gratos pelo modo ...hano e affavel por que fomos

rntados e auguramos á distincta sociedade farta messe de louros a colher no caminho da honra e do dever, que até agora sempre tem trilhado. Dignissimos e bem escolhidos são os nomes dos que compõe a nova directoria, como dignissimos são os da que passou: portanto é de esperar que a «Phenix» trilhe sempre a estrada do progresso para gloria e engrandecimento do Ceará

1138
7-Jan.-1910

Companhia Bosio Salici

Excedeu a nossa espectativa a estréa dessa sympathica companhia italiana de «marionettes» e cançonetistas.

Houve uma enchente a cunha. A orchestra nada deixou a desejar. O espectaculo foi dividido em tres partes.

A primeira constou da magnifica e espirituosa revista madrilena—a "Gran Via", desempenhada por perfeitos e engraçados «fantoches», acompanhados pelos cantos dos bons artistas da companhia, occultos nos bastidores.

As «marionettes» são muito perfeitas e é admiravel o modo por que se movem, obedecendo aos delgados e numerosos fios de arame manejados por peritas mãos. Em verdade confessamos que o espectaculo nos agradou muito.

Optimas são tambem as vozes dos figurantes da companhia, especialmente das gentis «signoritas»—Margheritta e Maria. A scenographia do pequeno theatro é tambem muito bôa; destacamos o scenario da penultima scena, que é esplendido.

Ao terminar a "Gran-Via», por uma nimia gentileza do director da companhia, deudejou no ar por sobre os espectadores um engraçado boneco, que desdobrou uma bandeira brasileira entre festivas detonações.

Após a «Gran-Via» o cinematographo projectou a delicada e sentimental fita, extrahida da novella de Coppù—O Violeiro de Cremona.

Foi esta a segunda parte.

Na terceira houve cançonetas cantadas por Margheritta, Maria e Edgardo.

Edgardo é um artista eximio no genero comico, arrancando á platéa gostosas gargalhadas.

Margheritta e Maria, a par da captivante e sympathica presença, possuem o magnifico dom duma esplendida voz.

No palco são arrebatadôras; prendeu-nos completamente a attenção.

Felicitamos á companhia Bosio Salici pelo successo alcançado e especialmente aos artistas que mais particularmente tivemos occasião de apreciar e que foram o comicissimo Edgardo e as graciosas cançonetistas Margheritta e Maria.

—

Auguramos tambem á merecedora «troupe» optimas enchentes e novos triumphos

Pede-nos a empreza Muratori & Cia., o favor de prevenirmos que, emquanto estiver em trabalho a companhia Bosio Salici, ficam sem valor os ingressos permanentes do cinema «Rio Branco», valendo somente os da mesma companhia.

—

E' o seguinte o elenco da companhia Bosio Salici: maestro Bosio, director Eurico Salici; artista—Edgardo Salici, Margheritta, Maria, Vittorio, Adolpho e Ada.

1139
10-Janeiro-1910

Iracemistas

Ha dias, n'esta capital, foi fundada uma sociedade dansante para os prelios carnavalescos, com o titulo supra e sob a presidencia do distincto commerciante João Areias.

Hontem a novel aggremiação realizou o seu primeiro *assalto* no «Iracema»

Teve o mais completo exito esse brilhante sarau. A elle concorreu o escól do nosso meio social.

Revolutearam os pares de animados valsistas, ao som da musica do «Batalhão de Segurança», até uma e meia da manhã.

Accedendo á delicadeza de amavel convite lá estivemos; e, pelas gentilezas que nos fôram dispensados, confessamo-nos summamente gratos.

Que sejam concorridas e animadas como a de hontem todas as festas dos sympathicos «Iracemistas», é o nosso sincero desejo.

1140
12-Janeiro-1910

Grupo Amor Perfeito

Communicam nos a fundação e directoria dessa novel e esperançosa sociedade:

Presidente—Conrado Cabral Filho.

Vice-presidente—João Baptista Lopes.

Secretario—Raul Cabral.

Thesoureiro—João Garcia Arêas.

Directores—Antonio Alves de Carvalho, Antonio Dias Martins, Antonio Benicio Cavalcante Antonio Gentil, Adolpho G de Siqueira, Ildefonso Albano, Julio de Azevedo e Sá, Emilio Cabral, Cauby Ribeiro e Rubens Nelson Alves.

Está marcado para sabbado 15 do corrente, o primeiro assalto, em casa do vice-presidente, coronel João Baptista Lopes, o qual se acha preparado para receber com brilhantismo aos distinctos assaltantes.

Pede-nos a digna directoria o favor de prevenir que só será permittida a entrada aos socios que exhibirem os seus ingressos.

1143
15-Janeiro-1910

Grupo Amor Perfeito

Foi um verdadeiro, completo e esplendido triumpho a deliciosa festa dessa novel e sympathica associação, sabbado ultimo, na residencia do amavel cavalheiro sr. João Baptista Lopes.

A's oito e meia da noite os assaltantes invadiram alacres os salões defendidas por graciosissimas senhoritas, profusamente illuminados, travando-se renhida batalha de chloretyl e confetti.

Sempre animados e alegres revolutearam os pares, valsando pelos salões, sob a esplendida luz dos lustres, ao som da maviosa orchestra regida pelo maestro Ciarlini, até quasi duas horas da manhã.

A essa hora retiraram-se todos, captivos do modo lhano e delicado por que foram tratados pela gentillissima familia do digno vice-presidente do «Grupo Amor Perfeito».

O serviço do *buffet*, a ornamentação dos salões, a illuminação estiveram irreprehensiveis.

O «Grupo Amor Perfeito» provou cabalmente a grande sympathia de que goza e o seu prestigio em o nosso meio social: realizou a melhor festa carnavalesca a que temos assistido este anno.

Ao seu magnifico «assalto» concorreu o que ha de selecto em nossa sociedade.

Dessa festa brilhante e alegre trouxemos perduravel impressão.

Notámos a presença das respeitaveis senhoras e gentis senhoritas, cujos nomes temos o prazer e a honra de publicar:

Mes. João Lopes, Conrado Cabral, Benicio Cavalcante, Adolpho Siqueira, Raul Cabral, Izaura Horta, Antonio Martins, Luciola Albuquerque, Darcilia Cabral, Senhorinha Cunha, Preciosa Lopes, Domingues Carneiro, Vicente Lopes, Souza Carvalho, Joaquim Barroso, Sylla 'Amorim. Senhoritas: Antonietta, Guiomar e Leonor Machado Coelho, Annita e Belliza Gentil, Antonietta e Beatriz Martins Maria e Iracema Souza Carvalho, Ormezinda, Laudamia e Lavinia Costa Freire, Iza Horta, Dagmar d' Albuquerque, Lydia Magalhães, Nenen Lopes, Maria Celeste Cabral e Odette Nunes, Ailza e Alice Cabral, Maroca e Dondon Amorim, Margarida, Zilm, Branca e Cléa e Julitta Alves, Guiomar e Dondon Moraes, Cecilia Alves, Laîda e Stella, Marietta e Ilma Nogueira, Stella, Walinda, Cléa e Idilva Barrozo, Mariana Rendall, Marilnha Maciel e Leonor Amorim, Maria Julia, Hilda e Alayde Lopes, Juvenilia e Maria Campos, Carminha, Julia, e Maria José Durval, Maria e Irene Lopes, Violeta Rodrigues, Margarida Souza, Hilda Nunes, Beatriz Bacellar e Francisca Barbosa.

Pelo realce que o «Grupo Amor Perfeito» soube dar ao seu brilhante assalto, fazendo-o destacar-se dentre todos os que têm havido, felicitamol-o sinceramente e auguramos-lhe novas victorias nos renhidos e alegres prelios do velho Momo.

Sabbado o «Grupo» assaltará a casa do sr. Zacharias Bayma e podemos vaticinar uma outra festa tão brilhante como a primeira, vistos o prestigio do «Grupo» e a fineza do amavel cavalheiro, cuja residencia será atacada.

1146
26-Janeiro-1920

Grupo Amor Perfeito

Sabbado ultimo este incançavel e alegre grupo carnavalesco assaltou a esplendida residencia do nosso bom amigo Zacharias Bayma.

Essa festa foi mais um triumpho, mais uma victoria, um novo successo para o festejado «Grupo Amor Perfeito». Esteve acima de toda a espectativa, produzindo a mais duradoura impressão.

E' de notar num meio safaro como é o nosso, o enthusiasmo e alegria do «Grupo», sociedade de moços alegers, que sabem fruir bem os passageiros dias do Carnaval e que se têm distinguido, pondo-se em completo destaque no nosso meio social.

Todas as suas festas têm tido um cunho especial, uma alegria franca, completa, uma animação fóra do costume, como ainda não tinhamos visto em sociedades congeneres. Além disso o « Grupo Amor Perfeito » conta com as sympathias da maioria do belllo-sexo cearense. Dahi a animação excepcional de suas festas, que têm provado quanto acabamos de dizer.

A's oito e meia da noite foi assaltada a vivenda do estimavel cavalheiro por grande numero de gentís senhoritas e alegres foliões, sendo pertinazmente defendida pelos que já ali se achavam.

A's nove horas despejaram os bondes nova chusma de assaltantes, tendo então inicio as danças, que duraram até duas horas da manhã.

Os numeros de musica foram todos executados pela magnifica orchestra do «Batalhão de Segurança», sob a batuta do maestro Mario de Souza. Nos intervallos fizeram-se ouvir os accordes de mavioso piano.

Sempre em crescente animação dançaram as graciosas senhoritas e endiabrados foliões do «Amor Perfeito» até ás duas horas, quando todos se retiraram em bondes especiaes, ferindo os ares por essa occasião as notas profundamente vibrantes de enthusiastico Zé Pereira.

Compareceram ao «sem salto» para mais de sessenta graciosas senhoritas e respeitaveis senhoras do escol de nossa sociedade.

A distincta familia Bayma foi incançavel em bem servir os assaltantes, captivando a todos pelas suas gentilezas, franqueza e alegria.

A «Villa Bayma» achava-se exteriormente illuminada por pequeninas lampadas de côres presas ás cornijas e na varanda da entrada oscillavam dezenas de lampadas japonezas de caprichosos lavores polychromicos.

Ao «Grupo Amor Perfeito» levamos mais uma vez os nossos parabens e ao nosso dedicado amigo, **Zacharias Bayma, os nossos** agradecimentos

1148
31-Janeiro-1910

Club da Lapiação

Balle Carnavalesco

6 de Fevereiro

DIRECÇÃO GERAL

J. Mac Dowell G. Lopes.

Commissão de recepção Alvaro de Castro Correia, Joaquim B. de Hollandá Cavalcante.

Plinio Campos
Gustavo Barroso
Affonso Moraes
Alberto Campos
Sebastião Cavalcante de Albuquerque

Raymundo Caminha
Joaquim Sá.
José Marcondes Ferraz
José Sabóya
José Querino da Silva
Augusto Sidrim
Francisco Vieira Sobrinho
Alexandre G. Valente
Antonio Mourão
Alfredo Themotheo
Virgilio Bizerra
José Araripe
Luiz Felippe.

Directores dos Salõeo

Salão Club da Lapião

Arthur de Mourã Ramos

« « **Phenix Caixeiral** »

Joaquim Magalhães.

« « **Amor perfeito** »

Sebastião Sá.

« « **Mão negra** «

Affonso Moraes

« « **Conspiradores Internaes** »

Gustavo Barrozo.

BUFFET

João Aleixo Sá
Eleutherio Moraes
Lourenço Sá
Philemon da G Lyra
Francisco Hollanda
José Barreto.

Reconhecimento

Augusto Lopes
José F. Ramos
Francisoo Barboza
Joaquim Jorge Vieira

DIRECTOR DA ORCHESTRA

Augusto Lopes.

Fortaleza—31—1—1910.

1149
2 Fevereiro-1910

Grupo Amor Perfeito

O "Grupo Amor Perfeito" é invencivel! —Foi esta a phrase que todos, os de Fortaleza, sem excepção, soltaram, ao verem o brilho e o enthusiasmo da esplendorosa festa, que o «Grupo» realisou na residencia da exema. sra. d. Leonilia Montenegro.

E com effeito essa festa foi o que houve de mais "chick", de mais correcto, de mais animado em todo o carnaval; foi a prova altisonante do valor moral, da sympathia e da influencia que os distinctos socios do "Grupo» gozam em nosso meio.

A nota mais «smart» e completamente original do magnifico «assalto» foi a esplendida batalha de flores naturaes, travada ao assaltar a luxuosa residencia de d. Leonilia, que se achava ornamentada a capricho e feericamente illuminada.

Foi a primeira batalha de flores travada nos «assaltos» carnavalescos: ainda nenhuma sociedade congenere tivera tal lembrança, que foi, repetimos, a nota mais chik da esplendida festa.

A's oito e meia horas da noite, partiu da avenida 7 de setembro, numeroso grupo de gentis senhoritas, respeitaveis senhoras e alegres foliões dirigindo-se á casa de d. Leonilia, onde ao clarão das luzes fugindo pelas janellas e espraiando-se na rua estacionava serenando compacta multidão.

Cada senhorita conduz um bellissimo ramalhete de flores naturaes; muitos cavalheiros tambem.

Ao chegar o grupo á residencia referida estrugiu enthusiastico Zé Pereira: accorreram

os assaltados de chloretyl em punho e a derramar sacco e saccos de confetti : e o grupo entrou alegre e festivo, por entre acclamações, atirando sobre os assaltados as petalas delicadas das flores desfolhadas dos bellos ramalhetes.

Começaram então as danças que se prolongaram até uma e meia da manhã, sempre animadissimas.

Era de vêr o aspecto deslumbrante dos salões ; sob os jorros de luz doudejavam graciosos pares, ao som da musica do Batalhão de Segurança : perpassavam velozes gazes tenues, velludos ricos de custosas e interessantes phantasias; e, por vezes, um dominó mephistophelico, um padre caricato, um matuto basbaque punham uma nota comica naquelle todo essencialmente carnavalesco.

A' meia noite em ponto foi servida uma taça de champagne aos presentes, brindando por essa occasião a d. Leonilia Montenegro e aos seus dois filhos que nesse mesmo dia haviam chegado do norte do paiz, em nome do «Grupo», em curta e feliz allocução, o academico Gustavo Barroso.

Respondeu, penhorada, a digna e gentilissima senhora, abafando o final de suas delicadas expressões estrondosa salva de enthusiasticas palmas.

Depois falaram, brindando ao bello sexo cearense, os incansaveis socios do «Grupo Amor Perfeito" Elcias Lopes e Joaquim Moreira de Souza.

Essa festa brilhante,—estrondosa e completa victoria, que pôz acima da menor duvida o valor e prestigio do «Grupo» deixou a melhor e mais duradoura impressão ; angariou immensa sympathia para o «Amor Perfeito», cujas festas têm sido as melhores dessa epocha carnavalesca, sendo elle proprio o *clou* do Carnaval.

E' de esperar que as suas outras festas tenham o mesmo realce.

Entre as bellas phantasias que vimos no brilhante sarau notamos as seguintes:

Gracioso grupo de lindas marujas, tripulação de invejado barco que tivesse mastros de sandalo, carena d'oiro, velas de setim, com mascaras negras encobrindo a meio as delicadas feições de bellos e juvenis rostos, era composto das gentis senhoritas Ilnah, Iracema e Maria Souza Carvalho, Diana Herbster, Antonietta Ibiapina, Zilma Perdigão e Beatriz Abreu, Mlles. Isa Horta graciosamente phantasiada da celebre revista "Je Sais Tout" ; Odete Nunes, de feiticeira e gentil zingara, daquel as que vagueam pelas margens do Danubio, bellas como as paysagens da Transylvania, dôces como o murmurio saudoso do grande rio ; Lydia Magalhães, de attrahente e deliciosa Grega, vinda dos cerros da Thessalia, coberta de perolas de Ormuz ; Alzira Fonseca, de bella e tentadora filha do Oriente, nos olhos tendo o azul do cèu de Mysora, nos labios o coral do Malabar.

Grande foi o numero de graciosas senhoritas e respeitaveis senhoras que compareceram ao "assalto", pelo que nos é impossivel citar nomes pois muito nos escaparam por certo ; accresce que dispomos de curto espaço. Podemos, porém, assignar que enchia os salões para mais de oitenta senhoras e senhoritas do escol de Fortaleza.

A exma. sra. d. Leonilia captivou a todos com a franca expansão de seu genio alegre, bem como com a sua fidalga acolhida e esmerado tratamento.

O "Grupo Amor Perfeito" mostrou ao povo fortalexiense a pujança de seus membros, os grandes recursos de que dispõe para realizar festas brilhantes como essa, sem auxilios estranhos e a despeito de mil difficuldades: portanto, a elle os nossos effusivos parabens.

1150
4-Fevereiro-1910

Lerias e pilherias

—A "Republica de hontem traz uma *autoria* do telegraphista José Carlos...

—O leitor leu?

—Oh! bicho escrivinhador e de coragem.

*
* *

Na alfandega... drogas falsificadas... Meneleu removido ou demittido...

—Justiça, justiça...

*
* *

Quem desejar desaprender Portuguez procure o velho Carvalho que *entende* muito da materia

*
* *

Segundo ouvimos dizer o Carnaval d'este anno constará das seguintes criticas:

—Lições de chaleirismo pelo dr. Baltre.

—O *derrengado* negando attestados por ordem superior.

—Os tres *independentes* telegraphistas pegando na serra do babaquara.

—Critica da cabeça do Jaburú.

JACY.

1151
7-Fev.º-1910

Grupo Amor Perfeito

O exmo. snr. coronel José Moreira Villar recebeu quarta-feira passada em seus vastos salões o invencivel «Grupo Amor Perfeito».

Essa imponentissima festa, uma das mais concorridas que temos visto, produziu magnifica impressão: todos que a ella assistiram, ficaram conscios do interesse e esforços que o dignissimo moço e sua gentilissima consorte envidaram, para dar o maior brilho e enthusiasmo ao *assalto* do «Amor Perfeito», cujos socios para sempre ficarão gratos ao trato fino e a immensa consideração que lhe dispensaram.

Durante toda a festa lia-se em todos os rostos a mais franca alegria; via, se o enthusiasmo produzido pela consciencia do valor das gentilezas recebidas, provando ainda uma vez o prestigio do grupo; e advinhava-se o reconhecimento aninhado no escrinio mais puro dos corações.

Começaram as danças ás 9 horas da noite e duraram, sempre na maior alegria, até duas horas da manhã.

Os convidados retiraram-se em bondes especiaes no meio de vivas ao «Amor Perfeito», vivas esses que estrugiram já, victoriosos, em festas passadas; que o receberam á porta da residencia do snr. José Villar, fremente e enthusiasticos; e que sempre têm soado frenéticos, delirantes em todas as festas do «Grupo», isto è, em todas as suas victorias.

Os salões estavam decorados com o mais fino gosto: pendiam do tecto esplendidos festões e nos claros das portas,

espanejavam-se grandes e magnificos amores perfeitos.

Houve, tambem, uma nota original e toda *chic* : os alegres rapazes do «Grupo», ao iniciarem-se as danças, fizeram ampla distribuição de amores perfeitos naturaes, vindos especialmente da serra de Baturité, pelas gentis senhoritas, que ficaram com os collos artisticamente ornados.

Prendeu a todos a captivante alegria e delicadeza do snr. coronel José Villar e sua exma esposa que souberam dar uma festa concorridissima e mais do que brilhante, não poupando para alcançarem o esplendoroso triumpho que alcançaram, todos os esforços possiveis.

Ao champagne o academico Hermenegildo Porto agradeceu em bellissimas palavras ao snr. José Villar e familia a honra que fizeram ao «Grupo Amor Perfeito» e as provas de consideração, que lhe dispensaram: commovido respondeu o digno e honrado moço : ás ultimas phrases rebentou um delirio de applausos.

Depois, brindou ao bello sexo agradecendo-lhe as grandes provas de consideração, sympathia e apreço dispensados ao «Grupo», o socio Gustavo Barroso.

Após este fallou o dr. Arthur Rocha, erguendo nouo brinde ao bello sexo e outro ao sexo forte.

Entre as custosas phantasias que vimos e que eram muitas notamos :

Melles. Nubia Bayma phantasiada de gentil montanheza do Epiro, desse bello e selvatico paiz do Montenegro ; Isa Horta, de graciosa e linda «geisha», meiga filha das ilhas nipponicas, pensativa como se estivesse a scismar, contemplando as paysagens do Fusi-Yama;

Edith Moura, de caprichosa cigana, bella e indolente filha da vetusta Bohemia ; Odette Nunes e Lydia Magalhães de lindas orientaes ; Eloah e Dulce Souza Carvalho, de bonitas camponezas da Syria.

Acima da espectativa esteve a festa ; a ella comparececeram mais de trinta senhoras e mais de oitenta e seis senhoritas.

Pela majestosa festa devida aos seus grandes esforços felicitamos ao snr. coronel José Villar e á sua virtuosissima consorte ; ao «Grupo Amor Perfeito» tambem enviamos os nossos parabens por mais esse estrondoso triumpho, que o veio pôr ainda mais em destaque.

1153
11-Fev.-1910

Amor Perfeito

Com uma magnifica polyanthéa, assim epigraphada, celebra o invicto e distincto «Grupo Amor Perfeito», em traços de oiro, os seus esplendidos triumphos carnavalescos, triumphos jamais igualados.

A polyanthéa é ricamente impressa e traz além das transcripções das noticias das festas publicadas pelos jornaes, um bonito soneto e um bello artigo de fundo.

Foi distribuida terça-feira ultima, no « Iracema », por uma graciosa menina phantasiada de Amor Perfeito.

A gentil creança que tão bem se houve em seu mimoso papel é filha de nosso amigo Zacharias Bayma, a quem o « Grupo » deve grandes obsequios.

Parabens ao « Amor Perfeito » pela sua bella polyanthéa e original meio de distribuição, tão bello e mimoso, tão cheio de graça.

Pelo exemplar que nos foi gentilmente enviado confessamo-nos gratos.

Club da Lapiação

Viemos encantados da brilhante festa dos *Lapiadores*, domingo, no palacio feerico da « Aguia de Prata ».

Até tres e meia da manhã duraram as danças, sempre n'um crescendo de animação.

Cinco foram os salões, onde se dançava : « Amor Perfeito », « Conspiradores », « Iracema », « Phenix » e « Mão Negra ».

Estavam todos festivamente ornamentados com arte e graça.

A illuminação foi esplendida; a orchestra não menos.

No alto da porta de entrada uma lampada electrica banhava de luz o movimento do *sereno*.

A' meia noite foi servida profusa taça de champagne ás commissões das sociedades convidadas e aos representantes da imprensa. Todas as commissões ergueram brindes á « Lapiação », congratulando-se com ella por mais aquelle triumpho. Respondeu pela «Lapiação», agradecendo as nimias gentilesas o secretario da mesma, nosso amigo Gustavo Barroso.

Calculamos em cento e cincoenta as moças que compareceram.

Magnifica foi a impressão causada.

Felicitamos á veterana e gloriosa «Lapiação» pelo triumpho obtido, fazendo votos para que louros de muitas victorias lhe cubram a fronte vencedora.

Club Iracema

Ha muito tempo o veterano «Club Iracema» não realizava uma festa tão brilhante e tão concorrida como a de terça feira ultima.

Mais de cem graciosas senhoritas, o escol de nossa sociedade, enchiam o vasto salão do «Iracema» caprichosamente ornamentado.

Quasi todas estavam ricamente phantasiadas, formando um conjuncto rico e magnifico de brilhantes trajes, onde as chamarras d'oiro brilhavam sobre o escarlate dos veludos e as rendas alvas e puras sobre o lustre dos setins.

O numero de phantasias foi tão grande que, por temor de alguma esquecermos, abstemo-nos de publical-as.

Ao servirem-se as diversas commissões e representantes da imprensa, trocaram-se amistosos brindes. Destacamos o curto, masculo e bello brinde elevado pelo representante do "Amor Perfeito": quatro palavras consubstanciando muitas phrases, sinceras e simples, sem floreios de rhetorica barata, sem ouropeis desvalorizados já pelo grande consummo e que os diccionarios vendem a três por dois.

A festa terminou ás 3 horas da manhã : durante todo o baile reinou o maior enthusiasmo.

Ha muito tempo tornamos a repetir, não assistiamos a um baile de mascaras tão bello, nem tão imponente.

Por isso felicitamos á incansavel directoria do «Club Iracema.

Conspiradores Infernaes

Foi uma bella e imponente festa a de sabbado no Club Iracema. A «Furna Encantada» resplandecia como um palacio de fadas.

O grande salão estava repleto de bellas e gentis senhoritas, lindamente fantasiadas, offerecendo á vista um conjuncto mais que bello, empolgante e arrebatador.

Sempre com o mesmo ardor prolongaram-se as danças até tres horas da manhã, quando todos se retiraram, saudosos do bello sarau, de tão amavel convivio. A orchestra e o *buffet*, foram o que se pode desejar de melhor.

A' meita noite a directoria offereceu uma taça de champagne, ás commissões das sociedades representadas, trocando-se por essa occasião cordiaes saudações.

Dessa festa nos ficou grata lembrança; e pelas gentilezas de que fomos alvo, queiram os alegres foliões da legião dos valentes *Conspiradores* acceitar um abraço de amizade e gratidão.

1155
16-Fevereiro-1910

Ultimo assalto

A chave de oiro com que o «Grupo Amor Perfeito», o mais distincto dos grupos carnavalescos, encerrou o carnaval de 1910 foi a imponente festa realizada na residencia do coronel Adolpho Barroso, esplendido sarau um dos melhores do «Grupo» para o qual já não mais achamos expressões lisonjeiras. Por absoluta falta de espaço ainda não haviamos falado nesse magnifico festival.

A festa esteve na altura dos creditos do «Grupo» e da proverbial gentileza do dono da casa e de sua dignissima familia.

Eterna lembrança deixou para o «Amor Perfeito», pois nella realizou-se solemnemente a posse da nova directoria.

Ao « Grupo Amor Perfeito » enviamos a expressão sincera de nossos agradecimentos pelas gentilezas que nos dispensou, e o nosso cartão de parabens por mais esse estrondoso triumpho. Ao coronel Adolpho Barroso felicitamos pelo realce que soube dar a essa brilhante festa realizada na sua bella residencia.

1163
7-Março-1910

Conferencia

De todas as conferencias realizadas na séde da benemerita « Phenix Caixeiral » foi, talvez, a mais concorrida a de quinta feira ultima, que teve por thema o momentoso cometa de Halley e por conferencista o nosso distincto amigo e illustre engenheiro civil, dr. Antonio Theodorico da Costa.

Para mais de quatrocentas pessôas assistiram a essa bella palestra scientifico-literaria.

Mais uma vez o brilhante conferencista deu provas de seu talento, cultura scientifica e erudição literaria.

A sua conferencia não teve a seccura das explanações scientificas, não; teve a ameniza-la topicos literarios e historicos, escriptos com suavidade, poesia e belleza de linguagem, phrases chistosas e alegres, comparações bellas e delicadas.

De quando em vez interrompiam-no os applausos do selecto auditorio, onde se notavam as presenças de espiritos

cultivados, dos mais distinctos homens de sciencia e lêtras do nosso meio,

Descreveu os cometas, traçou lhes as orbitas, estudou-os a vagabundar através do infinito, analysou-lhes a estructura e a composição. Mostrou como têm sido descobertos e qual a periodicidade de suas orbitas, particularizando o de Halley em todos os pontos.

Descreveu o de Biéla bi-partindo-se, outros desfazendo-se numa chuva de estrellas, crivando o céu de palhetas d'oiro; outros desapparecendo para sempre lá pelos confins dos céus, e ainda outros a perpassar velozes com a rapidez de milhões de leguas por minuto, erguendo a cauda de luz como um estandarte de guerra.

Estudou a natureza e forma dessa cauda proficientemente, bem como o seu nucleo.

Fez vêr o modo por que eram considerados pelos nossos remotos avoengos : presagios de terriveis cataclysmas, prenuncios de crúas guerras e mortiferas crises, de flagellos, de fomes, de inundações, de terremotos e de epidemias, mensageiros da morte dos papas, dos imperadores e dos reis.

E pela zona da historia lançou-se estudando esses modos de vêr, essa ignorancia e esses erros.

Tratou tambem da astronomia, do seu apparecimento, progressos e evolução ; dos descobrimentos scientificos, do adejar dos espiritos dos grandes astronomos pelo páramos do firmamento; pintou e descreveu Newton descobrindo a lei da gravitação universal, Levernier achando Neptuno no resultado dum calculo mathematico.

Falou sobre as probabilidades contrarias e favoraveis dum choque da terra com qualquer desses astros errantes, muitos delles sem orbita determinada, sem caminho certo, «verdadeiros vagabundos no espaço », mostrando a inutilidade dos terrores humanos a esse respeito e da mesquinha probabilidade de tal acontecimento.

Por mais de uma hora discorreu brilhantemente sobre todos os assumptos relativos aos cometas e ao de Halley, especialmente, com proficiencia, criterio e erudição.

Ao findar a sua bella peroração saudou-o unisona salva de palmas.

Nós que assistimos á conferencia, embora pouco sabidos em coisas astronomicas, podemos assegurar-lhe que tivemos magnifica impressão e que a sua conferencia foi das melhores a que temos assistido.

Nessas linhas vão os nossos parabens pelo modo por que soube mostrar o seu talento, gosto e cultura nessa brilhante palestra scientifico-literaria sobre o cometa de Halley.

1169

21-Março-1910

CONFERENCIA

Quinta feira, conforme annunciámos, realizou no palacête da «Phenix» Caixeiral, sob o thema «O Beijo», uma conferencia literaria o nosso talentoso hospede Vieira da Silva, quartannista de direito e membro da Academia Maranhense.

O joven conferencista tem talento e instrução, uma dicção facil, um tom de voz sympathico e sabe poeticamente burilar a sua phrase.

Começou descrevendo em que consistia o beijo; definiu-o.

Mostrou-o como deve ser dado pelo filho, pelo esposo, pelo amante e pelos paes.

Depois lançou se á zona da historia, tanto da profana como da biblica e sagrada mentira mosaica.

Pintou com leves tintas Adão beijando Eva na angelica fragancia do paraiso terreal, onde se erguia temerosa essa arvore da sciencia do bem e do mal, a cuja sombra Newton dormiu e Voltaire gargalhou cynico e indomavel. Descreveu, e isso foi o que de melhor produziu, descreveu com phrases vivas e eloquentes o beijo infame de Judas Iskarioth na face angelica dum moço que descêra duma fertil aldeia da Galiléa, cheio de sonhos, de amor e de persuasão, ficando sempre o mesmo através das mutações socias — stigma de traição, ferrete dos tredos e dos villões.

Depois sorriu a contar que Romeu, abraçado no balcão á filha dos Capuleti, espreitava entre dois beijos o despontar do rosiclér da aurora, emquanto a cotovia trinava esplendidamente nos sorçaes das charnecas.

Habilmente soube perorar, prendendo o auditorio a sua voz sympathica e a belleza de sua linguagem.

Mostrou-se conhecedor bastante da poesia nacional, pois que por muitas vezes recitou trechos de Bilac e outros poetas de igual realce e nome, enxertando tambem na sua conferencia muitos versos de poetas celebres e quadros populares.

Começou o seu exordio com o autor Samaritaine, do glou e do Chahteclair:

—«Un baiser c'est un point rose sur l'i du verbe aimer.» que na bella traducção de Porto Carreiro quer dizer:

—Um beijo é um ponto roseo no i do labio que se adora...

Tornamos a repetir o nosso conceito sobre os dotes intellectuaes do snr. Vieira Silva, renovando-lhe os nossos parabens.

1171
28-Março-1910

Theatro José de Alencar

Particularmente convidados pelo intelligente artista J. Paula Barros visitamos o salão de concertos do theatro José de Alencar, ora em construcção, salão que os entendidos appellidam *Foyer*.

Apezar dos nossos poucos conhecimentos na esphera da sublime arte de Rafael e Van Ostade, que Augusto Comte classificou como a mais esthetica, logo abaixo da Poesia, sacudindo a Architectura para a ultima classe—como a mais technica; apezar do nosso mesquinho saber a este respeito, ousamos sempre dizer alguma cousa.

Todo esse bello serviço de decoração que logramos apreciar quiçá o melhor do theatro pela unidade de sua concepção foi exclusivamente projectado e executado pelos habeis artistas J. Paula Barros e Ramos, aquelle de nome já feito fóra do Estado, este o conhecido e estimado bohemio da nossa rapazeada.

A decoração é do estylo da «Renascença», apropriadissimo á sala, pois que o edificio em que ella se acha é do mesmo estylo, embora pesado de archivoltas atufadas de ornatos.

No tecto se acham, no centro de paineis fronteiros, dois bellissimos e fieis retratos de Alencar e Carlos Gomes; os paineis são orlados com esses ornamentos volteados, terminando em cabeças de animaes e bustos de mulher, que Raphael amorosamente empregava nos seus trabalhos.

Os tons são agradaveis, azeitonados, simples, serios e frios; nenhum matiz quente desmente o effeito do conjuncto; as sombas são bem applicadas—frias sobre undos frios.

A ornamentação das paredes é magnificamente bem acabada.

O *foyer*, como lá rosnam os conhecedores, é uma das mais bellas peças do theatro.

Pelo seu bello e artistico trabalho felicitamos ao Paula Barros e ao Ramos, sinceramente. Ao mesmo tempo rogamos aos mesmos que não permittam que algum critico feroz veja nas nossas desprentenciosas phrases um insulto á arte e nos esmôa sob o tacão de sua sciencia, e não nos achate com o botim de seus conhecimentos.

1165 - 11-3-1910

Um dos melhores almanaques que temos visto é o da pharmacia «Amazonas», de Manáos, propriedade de Vicente Araujo.

Traz magnificos trabalhos literarios em prosa e verso, devidos ás pennas dos talentosos poetas Irineu Filho, Antonio Nobre, Americo Facó e Suares Bulcão, o habilissimo autor das «Paremias».

Traz tambem um bello conto do nosso chronista João do Norte.

Será distribuido gratuitamente.

1165
11-3
1910

NUM. 1166

A Sandalia da Cortezan

(Ao José Aguiar)

O Nilo corria barrento e triste, silente e vagaroso, por entre os caés e os renques de marmoreos palacêtes da nova e bella Naucratis, a flôr do Delta, a «poderosa navegadôra», — unico porto egypcio em que, segundo um regio decreto de Amasis, podiam, ancorar as velozes galeras do Mediterraneo, que lhe traziam nos profundos bôjos vinhos de Chypre, bronzes de Corintho, malobathro da Cyrenaica, electro de Sidon e purpura de Tyro.

Nesse tempo, reinando Amasis da vigesima quarta dynastia, era prohibido a qualquer navio entrar em outra barra que não fôsse a Canopica, nesse delta lodoso do velho Nilo. Si forçado por tempestades infringisse a lei, tinha o seu capitão que jurar perante as autoridades — por Amnon, por Eschmún ou por Zeus, a involuntariedade da acção.

Naucratis era mais grega do que egypcia; traficava continuamente com Teos, Chios, Samos, Clasomene, Halicarnasso, Rhodes, Faselis e Mytilena: com esse contacto, recebendo os productos da civilisação argiva hellenizou-se.

A sua importancia, após o decreto prohibitivo de Amasis, cresceu immensamente; o seu renome enchia o Mediterraneo de Byzancio ás columnas de Hercules; e a sua fama correu polo mar Vermelho de Asiongaber ao gabo dos Aromatas.

O Nilo ia preguiçoso reflectindo as fachadas claras dos palacios, escurecidas pelo barrento da agua, tremulas no derivar da correnteza. As palmeiras esguias dos jardins ramalhavam tristemente; e o céu do Egypto pesava sobre as coisas, granitico, soturno e abafadôr.

O velho rio vinha cançado: dera já a sua cheia fertilisante á lavoura dos feilahs; innundára a planicie indo beijar as plantas dos mudos colossos de Memnon e o sopé lodento da pyramide gigante de Sakharah; e agora arrastava aquella agua barrenta lá das montanhas da Ethiopia, encarapuçadas de neve, até os canaes severamente policiados da commerciante Naucratis.

No rico terraço dum bello palacête de porphyro verde, sobre cuja porta luzia doirada nos lavôres da cantaria, por baixo das largas azas do milhafre sagrado, um verso á Venus na suave lingua da Ionia, reclinada suavemente num divan de correias trançadas, coberto de fulvas e macias pelles de tigres da Hyrcania, a sensual Rodopisa descançava.

O seu olhar melancholico seguia preguiçosamente a correnteza do rio; fitava por vezes, aqui e ali, um madeiro carunchoso, um feixe de caniços que ella arrastava; poisava por instantes na nodoa escura duma aza perdendo-se no

cinzento do céu, depois as palpebras cançadas velavam a suavidade daquelles olhos; e quando de novo lentamente se erguiam, os seus olhares, dôces como um velludo negro, prescutavam o azul longinquo do Mediterraneo. procurando avistar a galera em que Caraxo vinha de Mytilena, conforme, costumava, á terra decrepita do Egypto.

Uma pyramide escurecia lugubremente para os lados de

NUM. 1166

A Sandalia da Cortezan

(Ao José Aguiar)

(*Continuação*)

Lembrava as já experimentadas sensações; e longe das coisas terrenas fechava pesadamente os longos cilios, que lhe toldavam o marmore da face com uma sombra escura. Sem que sentisse, escorregára-lhe do niveo pé uma das minusculas sandalias de couro do Epiro, com perolas do mar Rôxo e esmeraldas de Ophir por entre lavôres de oiro, mais ricas que as da hetaria Lamia, que fôram um regio presente de Demetrio Poliorcetes, senhor da Macedonia.

Rodopisa nascêra na selvatica Thracia, a terra dos possantes garanhões que os cataphractes montavam e dos bronzeos gladiadôres que fizeram as delicias dessa plebe romana do Trastevere, costumeira a berrar ante as varas dos lictores e as lanças pretorianas — *Panem et circensis*! Era uma das mais bellas hetarias da Hellade; podia disputar um concurso de formosura a Lais ou a essa afamada cortezan do rei de Pergamo, que deixou nome imperecivel: e a sua fama voára de Samos á Trinacria, de Bubastes até Cesarêa. Os argivos chamavam-na a Dorica; e tão grande era a sua influencia que diziam ter ella eregido no Egypto a pyramide de Mykerinos.

Em Samos, nos ergastulos de Yadmon, fôra escrava.

E do seu companheiro de infortunio, o corcunda Esopo; recebêra uma fabula em troca de um beijo.

Trouxe-a ao Egypto, esperando proventos, Xanto, negociante de escravas, fornecedôr dos Dicterions do Pireu, traficante de hetarias para os jardins do Ceramico, vendedôr de auletridas para os atticos festins.

No velho paiz dos Hyksos e dos Pharaós, onde o céu, impenetravel como a face das esphinges de Karnak, parece querer esmagar a planicie estensa, fulva, nua e arida, Caraxo um negociante de vinhos, que vinha de Mytilena numa galera de esporão doirado, com negros da Lybia curvados aos remos e a vela grega trapejando no mastro, — deu-lhe a peso de oiro a liberdade.

Depois fê-la sua amante. Caraxo era irmão de Sapho, a poetiza, que os gregos chamavam a *máscula* e a *hermaphro*[illegible] e que com o mesmo man-

mendo perder a prop[illegible] lente fóra de serviço, com que o oligarcha paga as suas defesas, vem pelos jornaes de Parahyba elogiar imbecilmente o seu sustentaculo embora para isto falte á verdade e mostre a hediondez do seu caracter.

Dá saldos fabulosos ao thesouro, limpo já pelas garras acciolynas; faz elogios a toda a récua oligarcha; inventa melhoramentos ficticios, illuminações portentosas, pontes invisiveis si é que fala *naquellas*!... E chega o seu descaramento ao ponto de affirmar que a justiça é independente e os impostos levissimos!...

Não nos sobra tempo, felizmente, para o empre-

A Sandalia da Cortezan

(Ao José Aguiar)

(*Conclusão*)

Serenamente a aguia pairava na impenetrabilidade do firmamento; um frecheiro apontou lhe o arco, mas a setta não partiu: a ave do Olympo, a mensageira dos deuses, deixou cahir um objecto sobre o carro real e desappareceu...

O cortejo parou attonito.

Fechava a marcha uma syntagma de mercenarios jonios: ao vêrem a aguia, mudos e crentes, os hoplitas baixaram as lanças e puzeram um joelho em terra.

Amasis, abaixando-se ligeiramente, apanhou dentro do carro a sandalia bordada da cortezan, tão pequena que não conteria o pollegar dum trombeteiro potente da Ethiopia.

Ao palacio recolheu se pensativo o grande rei; e ao outro dia disseram os medicos syrios que não pregára olho apezar de lhe haverem dado a beber agua de flôr de larangeira, tocada dum pouco de vinho de Tenedos que estivera numa malga de barro de Memphis tres noites a fio, sobre uma pedra da Lua, no terraço do templo de Osiris.

***

Ao outro dia, quando o sol ergueu-se magestoso e heroico atirando ao fio barrento e triste do Nilo o esplendôr de seus raios — o rei estava de pé: pelo palacio, dos corpos de guarda ás cosinhas, borboleteavam ordens.

Dentro em pouco um capitão de velites da Caria, garboso na rude couraça de escamas de bronze, cercado de frecheiros, percorria as ruas. Na fren

te, pelas esquinas um negro d deserto rijamente soprava nu ma tuba de metal. E um caval leiro da escolta erguia orgu lhoso ao pé do guerreiro cario faiscante como o olhar dum pharaó selvagem das vetustas dynastias a signa real do divino Amasis : um anubis de oiro rematando uma longa haste de cedro do Libano com incrustações de marfim.

Procuravam um pé que calçasse aquella rica e minuscula sandalia cahida do recurvo bico duma aguia, miraculosamente, no carro do rei.

Experimentaram na em todas as mulheres encontradas e que pressurosas apresentavam os pés : nas murchas hetarias e auletridas, emigradas de Corintho e de Mileto ; nas camponezas bojudas de Bubastes, nas franzinas tecelonas phenicias ; nas immundas tintureiras da Tiberiade e até nas gordas mulheres, rescendentes a alho, que traziam comsigo os mercadores ricos de Hecatompyla.

Emfim acharam Rodopisa, sempre pensativa, a espera de Caraxo fitando preguiçosamente a correnteza do Nilo, sobre as macias pelles, entre os ricos tapetes da Caramania, no roseo terraço desse palacete que tinha na porta, em letras de oiro, sob o milhafre sagrado dos egypcios, na suave lingua jonia, entre os lavores da cantaria, um verso á Venus grega, a formosa deusa dos dicterions—*Peribasia e Callypigia*...

* * *

A' noite, na luz escassa das lampadas de oleos perfumados do Cysico, nas pesadas salas hypostylicas do paço real, campeou a orgia. Tiniram as copas de oiro, os pratos de bronze e as espatulas de prata, gol faram ondas dos vinhos finos de Tenedos, de Eum ús e de Mytilena as elegantes ampho ras gregas, que tinham a forma de uma mulher com os braços sobre a cabeça : e perpassaram nuas e celeres entre gazes tenues, nos folgados da voluptuosas danças, ao som das flautas as auletridas delicadas da Hellenia.

A's vezes pesava um silencio na sala do festim : o grito rouco duma sentinella echoava ao longe : depois recrudescia a bachanal...

Nessa noite o pharaó asselou os coralinos labios de Rodopisa com um beijo ardente e longo, que a sagrou favorita...

E Caraxo quando veio de Mytilena vender os seus vinhos em Naucratis não encontrou mais a espera-lo, pensativa na balaustrada do terraço, a sua Rodopisa, que libertára a peso d'oiro do poder de Xanto,— quando pela vez primeira viera ao Egypto na sua galera de esporão doirado, atufada de odres cheios de vinhos finos, com negros da Lybia, luzentes de suor, curvados sobre os remos, timidos ante o chicote do chefe dos remadôres, cantando uma melopêa triste e saudosa como o ramalhar das tamareiras nos oasis, onde relembravam a paz das aldeias, os amôres á sombra das palmeiras, na doçura que o sol espraia sobre o deserto, quando se deita para os lados da Numidia e envia o seu ultimo osculo á negra esphinge de granito, mysteriosa vigia dos areaes, impenetravel como a face dum rei Hykso...

Gustavo Barroso.

"J. do Brasil" 22-Ago-1910

Foi nomeado professor da Escola de Menores o Sr. Gustavo Barroso, que ultimamente publicou varios trabalhos no *Jornal do Brasil*, sob o pseudonymo de *João do Norte*.

O AMOR PERFEITO

POLYANTHÉA DO « GRUPO AMOR PERFEITO »

Ceará, Fortaleza — 8 de Fevereiro de 1910

Através dos seculos e das gerações a tradicionalidade vem trazendo todas as creações, todas as instituições da sociedade, que vão evoluindo, que vão se transformando por causas e condições multiplas.

O Carnaval de hoje não é mais do que a reminiscencia das festas em honra de Baccho e de Saturno, nos remotos e vetustos tempos em que brilhou a civilisação latina ; não é mais do que uma nova modificação da festa dos loucos realisadas em plena idade-media, festa que o genio poderoso de Hugo pinta nas inimitaveis paginas de «Notre Dame».

Na ordem physica, como na ordem social nada se destróe, — tudo se transforma.

Esmaecem instituições, desmaiam os sonhos religiosos dos messias, bruxoleam civilisações : mas outras instituições surgem tendo os caracteres das desapparecidas, sendo a transformação dellas ; acordam novos fundadores de seitas pregando os principios que se julgavam desapparecidos ; vestem-se novas civilisações com os ouropeis das que morriam de inanição ou de plethora.

Assim o Carnaval,—os tres universaes dias de folia, tem passado transformando-se pelos seculos em fóra.

E' elle que nesses dias dos primeiros mezes do anno lança um tom differente na téla social : ao chocalhar dos seus guizos, ao estrugir dos «Zé Pereiras» erguem-se os foliões, a humanidade larga as roupagens pesadas da industria, do commercio e do trabalho e veste-se com a tunica do ridiculo e da ironia,e põe no rosto a caraça vistosa da troça.

O inglez frio e orgulhoso phantasia-se para ir ao baile do lord de sua relação ; ri o espirito fino do dominó francez no *foyer* da Opera ; gargalha o russo tristonho na Perspectiva Newski ; o japonez entra com uma geisha de braço dado no theatro de Yokohama ; nas ruas de Cape-Town descobrem os cafres os brancos dentes, disfarçados em exploradôres inglezes; o gaúcho vai á cidade vêr a mascarada ; e o matuto deixa, basbaque, cahir o queixo ante as facecias grosseiras dos papangús.

Depois, sôa o sino lugubre e carola de quarta-feira de cinzas : volta a austeridade da vida, a seriedade das occupações, as difficuldades da concorrencia vital ; caem as cabelleiras postiças e o carmim das faces.

Acabou-se o Carnaval: lá vai o elegante Mephistopheles, preto e encarvado, vender fitas ao balcão ; volta o garboso marquez de Luiz XV, chamarrado de oiro falso, a estudar os seus pontos de exame , um selvagem do Dakota abre o livro do caixa ; um gaúcho dos pampas arruma as prateleiras da loja ; e a languida odalisca sarracena, coberta de sedas, veludos e joias, vai de simples cambraia assistir as fitas do cinema.

E' isso o Carnaval. Uns momentos de folia, passageiros como tudo na vida, ficando delles a recordação de uns olhos negros, a santa lembrança duma valsa deliciosa, em que se fugia pelo salão, extasiado, longe, mas muito longe das coisas terrenas...

* * *

De todos os prelios carnavalescos desta epoca, que aliás foi animadissima, concorrendo todas as sociedades, tanto velhas como novas, para o seu realce, destacaram-se os «assaltos» enthusiasticos e animados do invencivel «Grupo Amor Perfeito».

Em tudo ha selecção : o Carnaval não escapou a isso.

Todas as festas do «Amor Perfeito» foram verdadeiros triumphos, completas e deslumbrantes victorias : por isso já por ahi, mesmo pela imprensa, soou esta phrase :—O «Grupo Amor Perfeito» é invencivel.

E com effeito o foi : em si concretisou o Carnaval. Ninguem mais do que elle concorreu para o brilho do Carnaval de 1910 ; ninguem mais do que elle soube dar um cunho todo original ás suas festas.

Muitas foram suas victorias e dellas elle não saberia dar a primazia a nenhuma. Todo triumpho é agradavel ao triumphador e é amado por elle.

Mandem-no escolher que hesitará.

Saberia Alexandre ou Annibal que victorias mais os orgulhavam ?

Decerto que não.

Por essa razão é que o «Grupo» publica esta polyanthéa, na qual se acham resenhadas as suas grandes festas, com o julgamento imparcial da imprensa; e que será o documento do seu prestigio, valôr e originalidade.

Ao bello sexo cearense o «Grupo Amor Perfeito» agradece as grandes provas de consideração, amizade e sympathia que lhe manifestou franca e espontaneamente, e assegura que guardará a lembrança disso, gratamente, no mais puro escrinio de suas recordações.

A melhor festa carnavalesca das que até agora têm sido realizadas foi, incontestavelmente, a que o sympathico grupo AMOR PERFEITO effectuou na residencia do snr. João Lopes.

A ella concorreu a fina flor de nosso meio social. Os salões estavam ornamentados a capricho, e as dança prolongaram-se até quasi duas horas da manhã.

O serviço de *buffet*, bem como a orchestra, estiveram irreprehensiveis A todos, tambem, muito captivaram as gentilezas da distinctisima familia João Lopes.

Sabbado, sabemos que será *assaltada* pelo animado e distincto grupo carnavalesco a aprazivel vivenda do snr. Zacharias Bayma.

Ao grupo AMOR PERFEITO felicitamos pelo esplendoroso triumpho obtido.

(*Unitario* de 18 de Janeiro).

Jornal do Commercio 9 de julho de 1910 (Ed. Tarde)

INVEJO-TE A SORTE

Dentre os antigos ricaços de uma velha cidade do agreste sertão do Ceará um houve que deixou nome imperecivel pela sua sovinagem e maior cupidez, e por outras cousas que a gente do tempo chamava — *trampolinagens*. Era possuidor de vastas terras que se estiravam por valle e monte, de senzalas atufadas de escravos, plantações e bois que vendia sempre com grandes proventos na classica e concorrida feira do Recife.

Quando ahi estava prestes a tornar aos penates, punha os escravos pelas vendas e mercearias a buscar amostras de assucar de toda a qualidade, que reunia em grandes caixas de lata para conduzir á casa. Era de menos uma despeza no orçamento domestico.

Possuindo qualquer escravo seu um boi, garrote ou vacca adquiridos á custa de sacrificios mil, mandava-o açoitar na senzala, amarrado ao moirão como um servo da gleba em tempos medievos. E aos uivos e berros do infeliz, ao estralejar do tagante de rêlho ensebado no dorso escuro do africano ganía alto, bem alto, mãos sumidas nos fundos bolsos das largas pantalonas, impiedoso e ironico, passeando pela alpendrada da casa:— Quem tem bens não padece!...

Até que exhausto, as costas a porejar suor viscoso e sangue, tremulo ante os braços cabelludos do feitor, nús, mangas arrepelladas, o negro gemia:

— Meu *sinhôzinho*, mande-me soltar... que... que lhe dou a minha vaquinha!...

— Está bom, feitor, solte o negro!

Dizem que se ajudara a enriquecer assim.

Precizando enviar um proprio ao Aracaty, distante umas quarenta leguas, chamava um seu escravo, expedito e de confiança. Dizia-lhe affavel, passando-lhe a mão carinhosamente pela inculta e fouveira carapinha:

— Negro feliz! Vai agorinha mesmo ao Aracaty. *Lugarão!*

Dorme no caminho, no fresco, sadiamente, duas noites. Vê terras novas, rocados grandes, lavras bonitas na ida e na volta. Entrega uma carta de *fiança* a um homem *dinheiroso*. Tem, afinal de contas, suêto todos esses dias! Mais feliz que o amo velho delle, coitado, que fica na labuta da fazenda!" E lá do imo arrancava um suspiro fundo e magoado.

O negro rindo com os brancos dentes inquiria pela *matalotagem*, pelo que havia de comer no caminho.

Então docemente tornava-lhe:

— Não preciza, não, meu bem. Pelo caminho ha muito o que manducar. Depois não vais p'ra terra de mouro, e judeu: vais p'ra terra de christão, de gente baptisada. Olha, negro felizardo, voute contar o que ha pela estrada:

Na cêrca do chiqueiro dos bódes do compadre Esteves, na lagôa da Pedra, tem uma cajazeira que é um gosto. Invejo-te a sorte, meu negro! Fartas-te de cajas! E que cajas! Madurinhos! Doces! Esplendidos! Magnificos!... Mais adiante, na varzea do Formiga, as carnaúbeiras estão pejadas de carnaúbas a cahir de maduras. Que carnaúbas pôlpudas! Tomas outro fartão! Invejo-te a sorte!...

Fazia uma pausa; depois estendia o braço e, declamando, apregoava as farturas do caminho. No angico grande do riacho do Namorado existia uma colmeia de jandahyra, *górda* de tanto mel. Era só levar uma foice e uma cabaça...

No alto do Pequiá as ameixieiras estavam amarellinhas, cobertas de frutos

maduros. Perto demorava o poço da Ema—a melhor agua do sertão! Tinha até virtudes medicinaes. Adiante era a *catinga* do Pinhão com juazeiros corcundas de tanto juá e sombras silenciosas, frescas e fortes, dignas de uma boa sesta. O açude do Paulino Baptista tambem ficava por ahi, cheio d'agua e de curimatans e trahyras gordas, podendo servir á ceia de um rei. Bastava levar um anzol; varas não faltavam.

Cada uma dessas reservas de facil e substancial alimento tinha a sua palinodia, o seu elogio entremeiado de exclamações admirativas:

— Que juás doces! Que agua saborosa! Que peixes gordos!

E sempre vinha o estribilho costumeiro:

Invejo-te a sorte! Invejo-se a sorte, negro feliz!

E ainda quando o negro se partia sem *matalotagem* e sem nada, pela estrada em fóra, triste e curvado sob a aspereza da canicula, bradava-lhe o sovino do alpendre:

— Na volta, pai Zé, não esqueça: traga uns juás maduros p'ra o seu senhor velho!

Lambia os beiços, resmungando:

— Ladrão feliz! Negro meu é assim! Vai encher o bandulho de juás maduros, maduros e doces! Invejo-lhe a sorte!...

JOÃO DO NORTE.

"Fon-Fon" - Sabbado - 30-julho 1910 - Rio -

Cartas Cortantes

Rio, julho.

Carissimo *Fon Fon.*

Este Rio tem bôas, tem cada uma de se lhe tirar o chapéu! Hontem, que não escrevo sem *h*, em frente ao *Odéon* saquei apressado o relogio do bolso. Eram tres da tarde, em ponto. Fiquei descoroçoado. Tres horas justas e eu tinha que tomar a barca de Petropolis ás quatro em ponto, e impreterivelmente tinha que ir deixar uma papelada importante ao largo dos Leões. Eram inadiaveis e imprescindiveis ambas as coisas. Que havia eu de fazer? *Entre les deux mon cœur balançait.*

Infelizmente não possúo o dom da ubiquidade, nem tenho um rôr de parentes parecidos commigo como o meu sacratissimo e feissimo primo, o Accioly, pagé do Ceará.

Tinha somente uma hora diante de mim. Ir, portanto, ao largo dos Leões de tilbury ou de bonde era impossivel. São vehiculos que andam tartarugaticamente.

Restavam-me os automoveis. Ah! mas esses custam dez mil reis! E dez mil reis não são bagos que um pobre mortal como eu desperdice a tôa, salvo si o meu querido *Fon Fon* m'os quizer emprestar... *Necessitas caret lege,* diz o brocardo latino; e o vulgo da minha terra traduz: a miseria tem cara de hereje.

Remechí as circumvoluções cerebraes, safa que isto é falar difficil! Remechí as taes bichas e achei — **um rapido.** Só faltei berrar como o velho Archimedes, núsinho em pêllo, mas de Syracusa em fóra: Eureka! Eureka!

Por haver falado em Eureka lembro-me que duma feita ouvi o professor M. Ethereo explicar na sua aula que aquillo queria dizer que o *dr.* Archimedes (textual o doutor!) havia descoberto áquella aguasinha azulada que apaga os borrões da tinta!...

Olhei a rua Sete de Setembro para baixo e para cima. Lá, junto d'*O Paiz*, numa alta porta, ficava ao sol um letreiro salvador — **Rapidos, serviço de informações.**

Corri lá: a porta estava fechada. Uma portugueza que vendia maçans ali ao pé, vendo-me embaraçado, disse-me que o empregado não tardava: fôra a pouquinho tomar o seu café na Gonçalves Dias.

Esperei impacientemente uns dez minutos. O homem chegou ainda a mastigar e explicou-me que ali não era mais agencia do serviço rapido, que, por descaso e esquecimento somente, permanecia o distico indicador.

Ganhei pressuroso a rua Gonçalves Dias. Na esquina do *Borsalino* topo um rapido, de immunda fardeta kaki, aprumado na bycicletta.

Chamei-o. E antes de dirigir-lhe a palavra berrou-me: — "Vou almoçar. Estou cançado!" E foi-se, o pulha! Rosnei como o Raposão, na *Reliquia*, si fosse lá na minha terra comia-te os figados!... Comia-t'os!..

Emfim cheguei á agencia do *Jornal do Brasil*. Despachei a papelada; assignei um recibo: e paguei dois mil e quinhentos...

Voei para a barca pela Ouvidor, a toda. Esbarro em frente ao Cinema com uma barriga, atiro um chapéu côco, avermelhado, ao chão. Era o sr. conde de Modesto Leal, que esbravejou em largos gestos, pondo o côco no côco da cabeça. Eu ia depressa. Os minutos voavam. Pisei um rabo preto de uma batina de padre. E o sr. conego Wolfenbutell rosnou ás costas:

— "Canalha!"

Perdi o auto-avenida. Dois braços me premeram num abraço amigo; e a voz do sr. general Pires Ferreira bradou-me:

— Meu unico e immenso amigo! Descartei-me com um puxão. Sahi, arrepellado como um cão que foge, frack ao vento, pela Avenida em fóra.

O general ficou na esquina, estupefacto. E eu a virar-lhe:

— General, estou sem bico! General, o bico quebrou-se!

Cheguei esbaforido á Prainha. A barca magestosamente partia pela vastidão da bahia..

Ah! meu immenso amigo! meu unico amigo! Ah! *seu* Pires sem chicara!...

Seu *ab imo pectore*

Spendius

Petropolis - n° 12 - 24 - Julho - 1910

Cartas Matutas.

Varzea da Côxa, freguezia de N. S. da Barra da Cunceição do Fentecostes de riba 2 de julio de 1000 e 900 e 10.

Cumpade Bastião, na cidade de Péstropa do Rio de janeiru.

Premêro qui tudo estimo muntão e êmo qui essas má iscrita regra vá le incontrá de saùdi cum munta da felicidade. Segundo qui tudo tenho de le contá qui a sua poirca ruiva; aquella das peitarra grande, teve duas barrigada; mas porém; os bacuriu só escaparu dois. O cumpade manjó Teimoso mi contou qui o dôtô Xiois tinha entregado o Seará aos fio e vindo imbora pru rio, mande-me dizê si o cujudito home qui disque é marvado inda tá nessas terra da genti incivilisada; ou si inda vorta pa capitala du forte. Cumpade, eu num le conto, mas porém sempe le digo; cuatro galinha qui você deixou pru mode sua cumáde tratá morrêru du gôgo qui é quasi o noço catarro; num foi pro descuido, não.

Saba qui tou aputrefado c'as implicança da minha sogra; protanto me mandi duas duza de frasco de Saudi da muié pulo correio qui é home siguro; qui é pa vê si a muié muda de tenções; qui eu cá quando me istrompo sou mais pió qui aqueles home qu'o jorná das foia da imprensa do rio os maio e os careteiro xamava de Cra'êtho.

Sou muito mais peió, cumpadin. Me mandi dizê cuma é essa terra dos Péstropa; cuma é o gado os animau; os povo os vaqueiro as criação os home das outra terra qui disque é munto. Me mande dizê cuma é o ferro das rez, as mairca e os signau. Já tou enxuvaiando minha fia Romanna pro mode se casá-se cu Xico das Quebrada que teim pataca no fundo dos baú; inscreva cumpade a mim au cumpade manjó i ao buticaro pru mode pagá aquella mêzinha qui você num pagou. Deus nosso çinhô le conserve nesse posto de impregado dos collejo, nos offiço de copeiro qui é miò qui pegá gado no sertão pru muito tempo, inté juntá munto dinheiro.

Mande dizè as coisa da gente dessas terra qui é mais longe que as Almazonas lá nos confins du brasiu e nos lugá dos allamão. Arreceba alembrança di sua cumade e dos amigo e as cobrança du buticaro. Cumpade já pu mode acabá eu le vou contando qui o buticaro mudou o nome da butica pá Framaça qui é nome novo. qui si as apo sição subir i u gunverno descer o qui eu axo impossive me prometeu o Zé Fulorindo qui me anomeava tenente da guarda nacionau e subadelegado.

Arreceba um abraço da cumade, bote a benção no afiado qui le manda uma béjoca e inté outro dia.

do cumpade

MACARO.

Bicho damnado...

Quando o primeiro comboio da «Great Western Railway» chegou na estação de Guarabira, miseravel povoado sertanejo do Rio Grande do Norte, um movimento de curiosidade abalou a sertão. Desde o scnefes politicos até os mais réles jornaleiros e aggregados, todos ardentemente desejavam ver, *com seus olhos que a terra havia de comer*, o tal bicharôco desconhecido que os mais adiantados singe amente chamavam o *vapô delterra*.

Houve uma festa supimpa nesse dia, e as immediações da estação se encheram de matutos a pé, chapéos de couro, conversando em voz baixa, á espera. As tavernas estavam cheias, e em dia algum, contaram depois os vendeiros, haviam feito tanto negocio.

Amarrados ás cercas, junto ás casas, bastante longe da estção, os cavallos pacientemente descançavam, relinchando, por vezes, os mais insoffridos.

Havia missa tambem: repicavam os sinos da egrejinha.

Por vezes echoava uma algazarra de meninos banhando-se por traz do povoado, n'uma lagôa; menos vezes, um ladrar de cães. O sol brilhava triumphalmente. Os matutos tinham roupas domingueiras: os melhores fatos de couro, as mais novas roupas de algodão, as sellas mais limpas e mais bordadas.

Entre os grupos se discutia e se parolava. Na estação aprumava-se a *elite* do lugarejo: o intendente, o juiz de paz, o subdelegado - porteiro da camara, o official de justiça e, na frente. o chefe politico, enthusiasmado, de cartola e sutambaque, espectaculosamente.

Surgiu o trem na bôcca d'um corte. Explodiram alegremente as girandolas pelos ares; e entre vivas, a resfolegar, a locomotiva parou rudemete junto á estação.

Desceram os engenheiros da estrada e uns dois politicões da capital. Trocaram-se apertos de mão. Ao longe, arrebentando os freios, os cavallos fugiram varzeas em fóra, a relinchar. Os roceiros correram-lhes em pós, abandonando quasi a estação, ruidosamente.

Serenado o zum-zum, o chefe politico sacou aos olhos medrosos dos engenheiros um calhamaço enorme e engrolou um discurso panegyrico. Respondeu-lhe, depois, um engenheiro.

Terminada a discurseira e antes de entrarem para a estação, o chefe pediu a um dos engenheiros que lhe désse exlicações sobre aquelle machinismo: e ás suas asnaticas perguntas, delicadamente o moço respondia o melhor possivel.

O matuto foi-se aproximando da machina. Passou-lhe a luva de fio branco no bojo negro; retirou-a ennodoada de graxa. Cheirou-a e admirado disse para o engenheiro:

— Oh! *seu* moço! Que bicha damnada p'ra suar gordura! Que é que ella come, *seu dôtô?...*

João do Norte.

"O Syrmanel"
Petropolis 7 Agosto - 910
nº 12

Cartas Matutas.

Cidade dos pestropa 4 di Agostu di de 19010.

Cumpade Macáro

Deus noço çinhô le dê na sua terra munta da saudi e munta da filicidade mais a toda a famia. Pur aqui vai tudin munto xuvido é uma terra danada pru mode xuvê. xove di dia e xove di noite. Cumpadi você nem magina aqui tem allamão em penca xega anda baten o o xipe. So se vê é gente falando atreveçado na rua.

Eu agora tou feito inp egado dum intaliano donno dumas coxeira de cavalu veio e mago qui nein cavalu di arueira pru mode puxá carro nas rua. O bixo num é ferrado nein açinalado, os coxêrô das buleia é tudin dos estrana. Palava di Deus cumo nunca vi terra mais incivil sada du qui essa.

Aqui as lamparina é elecro, acendi sein paviu e sein fósque pru via dun butão qui a gente troce. Eu já sei trocê!

Dexei os ofiço de copero du colejo pru que o trabaio era munto i u dinheru dus ordenadu pouco. Agora tou um condado alinpo as baia du home i ganhu cessenta mi reis quando eu ganhava córenta e vinte di mais

Cumpade mande mi dizê as novadade do certão si as seca inda tá danada i o isórde. temive i si a posição foi bôa. Eu axo cumpade qui si o isórde da sêca fô danado só iscapa cum vida duas nação di genti qui é pade cercedote e jumento; pade cercedote pruquê tein as galinha goirda das cumade pru mode cumê e jumento pruque come paus veio, papilo, pau sêco, raiz de paú, sêbo e tudin o qui pode nun é?

Mandi mi dizê si já intupirum o fromiguêro da cumade do vigaro no camin do bebedô ali pa banda dos merguião; si o Jóão Çocó inda vendi os ovo dele si a Maria do Oco grande inda tá muito falada: si você inda toma munto no crunimbo que de torrado e o mais asobre o curunéu Teimoso e o buticaro. Cumpade aqui as butica si xama mas é framaça i torrado diz qui é rapé, Crunimboque diz qui é tabaquêra.

Bastião Peçôa.

(Continúa).

PELO MARCONI...

Alto da Serra, 30. — O Macaco bateu-se em duello com o autor da Odysséa. Houve o diabo.

Fortaleza, 30. — O Accioly, como sempre, passou hoje o dia a roer as unhas.

Fortaleza 30.—O sr. Accioly resolveu arranjar máis vinte filhos, cincoenta netos e seiscentos e setenta bisnetos. Acha que a raça ainda é pouca.

Fortaleza 30. — Foi nomeado para amanuense da secretaria do interior um primo do cunhado do sogro d'um filho do padrasto da mulher do quadragesimo filho do Accioly. Parentesco de barata.

Rio, 30. — O sr. Nilo coçou o cavaignac ás 7 menos 12 da manhã.

Nictheroy, 30 — O sr. Backer metteu o dedo no nariz, ás 8 e vinte e um da manhã.

Berlim, 30,—S. Magestade o imperador Guilherme II deu um espirro.

Paris, 30—*Le Matin* desmente que o imperador allemão tenha espirrado. Parece ter sido *blague*.

Telegraphista.

"Unitario" Ceará
15 - Agosto - 1910

Gustavo Barroso

Este moço, cearense de fina capacidade intellectual e sentimentos os mais elevados, tão depressa sahio do Ceará como encontrou collocação condigna do seo merecimento,

Acha-se regendo a cadeira de Geographia do Gymnasio Petropolis.

Com aquella delicadesa com que soé exprimir-se diz numa carta a um seo amigo :

«Estou sendo o Theodorico de Petropolis», alludindo á merecida reputação do seo mestre do Lyceo desta cidade.

Diante de Gustavo Barroso abre-se um futuro muito brilhante.

Foi presente seo á redacção do *Unitario* interessante folheto contendo a noticia da fundação desse instituto e o resumo dos seos estatutos, ornado com desenhos do seo lapis, muito promettedor. Agradecemos.

"Jornal do Ceará"
6 de junho de 1911

Gustavo Barroso

Lemos no «Jornal do Brazil», do Rio, edição de 22 de dezembro ultimo :

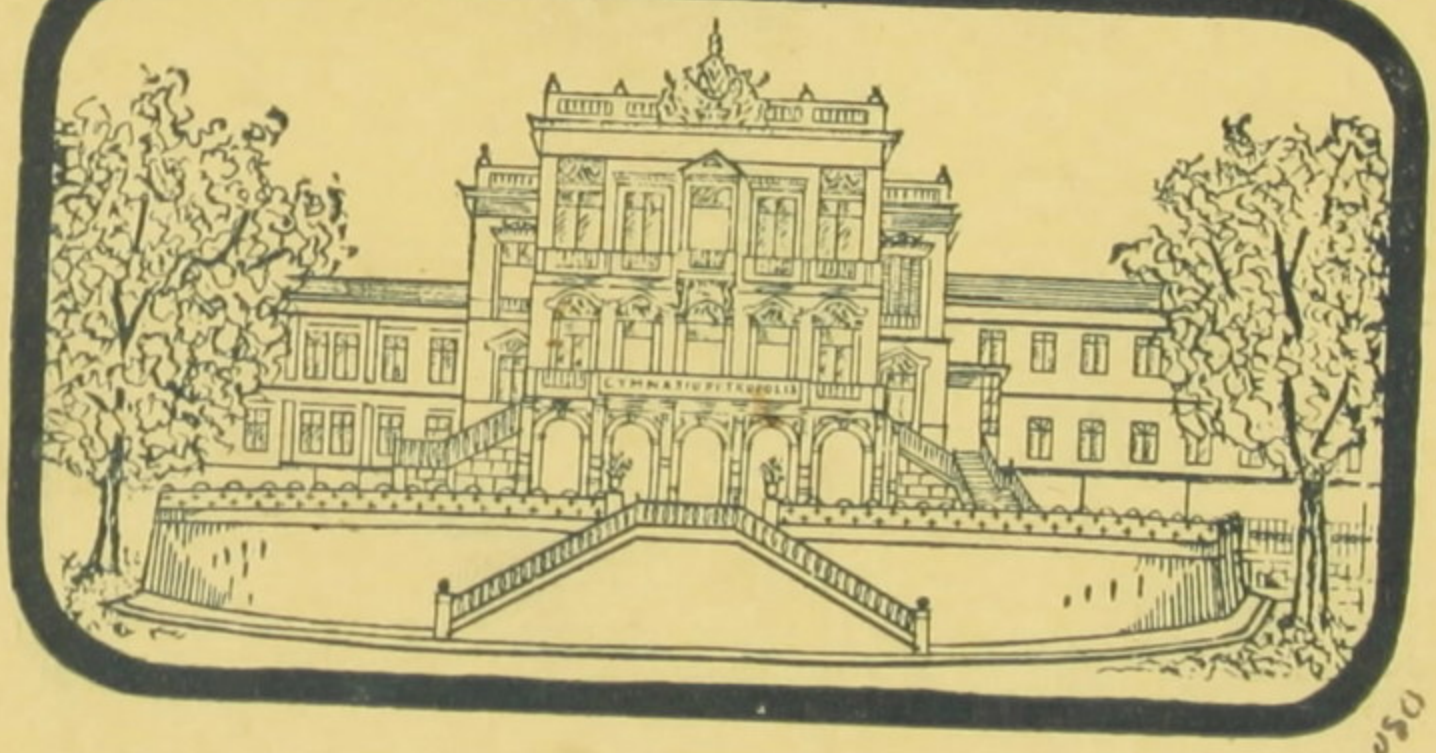
« Foi nomeado professor da Escola de Menores o sr. Gustavo Barroso, que ultimamente publicou varios trabalhos no «Jornal do Brazil» sob o pseudonimo de *João do Norte*.

Ao querido amigo e companheiro decidido os mais affectuosos parabens pela merecida distincção.

Rio - Junho - 1910

34

GYMNASIO PETROPOLIS



Barroso
Spencer
Fox

"Jornal do Commercio"
Edição [illegible]

$800. 4 Agosto 1910 Rio

MEU CAVALLO...

Quando eu era menino, immensamente gostava de espernear, montado num cabo de vassoura, pomposamente chamado cavallo.

No meu bairro, rua acima e rua abaixo, andava eu em passeios e viagens até doerem-me as finas gambias. E um inseparavel companheiro era o moleque Manuel, de pequeno criado em casa, garoto duma figa, ardiloso e encapetado.

Eu, francamente o confesso, sempre fui mofino, preguiçento e atoleimado. O Manuel, ao contrario, era um azougue, agil e bem disposto.

O seu cavallo fazia curvas subtis, saltos prodigiosos de pôtro bravio, galopava, esquipava, corria e até relinchava.

O meu era quêdo e trotão; se tentava um salto, as minhas desengonçadas pernas não supportavam; nunca esquipou, jámais correu, e quem lhe ouvio um relincho de alegria póde-se gabar de que oüvio o cysne poetico cantar a unica e derradeira vez...

Eu tinha profundissima inveja do Manuel e do seu cavallo.

A agilidade nervosa do molecóte e aquelle páo de vassoura, já liso lustroso do uso, continuadamente a roçar nas calças de algodão, davam-me tentações criminosas, criminosissimas!

Um dia, meu pai presenteou-me com um cavallo *puro-sangue*, um cavallo da loja, meio corpo de madeira, arreiado de couro, terminando em comprida varêta de pinho forte, envernizado, com um rabo de crinas asperas rente ao chão.

Agora eu ia matar o moléque de inveja; só mesmo se elle não tivesse coração...

Surgi na calçada alegremente, vaidoso até alli. E o moléque olhou-me de soslaio quasi com indifferença, a relinchar, a dar coices e saltos, num galope espevitado fortemente segurando as redeas de barbante. Eu esgueirei-me num chôto triste ao longo das paredes.

Ah! agora palpava a verdade: o agil, o espevitado não era o moléque; aquillo era propriedade inherente ao cavallo, o cabo de vassoura.

Ora, se não era!

Propuz, então, a troca dos cavallos. Por aquella esperteza boamente sacrificava o meu *puro-sangue* e seus custosos arreios e a cauda farta, a arrastar farfalhante nas pedras da calçada.

O negro reluctou, depois lançou olhos de cubiça ao meu cavallo e, num gesto largo, entregou-me o cabo de vassoura. Sahi, de novo, mofino e bambo, rente ás parêdes, num chôto triste. E o meu cavallo relinchava, saltava e galopava numa alegria infrene.

Então senti quão tôlo eu fôra, em que lôgro cahira. Abandonei cansadamente o cabo de vassoura e, encostado a um muro, desatei em amargo pranto.

O moléque chegou-se pára perto e, generoso, encostou junto a mim o *puro-sangue;* apanhou amorosamente o seu cavallinho e lá se partio aos corcovos e nitridos.

Eu montei, ainda afogado de prantos, e abalei num trote tardo, á sombra das parêdes.

O Manuel olhou-me piedosamente. Depois, num gesto de desprezo:

—*Sinhôsinho* é bêsta: todo o cavallo que monta bota a perder! Não entende de rédea...

JOÃO DO NORTE.

"Jornal do Commercio" Julho - 1910 Rio

DE PETROPOLIS

Cidade dos diplomatas, mez das nevoas e dos chuviscos

Diz o esguio e ironico Eça que o Fradique Mendes quando datava as suas cartas, dirigidas á madame de Jouarre ou a Clara, tinha horror ás velhas e mofentas datas, e então punha — mez das camelias, mez das rosas.

Perdão ao plagio! Eu tambem detesto o corriqueiro tom dessas datas gregorianas; e como a ultima camelia a friagem crestou nos ultimos dias de junho, e as petalas da derradeira rosa a brisa fria do inverno arrebatou, ponho — mez das nevoas que se arrastam pela manhã sarranias em fóra, — mez dos chuviscos que diariamente gottejam monotonos dos beiráes do telhado.

Vai uma tristeza immensa por estas ruas em fóra, onde só se ouve o gemer do Piabanha, á sombra folhuda e immovel das magnolias, onde só se vêem um tilbury passar vagaroso por entre a cerração e um vulto elegante e embuçado, de petropolitana, a caminho da missa.

De onde em onde o sol, ás furtadellas, espreita, dentre um montão de nuvens. Vai um momento de luz e alegria pela cidade em fóra. Ponho o nariz á janella. Um raio pallido chispa uma pallida scentêlha no metallico escudo de uma legação na rua fronteira; depois, a nevoa cerra-se de novo e o frio cresce...

Quão differente é esta Petropolis de inverno dessa outra do verão, ruidosamente alegre, luxuosa e encantadora, com as bandas marciaes a tocar pelos jardins, os "smarts" a passear nas avenidas e tanto rosto lindo, aureolado de mocidade, risonho de abastança e descuido, seductor, fascinante, dando-nos a impressão de um céo nesta elevada cidade da terra !

São avaras e mesquinhas as novidades. Nada dizem os jornaes de recentemente acontecido, a não ser cousas da politica, onde se não deve metter o bedêlho...

Queiram os numes que vos possa dar um alluvião de novidades sempre que escrever ! Mas, ao mesmo tempo, perco essa esperança. Que novidades poderei mandar de uma cidade, onde, á noite, não brilha ao tremeluzir das lampadas do Guinle o correame das patrulhas, onde se não houve o trillar assustado de apitos dos guardas nocturnos ?

Aqui não ha esmagamentos, porque ainda não chegaram até cá os "perigos amarellos" da Light. Não ha assassinatos, pois, é pacifica e patriarchal a vida; não existem capoeiras da Saude, nem valentões de suburbios; os ladrões tambem são raros.

Felicidade que assim seja ! Para mim, costumeiro a supportar a canicula do norte, nessa grande zona que as sêccas flagellam, a tristeza de Petropolis, fria e silenciosa, toma maiores proporções.

Estas ruas ermas, prolongadas pelo Piabanha, ladeadas de magnolias, lembram-me as estradas dos sertões, desertas de gente, marginadas de arvores esqueleticas, sob um diluvio de luz, perdendo-se de vista, num estreitamento das linhas de perspectiva, no viso dos outeiros, num calor de abrazar, a concha azul do céo inclemente sorrindo lá acima numa ironia coruscante.

E assim eu vejo quanto de poetico e de brasileiro tem o norte, onde o elemento estrangeiro na sua invasão avassaladora tópa a competencia forte do nacional. Lá o padeiro, o engraxate, o vendeiro, o negociante e o mariola são brasileiros.

Aqui o padeiro é allemão ou portuguez; o vendeiro, francez ou hespanhol; o negociante, turco; o engraxate, italiano; e o mariola de muitas nações.

Aqui as avenidas chamam-se Koeler; lá têm nomes brasileiros.

Aqui ha a Westphalia, o Bingen e a Rhenania; lá conhecemos o Queimado, o Páo dos Ferros, o Cocó...

O brasileiro desapparece nessa invasão lenta do estrangeiro: sua raça, lingua, religião e tradições somem-se na voragem; é um typo que se nullifica. No norte elle se mantêm puro, guardando a lingua, a religião e as tradições avoengas. O estrangeiro não o derrota, a civilisação alheia não desmorona a sua. O passado não tem solução de continuidade com o presente; este prosegue aquelle.

Não ha esse abysmo que separa os dous como nol-o pinta o Graça, na sua "Chanaan".

E nestas considerações fico por aqui.

O frio vai intenso apezar dos dias bellos, limpos como o rosto de uma filha desta poetica terra, suaves como um esmorecer do sol a pouco e pouco, entre nuvens brancas, dias raros neste mez.

A' noite vai-se ao cinema Bragança ou Rio Branco. E' o unico divertimento. E á sahida, ferem-nos os ouvidos, por entre os grupos, as consoantes estrangeiras.

E' o Sr. Carsêco parolando em francez com um outro diplomata ou com o Araujo Jorge. O addido allemão trocando asperos sons gutturaes com um representante de uma republica americana.

Um japonez baixote, de olhos obliquos e barba rala balbuciando nessa lingua asiatica, na qual Togo, heroicamente, deu ordens em Tsú-Shima e Yositomo, o grande general, mandou, brandindo o sabre recurvo, nas praias de Yêso, em tempos medievos, que a cavallaria nipponica esmagasse as hordas invasóras de piratas mongóes.

A' noite, após o cinema, num frio de cinco a seis gráos, vem-me uma saudade infinda lá do norte, das varzeas escaldantes, do ladrar forte dos cães de gado, á face macilenta da lua cheia, no terreiro limpo das fazendas...

João do Norte

"J. do Ceará" 4 de Nov.º 1910
— 1266 —

Sócófóles

E' o titulo de interessante local que extrahimos do «Fon-fon», na qual João do Norte com a verve que lhe é peculiar põe em destaque um dos typos mais em voga nesta capital.

ESTUDOS SERTANEJOS

III

O A—B—C

Todos os povos da antiguidade guardavam em verso as avoengas tradições de gloria e de lealdade. Homero cantou as façanhas argivas junto aos muros de Troya, e já o Ramayana e o Mahobaralta tinham perpetuado o valor dos povos aryanos. Ossian cantou as façanhas de Cuchullin e de Fingal e os menestreis medievos, de côrte em côrte, de castello em castello, andavam ao som do luth descrevendo em versos bronzeos as bravuras dos infanções christãos nos recontros sangrentos da Palestina. Os scandinavos narravam as suas descobertas, as navegações de Erik e de Thornwald nas minuciosas sagas da Gothia, da Norruega e da Groenlandia.

Todo o povo primitivo e simples conserva em verso rude ou busilado, conforme o seu adiantamento, as suas tradições e os acontecimentos notaveis que observou.

E' isto o que se nota no sertanejo do norte, ignorante, simples e primitivo.

Elle guarda em versos toscos tudo o que maior lembrança e maior impressão deixou no seu espirito, durante a sua vida. Guarda todos os acontecimentos notaveis passados na *ribeira*.

Esses acontecimentos são a péga difficil de um *barbatão*, isto é, um novilho bravio, creado á solta na profundeza das catingas; as proezas de um boi matreiro, fugido da fazenda, desnorteando nas corridas infrenes, no descambar escabroso das senotas, os melhores vaqueiros da redondeza; a vida ensanguentada de uma onça temivel, celebre por prear potros e devastar os rebanhos no descampado das varzeas, longe dos casaes; e mesmo o *amontar-se*, a fuga para o matto e para a liberdade de um bóde exquisito, pae afamado dos chiqueiros, de um carneiro chefe de rebanho, e cousas de menor valia para nós, e grande importancia para elles.

Ainda hoje os vaqueiros cantam, sentados ao alpendre, nas noites de luar, em uma toada plangente, as façanhas do Boi-Espaço, as diabruras de um *barbatão* trapaceiro — O Rabicho da Geralda.

Quando a rez é um novilho, nascido no matto e lá criado sem jamais ter visto curral, sem nunca ter sido pegado, um bicho selvagem e bravio como um Ifak do Thibet, chama-se *barbatão*. Quando um touro é castrado, chamam-no *chamurro*.

Um faccinora que se celebrise, um Rio-Preto, um Amorim, um Viriato, um José Dantas, um Zé Antonio do Fechado, emfim, um Jesuino Brilhante ou um Antonio Sylvino, tem logo a sua epopéa, o seu *a b c*.

O matuto chama *a b c* a uma poesia longa, composta de quadras que começam por uma lettra do alphabeto. A ultima lettra, para elles, cousa interessante, é o til. Consideram-no como tal e põem-no sempre no ultimo verso, com uma especie de *plaisanterie*:

O til não fique de fóra
Sem ter mais dilatação.
Ou então:
O til é lettra morta
Nunca teve opinião...

Um tal João André, appellidado por Canella-preta, faccinora do alto-sertão em tempos idos, ainda hoje é rememorado em um *a b c* devido á um padre. — Alexandre Perdeixa, famigerado politiqueiro dessas remotas eras. A orthographia desses *a b c* é interessante: havia, *ha* são escriptos com *a*: *chamou*, com *x*, etc. Vão aqui algumas quadras da tal versalhada:

A muitos annos vivia
João André fazendo morte,
Deixando orphãos e viuvas
Lastimando sua sorte.

Basta vêr em vinte e quatro
O que elle praticou
Quatro livres brasileiros
Elle aqui afuzilou.

Carregado de tormentos
E' muito bom que pague agora
Entregando sua vida
Em uma forca, sem demora!

Da morte do Cavalcante,
Um pobre velho aleijado,
Puni, Justiça divina
Este assassino malvado.

. . . . . .
. . . . . .

Til não fique de fóra!
Sem ter mais dilatações.
Enforquem o João André
E degradem a geração!

Em toda a *ribeira* do Banabuiú se conhece o *a b c* do bóde e a historia da onça maçaroca que as velhas cantam a acalentar os netinhos, embalando-os na rêde. Esse bóde era um caprino grande e branco que se *amontára* para um senote inculto — os Grossos, e atraz do qual vaguearam vaqueiros e outros em correrias doudas, no desejo caprichoso de o haverem ás mãos. E como o esquivo e agil animal a todos desafiava em astucia e ligeireza no recesso dos mattos, creram que de sobrenatural elle houvesse algo, e cantam-lhe ainda as diabruras no rythmo monotono das musicas sertanejas.

Ribeira se chama a porção ou facha de terra ribeirinha a um rio e outro.

De onças, conhecem quatro especies: a preta, a pintada ou onça-tigre, a sussuarana e a vermelha ou maçaroca, assim chamada por ter uma borla de cabellos, como o leão, na extremidade da lisa cauda. As duas primeiras são a *felix nigra* e *felix onça*, dos naturalistas; a sussuarana é a *felix*

concolor. As duas ultimas especies são PUMAS, leões americanos; as duas primeiras são jaguares.

O sertanejo chama á pintada onça-tigre e por isto diz elle nos seus *desafios*:

Sou pió que tigre macho,
Quando urro em riba da serra,
Estremece o lageiro em baixo,
Caçadô que anda caçando
Fica tonto, perde o facho!

Houve ha alguns annos passados, no Banabuiú, uma maçaroca que deu immensos prejuizos ás fazendas, comendo potros e garrotes.

Deram-lhe caça muitos do logar, mas nunca a puderam matar; feriram-na bastas vezes. Um dia, á tardinha, um Zé Machado topou-a, em uma laxa de pedra, acocorada; e matou-a, valentemente, a terçado.

Cantaram-no e a ella desde esse dia em prosa e verso.

Ainda hoje se ouvem as mães cantar á noite, emquanto os filhos adormecem, nos desabrigados ranchos e nas palhoças:

Eu sou a celebre onça,
Maçaroca destemida.
Mais de quinhentos podrinhos
Eu sangrei por esta vida.

Nessas poesias é sempre o animal quem falla, quem conta a historia. E nellas saem sempre os nomes de todos aquelles que tomaram parte nas correrias e perseguições. Isto é uma alegria e honra para os fallados.

O *a b c* do bôde é um dos mais bellos exemplares dessa interessante parte do *folk-lore* do norte. Não o pudemos apanhar todo, já porque o vulgo o estragára muito, já porque o sertanejo que nol-o communicou não o sabia todo.

A

Avia um bôde nos Grôssos
Do Sr. Francisco Gomes,
Para se pegar no matto
Nunca nasceu esse home.
Se não é como le digo
As apparencias me consome.

(me consome — me enganam)

B

Boi corredor de fama,
Sendo brabo em demasia,
Não era capaz de fazer
O que esse bôde fazia,
Quando avistava um vaqueiro
Avoava, não corria.

C

Correndo pelos sentidos
O povo se admirava,
Parece que a esse bôde
O capirôto ajudava,
Cavallo bom de gado
A elle não se chegava.

(Correndo pelos sentidos. — correndo sem vêr o perigo, farejando-o, presentindo-o; capiroto, — o demonio).

D

Dizia elle comsigo
Quando andava no serróte:
Eu só temo muito pouco
E' o creoulo Thimote,
Ou então arma de fôgo
Que póde me dar a morte.

E

Eu me temo do Thimote,
Porque úma occasião
Dizem que pegou um bôde
Só com força de oração.
Assim póde vir a mim
Abrandar meu coração.

F

Fiz um protesto commigo
Que é da minha jurisdicção:
Não consinto que vaqueiro
No meu corpo ponha a mão,
Só se fôr depois de morto;
E morto não tem rezão.
(Jurisdicção, — alcance,.

H

Homes que me preseguis:
Sr. Antonio Xavier,
Os moços lá do "Condado",
Zepherino e Manué.
Os alugados de casa,
Os moços de S. Migué!

("Condado", fazenda em Quixeramobim, onde morámos).

J

Já me dispuz a correr,
Não me lembro do Soméga,
Eu estando ataboletado,
Minhas linhas são sem regra,
E dando cêbo nas unhas,
Cavallo bom não me péga!

(Soméga, — sujeito mofino e tôlo que ahi morara; ataboletado — perseguido ou decidido; dar cêbo nas unhas, — correr a toda).

L

Lino Pereira Cacundo
Com os seus pés de pavão,
Em riba do Carnaúba
Veio a mim — uma occasião,
Cuidava elle que eu tava
Cosinhado com feijão.
(Cacundo, — corcunda; Carnaúba, — nome do cavallo).

M

Moço Francisco Avelino
Veio a mim uma occasião,
Vinha me fazendo mêdo
No cavallete alazão;
Mas eu dei cêbo nas unhas,
Tirei-o dessa illusão!

N

Não digo que não me tema,
Nem chumbo não me mate,
Mas se o Lino me pegar,
O demonio me arrebate;
Eu não sou sapo peiado
Que se peque em qualquer parte.

P

Perseguiu-me fortemente
O Manuel Mathuino,
Uma prôa muito grande
No cavallo do Cyrino,
Mas vio que não me pegava,
Requereu o seu destino ...

(Requereu o seu destino. — deixou de mão, renunciou; prôa, — arrogancia).

R

Rolando esse barulho,
Era só em que se fallava,
Até o negro José
Tambem disse que me pegava,
Coitadinho desse negro,
Que eu nem delle me alembrava!

T

Triste sou o bóde branco
E nenhum mais do que eu,
Manésinho e Zepherino
Fizeram vez de Judeu,
Me deram mais de dez tiros,
Mas nenhum me offendeu

U

Um sentimento tiveram
Esses moços de andar
De manhã até de noite
Sem poderem me matar;
Me deram mais de dez tiro
Só fizeram me espantar ...

De par com a historia notam-s

tambem a satyra e o motejo, por vezes crueis e bastante fortes. São brancos e rudes esses versos, mas exprimem um sentimento artistico embora rudimentarissimo, e denunciam o desejo de guardar certos factos immorredouramente.

Apezar da sua simpleza e rusticidade elles se assemelham áquellas xacaras portuguezas de tempos idos, onde se cantavam façanhas rudes das guerras leonêzas, destrezas de jograes, graçolas de truões ou então, após a classica e sulphurica explosão do diabo, a nau Catharinêta a varar nas costas lusitanas. Recordam tambem os versos simples e rusticos dos camponios do meio-dia da França, narrando as negras atrocidades de Mandrin, o combater dos guardas da Ferme com os contrabandistas e os moedeiros falsos. O proprio tom é dolente e longo como o eram os cantos tristes de Ossian e as sagas que narravam o abordar dos filhos de Erik o Vermelho nas er-

tensões nevadas da peninsula do Labrador, onde perfis de usos brancos se confundiam, apagando-se no horizonte com o esbranquiçado do céu ...

Gustavo Barroso.

ESTUDOS SERTANEJOS

II

AS CORES

O matuto cearense não conhece as côres que nós conhecemos. Na sua vida aspera e rude distingue o verde, o amarello, o branco, o vermelho e o azul, empyricamente.

O verde é o da *caatinga*, do *bamburral*, do matto emfim.

O amarello é aquella côr amarella escura, peculiar ao gado bovino do Norte, na generalidade. O seu branco é o da cal de rebôco; geralmente elle o chama alvo.

Vermelho é uma denominação especial, abrange muitas côres. Vermelha para elle, é a chita encarnada do *mascate*; vermelho é o barro do sólo, a onça sussuarana, o cão ordinario, a raposa; emfim tudo o que é encarnado e suas gradações até o amarello avermelhado e todo o amarello que não fôr o do gado bovino.

A côr do sertanejo é strictamente local. Tem uma certa denominação, um certo objecto; mudou de logar, muda de nome: o boi é amarello, mas o cachorro da mesma côr é vermelho. A cal é branca, mas a vacca branca é *alvaçan*. Portanto, enumeramos de um modo geral as côres que elle conhece. São aquellas sómente. As suas gradações e combinações escapam-lhe á observação. Sabe elle lá o que é pardo, cinzento, amarello de chromo, rôxo, etc.!

O seu azul é que é interessantissimo. O sertanejo chama azul a um cinzento sujo, côr de poeirá, côr de asphalto, meio indeciso, muito commum ás vaccas do Norte. Para quem não conhece isto será immenso espanto ouvir o vaqueiro berrar na alpendrada da casa, olhando o pateo da fazenda:

— Lá vae uma vacca azul. Não é bicho daqui. De quem será?

E o sujeito correrá de olhos esgazeados a ver esse phenomeno. Uma vacca azul! Quem não está a par da rotina e ignorancia do camponez do Norte é até capaz de franzir o cenho e resmungar que queremos fazer intrugice.

Esse conhecimento defeituoso é producto do meio. Como ha de o vaqueiro conhecer outras côres além das mencionadas se elle nunca as viu?

O seu colorido ha de ser o do matto e dos animaes, mais nenhum, forçosamente. Elle só dá nome á côr que está costumeiro a ver, e se ha anomalia nessas denominações, é que elle nunca aprendeu nada pela leitura ou convivio com gente mais adiantada.

O mais lettrado sertanejo, quando muito, conhecerá o "Carlos Magno", "A Princeza Theodora" e o "Lunario Perpetuo"; fóra destes livros, ainda ha os "Almanachs de Bristol", as *folhinhas* do anno.

Além disto tudo, elle é ao extremo rotineiro e conservador. Planta de tal modo, porque seu pae assim fezia. Faz tal cousa assim, porque era assim que seu avô fazia.

E, tirante as cousas referentes á labuta rude do aspero mister de criadores de gado, em cuja observação os sertanejos são profundissimos, ao mais que os cerca não ligam importancia.

Conheci um velho vaqueiro da fazenda "Cruxatú", em Quixeramobim, o Tonho Baptista, emerito em qualquer observação do seu rude viver, ligando nenhuma importancia a tudo o mais.

Pelo cachorro da espora de um vaqueiro estranho saberia dizer se o sertão de onde vinha era *descampado* ou *coberto*.

O cachorro da espora é a haste que liga a roseta ao pé.

Se a haste era longa o sertão era descampado, isto é, de matto ralo; se curto, sertão de muito matto.

Com effeito, qual o vaqueiro que em um sertão *coberto* se arriscaria a correr no pizo do gado com uma espora comprida e enganchar pelos cipoaes?

Uma vez, chegando-lhe a casa um vaqueiro a perguntar por um *animal* sumido, disse-lhe elle:

— Pasta alli pr'ão pé daquelle serrote *preto*. Já sei que animal é: é uma *besta* (egua castanha, *torta* (cega de um olho) de *saia* (cauda) comprida.

E o outro retorquiu affirmativamente.

Quando se foi, o vaqueiro explicou-me como sabia tudo aquillo sem ter visto a *besta*. Andára a campear de manhã cedo e encontrára no sopé do serrote rastos de um animal de fóra. Vira que era besta, porque não pisára na urina. Sabia que era torta, porque a pastagem só fôra cortada pelos dentes de um lado da vereda. E que tinha a cauda larga, porque deixára agarrados ás tiriricas rasteiras uma porção de cabellos no acto de abanar-se das moscas. Os cabellos eram castanhos.

Desses exemplos sabemos aos centos. Pois bem, esse homem, sempre observador nessas cousas, descurava do mais.

Infallivelmente notavamos que quando picava fumo para o cachimbo, ou sobrava no acto de encher uma boa porção, ou faltava outro tanto. Fizemos-lhe perguntas.

— *Seu* Tonho, desde quando você fuma?

— Ha *córenta* annos.

— E você nunca aprendeu a calcular a porção de fumo picado que leva o seu cachimbo, fumando ha quarenta annos, *seu* Tonho?

— Ora, *seu* moço, presto lá *tendo* a isso! Vou cuidar d'outras cousas.

E todos são assim.

Voltando ao conhecimento das côres, podemos ainda dar uma côr como conhecida pelo matuto: é o preto.

O preto, excepção do pigmento dos raros negros que existem no sertão, não exprime positivamente a côr negra. Não; preto quer dizer ausencia de verdume e de alegria. O sólo do sertão despido completamente de relva ao tempo da secca está *preto*. *Preto* é o arvoredo sem folhagem.

Preto é o serrote de pedregulhos onde não medra a vegetação, nem escorre um alegre fio d'agua.

Preto é tambem agglomeração. Estava *preto* de bicho. Estava *preto* de gente. *Preto* de moscas.

Para exprimir multidão ha tambem um termo original — *Putici*. Quando o gado, estando o sertão escasso d'agua, reune-se em uma cacimba em bandos para beber, e naquelle fecha-fecha começa a bater ruidosamente os chifres uns nos outros, diz o matuto:

— E' um *putici* de gado, chega está batendo o chifre.

A mesma phrase empregam referindo-se ás pessoas.

— No terreiro da Matriz, nas *inleição*, era um *putici* de gente...

Para mostrar quanto é imperfeito o conhecimento das côres pelo sertanejo, narraremos um caso comprobatorio.

No paiol de uma fazenda em que estivemos algum tempo havia uma porção de mantas de variadas côres. Um dia mandando o nosso cargueiro sellar um cavallo, dissemos-lhe:

— Raymundo, ponha aquella manta pequena, azul.

O Raymundo poz uma acinzentada e, quando estouramos de raiva, mandando pôr a azul, disse-nos elle muito ingenuo:

— *Essa* não é azul, não ?

O sertanejo não emprega o este e o isto; elle só conhece o esse e o isso.

Quanto a rotina, elle é de tal fórma que aconselhando-se a um a regar, durante uma estiagem imprevista e malfazeja, uma parte de seu pequeno *roçado*, se não toldo, pondo ao trabalho toda a sua familia, para salvar a sementeira e não ficar á mingua, respondeu-nos erguendo um pouco o chapéo da cabeça:

— *Quá*, seu *moço*, quem é que póde ir contra os castigos que Deus Nosso *Sinhô* manda !

O sertanejo não tem absolutamente o sentimento da perspectiva. Elle não sabe comprehender, não sabe ver uma gravura. Gosta muito, mas não a entende.

Uma vez mostrando um jornal caricato americano, o *Judge*, a uns vaqueiros, estes entreolharam-se ante uma gorducha e exotica figura de John Bull. Um, apontando para o collete do barrigudo inglez, todo raiado de vermelho pelas listas da bandeira da "Union Jack", em ar de duvida perguntou-nos:

— Elle *tará* co'as tripas de fóra ?

Vendo, no mesmo jornal, uma moça debruçada em uma janella, lastimaram-lhe a sorte:

Tadinha ! Toráram ella pelo meio !

Torar é cortar.

Se uma figura só apresenta uma perna ou um braço, elles inquirem pelo resto:

— *Cadê* ?

Em 1907, de parceria com J. Paulo Barros, que ora faz trabalhos de pintura no Theatro do Ceará, pintámos a casa do Coronel Antonio Leal de Miranda, na fazenda "Condaxo", municipio de Quixeramobim. Essa casa é uma das melhores do sertão. E' de tijolo, cousa rara, porque todas as casas do interior são de taipa. No sertão de Quixeramobim ha muitas fazendas com magnificas moradas, especialmente nas proximidades da Estrada de Ferro, isso porque são moradas de recreio dos ricos da Capital.

O matuto não perde seu tempo em fazer casarões, por mais dinheiro que tenha. Mora em um buraco, cria o seu gado, e, destituido por completo de ambição e de desejos ou curiosidades, não passa a perna no cavallo para ir ver o que é uma machina a vapor, uma filha de Stepheuson, a seis leguas da fazenda. Falla-se-lhe no mar, elle franze desdenhoso o beiço. Falla-se-lhe na Capital, na electricidade, no cinema, elle tira uma baforada do cachimbo e pergunta indolente:

— E é ?

Nada mais se lhe arranca. Falle-se-lhe no gado, no *mal do rengo*, na parição, elle ahi é tudo, é rei.

Quando pintavamos, os vaqueiros entravam na casa, olhavam em um retrahimento as fiores e os ornatos, mascavam uma filpa de tabaco ou enrolavam um cigarro de fumo picado e palha de milho, e grasnavam:

— *Tá* bonita ! *Tá !* *Tá* toda subdorada !

E lá se iam a assoalhar pela *ribeira* que o *casão* do coronel *táva* todo *subdorado*. Vinham depois em bandos e pasmavam calados, admirando.

A's vezes rumorejavam:

— Esses moços têm artes ! Só *mação !* E' vê uma Egreja ! São uns *homes* levados do *capeta !*

Tudo o que é prodigioso, para elles, é feito por maçon.

O que é mais bonito, o que elles conhecem de mais bello é a Egreja. *Capêta*, cão e *capirôto* é o diabo.

Se a gente lhes dá uma figura qualquer, elles pregam-n'a amorosamente á parede do *copiar* ou na tampa do bahú, quasi sempre de cabeça para baixo.

Em uma fazenda cujo dono é monarchista ferrenho, queria bem aos reis, havia um retrato de D. Pedro II, encaixilhado, pendurado perto do oratorio, terminando uma fila de lithographias de santos illustres.

Quando terminavam as novenas que alli faziam pelo mez de Maio, os matutos beijavam o oratorio, as lithographias dos santos e D. Pedro II com a sua barba á S. Pedro, alvejando no caixilho de cedro envernizado...

Sabiam lá quem era ! Uma cara barbada era de santo, com certeza. Não havia duvidas. Despegavam-lhe beijos.

De desenho elles só entendem os de marcar *animaes* e gado. Griphamos ás vezes animaes, porque o matuto faz completa distincção entre gado e *animal*. Gado é unicamente o bovino. *Animal* é todo o gado muar e cavallar. Ao ovino, caprino e suino chamam *miuças* ou *criação*.

Essas marcas de gado são chamadas — *ferros*.

São impressas em braza na côxa do animal. O primeiro dono *ferra* em baixo da côxa, os que vão comprando vão marcando para cima. Sempre é o *ferro* de cima o ultimo, o que regula. Ha animaes que têm passado por tantas mãos que já são *ferrados* ao pescoço. Ferram os jumentos sempre na venta, quando cabelludas.

Na côxa esquerda vae o signal do dono; na direita, o da freguezia.

Os matutos têm um conhecimento profundo dessas marcas de gado. Nas suas palestras desenham-nas no chão com um palitinho.

Distinguem-nas de longe. Nunca se enganam. Conhecem os *ferros* da *ribeira* toda de cór e salteado.

Riscam-nos a fogo nas portas da sua casa, em um tronco insulado ao meio de uma varzea, para roteiro aos que procuram gados sumidos. São os seus livros de escripta. Essas marcas são de ferro batido encabados em um osso de boi ou em um cascabulho de milho.

Cabo de madeira elles não põem, porque qualquer labareda da fogueira onde a marca esquenta o devoraria, dando-lhes trabalho e prejuizo. O osso não, custa a queimar; e o cascabulho abunda ao tempo do plantio, e é facilimo de enterrar no esporão do ferro.

Ha uma especie de buril que elles chamam *giz*. Com esse buril escandescido os mais habeis *ferradores* do sertão desenham no lombo do gado, sem um erro, o *ferro* de sua fazenda.

E' difficil, mas ha gente que faz ostentação em só marcar com o *giz*. Esse *giz* é mais proprio para concertar as marcas que ficaram falhadas, mal queimadas em certas partes.

O vaqueiro conhece, por mais velho que seja o boi, se foi *ferrado* com a marca, se com o *giz*.

Essas marcas têm muitos nomes. Quasi sempre constam de lettras conjugadas, iniciaes dos nomes do dono. Mas ha certos enfeitesinhos que têm nomes particulares. Um minusculo de imprensa chama-s uma *fulô* (flor). Fulano de tal ter por marca um *B* com uma *fulô* en riba.

Um traço que una dous desenho é um *puchête*.

O *ferro* de fulano é um *M* e un *puchête* com um *o* pequeno n ponta.

Ha cruz, martello, quadro, roda escada (duas parallelas cortadas por outras duas), enxada e outras mais.

Ao y chamam i; ao lozango, i fechado.

As freguezias se distinguem por lettras. Umas têm a inicial, outras a vogal accentuada, outras a inicial do padroeiro, outras ainda uma consoante ao meio.

Aquiraz, por exemplo, é um A; Maranguape, um P; Icó, um O; Soure, um Z; Canindé, patrocinado por S. Francisco, um F; e Quixadá, um Q antigo, manuscripto pouco usado que a ignorancia sertaneja chama L.

Um sujeito que tem muitos filhos marca todo o gado com o seu signal e põe uma pequena differença no seu *ferro* para cada filho, de modo que quando chega no quinto e sexto está completamente degenerada e accrescida a marca primitiva.

Outros usam um numero para cada filho.

Quando a marca é muito grande e queima muito o lombo do animal, diz o matuto:

— Tem muito fogo!

Se um *ferro* é exotico ou exquisito e desconhecido do matuto, elle não se conforma, falla e rosna eternamente.

— Que *ferro* feio! Que cousa sem geito!

O Coronel José Tito Nunes, dono da fazenda "S. Luiz", na *ribeira* do Ceará, tendo sido educado na Allemanha, gozando, portanto, de uma certa instrucção, tomou como marca de gado um escudo com uma banda transversal. Pois esse escudo é o *cabriau* dos vaqueiros daquellas redondezas, que lhe não sabem explicar a significação. Rosnam sempre:

— Não sei onde aquelle *home* foi inventar aquillo!

Além das marcas a fogo o sertanejo entalha nas orelhas do boi, e especialmente das *minuças*, diversos signaes interessantes. A combinação de uns poucos delles em diversas posições elles chamam — o *signal* da fazenda; e o acto de fazel-os brutalmente, á faca — *assignalar*.

A outra marca é o — *ferro*; e o acto de marcar — *ferrar*; e a época — a *feira*, que é sempre em Junho, *fins d'agua*.

Se a ovelha é espontada denominam *ponta de lança*; se truncada — *troncha*. Ha uma entalhadava triangular — o *cauzil*; uma em angulo recto — o *conto de porta*; uma redonda no centro da orelha — o *buraco de bala*.

O signal de fulano, por exemplo, é *ponta troncha*, na orelha direita, um *cauzil* com um *buraco de bala* na esquerda.

Com esses signaes fazem milhões de combinações; raras vezes se encontra uma repetida.

E assim mesmo ainda ha quem furte o gado, modifique o *ferro* e recorte o *signal*.

A tarefa de escolher um *ferro* ou um *signal* é difficil no sertão. Reunem-se quatro, cinco vaqueiros, discutem, desenham no chão, riscam, tornam a fazer, passam ás vezes horas a fio naquillo até acharem um *ferro* ainda não usado, um

signal ainda não conhecido. Tal marca parece a de fulano, tal a de sicrano, tal tem muito fogo, queima muito. Emfim, em côro berram:

— Essa sim! Essa *tá* boa!

Num tem defeito!

O vaqueiro que vem *pedir um campo* em uma fazenda, para pagar uma sua rez fugida ou tresmalhada, desmonta, abaixa-se e com a ponta da faca ou com um graveto risca o *ferro* no chão.

Os da casa acócoram-se alli em torno e dão-lhes as indicações que podem.

Pedir um campo é como quem diz — pedir licença para procurar a rez nas terras da fazenda alheia.

A' noite, quando dous vaqueiros se encontram na escura solidão das estradas e reciprocamente se dão noticia dos bichos sumidos ou com *bicheiras*, na impossibilidade de riscar o ferro, usam de um estratagema intelligente.

Pega um na mão do outro, e *desenha*-lhe na palma, com a ponta do dedo, o *ferro* do gado. Raras vezes repete a manobra. A marca da fregoezia, o signal das orelhas dizem em voz alta.

— O T da Telha. O A do Quixeramobim. Tres *cauzis* na orelha esquerda; *buraco de bala* e *canto de porta* na outra.

Depois dão-se boa noite e lá trotam, estrada em fóra, cachimbando a cantarolar baixo:

Nunca vi terra tão boa
Cuma o Quixeramobim.
Pr'a fumar fumo da terra,
Pr'a *mascá* só *mapinguim*.

O *Aracaty* sopra fresco, descampados em fóra.

Ao longe por sobre os *canasciós* brilham os pyrilampos; no arqueado do céo muito negro bocejam as estrellas. Tine distante, fracamente, o chocalho de um animal pastando nas *capoeiras*. E na quietação e no silencio da noite perde-se saudosamente o cantaroiar indolente do vaqueiro.

Gustavo Barroso.

"J. do Commercio" Ed. da Tarde
17 - 1ª pag. de 15/10

NO SERTÃO

Eu descia aos solavancos do cavallo fatigado a ultima ladeira da serra do Pereiro.

Lá ao longe, a planicie raza do sertão acinzentava-se na luz doce da tarde que morria. Ao poente, por trás de uns comoros que se arroxeavam, esbatia-se um ultimo clarão do sol; pesava um silencio triste sobre as cousas: e uma grande paz baixava sobre a terra...

Detive o tardo animal á porta tosca de um tugurio e pedi agasalho áquella noite.

A casinha aninhava-se numa pequena encosta, á sombra pôlhuda de uns joazeiros, para cá do ultimo declive da serra uns dous kilometros.

Era escuro já. Brilhavam pyrilampos como douradas lantejoulas no véo da noite.

Uma cabocla sympathica e vivaz, com os dous filhinhos a se agarrarem nas dobras da saia de algodão listrado, affavelmente rumorejou que eu *desapeasse*, puzesse o animal peiado no pateo e entrasse,— que era minha a casa, mesquinha e pobre.

O marido fôra ao campo em busca das vaccas moribundas ou a cabir de sêde e fome nos rincões asperos da serra, onde iam procurar as ultimas especies vegetaes, ainda vivas por um pouco de humidade.

No sertão calcinado as arvores iam esqueleticas, ennegrecidas, e os ultimos redemoinhos de vento haviam levado as ultimas folhas seccas! O sólo negro estendia-se varrido e limpo leguas e leguas, por ahi além; e a gente sentia, a olhal-o, uma funda tristeza a subir, a subir do peito, suffocando.

Puz a sella, o freio e a *carona* sob a protecção do alpendre, entrei e á luz fumosa e baça de uma candeia de kerozene, presa ao tabique de taipa, relanceei um olhar pela sala pequena e pobre, e sentei-me no tampo de uma mala de couro crú.

A mulher enxotou os filhos lá para dentro, bruscamente; depois deu-me, em uma chicara ordinaria, de louça grossa, um café saboroso, acabado de côar, quando chegára.

Fui sorvendo-o aos goles, refrigerando a garganta que me vinha secca e ardente.

Lá fóra era noite, e noite escura, com o pestanejar dos pyrilampos e um tenue bocejar de estrellas no negrume do céo. Inda da terra se desprendia fraco calor; mal já o Aracaty, o vento fresco da noite, chiava lugubremente nos galhos seccos das *catingas* mortas.

E a cabocla, num murmurio dormente me foi desfiando as agruras do sertão, as miserias da secca.

Eu, Cearense, costumeira a percorrer aquellas zonas flagelladas, comprando gado nos mezes de inverno, quedei para alli, triste e amarfanhado.

As cacimbas haviam seccado. Cavaram-n-as mais e mais numa piçarra dura, num calcareo resistente, a alvião e a picareta, sob a canicula esmagadora. Aprofundaram-n-as trabalhosamente e deram nagua, mas numa agua salgada, terrea, trescalando máo, pura caparosa, produzindo vomitos.

O gado magro sómente a cheirava... Emfim, após canceiras inenarraveis, haviam achado uma cacimba de boa agua, profundamente cavando o leito a secco de um rio. Mas essa mesmo ameaçava seccar!

Já lhes tinham morrido umas oito vaccas e estavam em Novembro! Elles nada quasi possuiam; o dono da fazenda, o seu patrão, é que levaria o rombo.

Delles eram umas quatro cabeças de gado que já se tinham ido, na frente, e uns bodes que andavam a comer, quando a caça não fornecia um tatú, uma inhambú ou um tejuassú ligeiro.

Havia dias em que comiam o miolo do cardeiro, do chique-chique, assado ás brazas. ma miseria! E a agua, santo Deus!

Resoou um trotear de cavallos no terreiro. E o marido, um *cabra* alto, espadaúdo, osseo, musculoso, entrou num arrastar de esporas rudes, o *peia-boi* na mão, o gibão de couro lançado sobre o hombro como o dolman dos camponios hungaros, dos antigos hussares de Mathias Corvino.

Deu-me boa noite e, explicada que foi minha presença, desfazendo-se num sorriso, foi tratar-me o cavallo.

A sertaneja deixou-me só: ia á cozinha vêr se o *dicomer* era prompto.

Pesou um silencio na sala fumarenta. Ao longe, nos recessos da *catinga*, uma raposa esfaimada uivava de quando em vez, lancinantemente. As espiraes de fumo do meu cachimbo perdiam-se, fugindo lá para o escuro do tecto...

Reappareceu o marido: e sobre um couro de boi estendido no sólo fomos comer um pouco de carne secca de ovelha, cozinhada nagua e sal, entremeiando raras phrases sobre o eterno assumpto — a secca.

O pirão escaldado de farinha ordinaria tinha um sabôr agradavel; a carne era gostosa: e eu trazia fome de seis leguas de caminhada.

Armaram-me depois uma rêde limpa a um canto da quadra: — podia ir dormir quando quizesse.

A casa era minha. Mas, antes de dar descanso ao corpo fatigado, me fui assentar ao alpendre, sobre um toro, a cachimbar, numa muda contemplação da noite escura com um apagado faiscar de estrellas.

O sertanejo e a mulher, na sala, á luz da lamparina, remendavam a roupa de couro, muito usada já, com as joelheiras e os cotovellos rôtos nos espinhos das unhas de gato, nos estrepes das juremas.

Uma luz vermelhaça cortava pela escuridão em direcção ao rancho. Ao defrontar com a casa, vi que eram dous vultos, mais baixo um, mais alto o outro, conduzindo este uma candeia de kerozene numa armação de vidro.

Deram-me boa noite e entraram na casa.

Eram uma velha, que vi, na luz da candeia, ruguenta, curvada, no extremo da decrepitude, e uma criancita de uns cinco annos, pallida, de um louro muito triste, um louro de milho a amadurecer ao sol, fanado, nos tempos de pouca chuva.

Lá por dentro se demoraram; depois sahiram e se foram, com um novo boa-noite ao meu vulto amarfanhado, a fumar, para cima dum toro, na sombra do alpendre.

Chamei o vaqueiro, curiosamente indaguei o que andava a procurar aquella velha, a horas mortas tão só com aquella menina fanada e triste, por noite escura, no tempo da secca, quando sibilavam assoviveis na tocaia e as rapozas uivavam nas *catingas* esqueleticas. E vai elle me respondeu na sua voz arrastada e doce de cearense humilde:

— E' a velha Maria de Paula, viuva do defunto Chico de Paula.

E desfiou-me a historia toda.

— Morrera-lhe o marido ha muito tempo, quando elle ainda era menino, um sujeito brutal, rispido e avarento. Deixara-lhe a fazenda, gados, criações domesticas e algum dinheiro. Ella, sempre triste, sempre humilde e compassiva, quando a secca, que nesse tempo fôra *braba*, apertara, ainda a dar esmolas, a enxugar lagrimas, a consolar miserias, pela *ribeira* toda. Gastara bons cobres. Além disso a secca lhe fizera muito mal. Mas ainda o que lhe ficara dava para viver. Deu-lhe então a mania de criar os filhos que por ali, infortunadamente, ficavam ao abandono, mortos pais e mães. A mulher delle era uma dessas engeitadas da sorte. Todos encontravam guarida na sua casa hospitaleira e, quando casavam, recebiam de dóte duas ou tres cabeças de gado. Não era só isso. Todo aquelle que precisasse podia, sem temor, bater á sua porta. Ella dava o que podia. Criara para mais de doze meninas e meninos, que viviam espalhados pelo sertão, outros pelo Amazonas...

Os deshonestos se aproveitaram muita vez da sua bondade: pediam-lhe dinheiro emprestado e jámais pagaram.

Empobrecera assim, aos poucos.

Hoje morava numa choupana de palha, no recosto dum outeiro, edificada por elle, pois que ella não quizera acolher-se á sua casa. Lá vivia pobremente. Aquella criança lhe havia engeitado á porta uma mãi sem entranhas, a occultar vergonhas. jam cinco annos que ella a criava com amor e com carinho. Era a ultima. Ella a velhinha, tinha setenta e nove annos, já não mais podia com a agrura de uma caminhada pelo sol ardentissimo do sertão. Por isto sahia á noite, guiada pela menina, á luz da candeia, e na solidão, a buscar um pouco de comida, a esmolar nas casas daquelles que fartamente já sustentára, quando vivera na abastança...

O sertanejo foi-se lá para dentro a encolher hombros, elle tão mesquinho e tão humilde ante as miserias immensas do mundo!

E eu quedei-me alli, á sombra do alpendre, a cachimbar, olhando a noite escura e aquella luzinha vermelhaça a vacillar ao longe, a scismar, a scismar na grandeza dalma daquella mulher, tão santa e tão caridosa, empobrecendo-se aos poucos para beneficiar os outros, ficando sem pão por haver dado de esmolas e sem tecto, porque vendera o seu afim de minorar soffrimentos! E agora, no ultimo quartel da vida, com setenta e nove annos de amor e de bondade, inda creava uma pobre criança que os pais haviam abandonado, só e pequenina, ás tormentas do mundo...

E qual seria, perguntei a mim mesmo, a instituição de caridade que se comparasse áquella mulher?

Penetrei-me de um grande respeito áquelle vulto de compaixão e de desprendimento, e nunca mais da mente me sahio aquella face ruguenta e amarellecida, aureolada de farripas brancas, aquelle corpo magro e curvado apoiando-se na fragilidade daquella criança loura, fanada e triste, á luz fumosa da candeia, vindo pedir um pouco, por noite escura, a quem já déra tanto!...

Dous annos depois eu surgi por aquellas bandas a comprar novilhotes e garrotes, na quadra alegre do inverno.

Parei naquella mesma casa e pedi agua para refrigerar a gargante resequida.

Trouxe-m'a num caneco de folha, limpo e brilhante, uma criança loura, vestida de preto, fanada e triste. Reconheci-a. Nisto sahia o vaqueiro ao alpendre. Vio-me e veio a mim, a rir, offerecendo-me a hospitaleira casa. Eu ia com pressa, não me podia demorar.

Perguntei-lhe pela velhinha, ancioso, a adivinhar desgraças naquelle vestido preto da pequenina.

Elle me contou, então, que se finára ha dous mezes, numa tarde serena, placidamente, a sorrir e a fallar. Achava que fôra do coração.

Despedi-me e parti. Recordava o quanto me penetrára fundo a imagem daquella mulher. E lastimava sinceramente, eu, rapazola, eivado das cousas do seculo, o não crer nas bellas cousas que as religiões contam, — para vêl-a, mysticamente, a subir para o céo entre uma branca escolta de cherubins e nuvens côr de rosa, em busca da recompensa que Deus reserva aos que são santos e aos que são bons...

João do Norte.

"Fon-Fon" - Rio - 1910
22 de Outubro

O Socófóles

O Sóphocles era conhecido entre os collegas por Socófoles. E creatura mais imbecil nunca houvera em meio de cascabulhos e academicos. Era um rapaz alto, corpulento, amarellaço e louro, de um louro triste, a nos fazer pensar na bastardia e degenerescencia de uma raça. Conquistara esse appellido de Socófoles e o diploma de burro até onde se póde sel-o.

Todos lhe punham a carga e delle diziam que era a maior jumentalidade brazileira. Coitado!

As suas anedoctas são impagaveis, o que delle contam faz-nos morrer de riso.

Uma vez, quando cascabulho, nos themas do Halbout traduziu assim: la brebis, a *briba;* le mouton, o botão; le livre de l'enfant est joli, o pé do elephante é comprido.

Ao prestar exame de portuguez, perguntou-lhe o lente qual o imperfeito do subjunctivo do verbo ser. E elle, pensando dizer bôa coisa, risonho, o carão papudo e braço no ar:

Que eu fôsse,
Que tu fôsses,
Que elle fôsse,
Que nós *fossámos,*
Que vós *fossais,*
Que elles *fússam.*

Pelo auditorio estourou uma gargalhada e o coitado do Socófoles foi ao páo!

Numa aula de geographia localizou o Tejo em Pariz, disse que a Groenlandia era habitada por animaes submarinos e que um dos cinco planaltos da America era o oceano Pacifico...

Fazendo a prova escripta da mesma materia, soprou-lhe um companheiro que a Argentina produzia muito matte, e o infeliz escreveu: a Argentina produz muito tomate, tomates em quantidade; vão para a Europa navios e navios carregados de tomates argentinos.... E por ahi desembestou.

Em geometria era um portento. Em banca de exame,. presente grande porção de pessoas, perguntou-lhe o lente, já aborrecido:

— Como se chama o polygono de cinco lados?

E elle, triumphalmente, respondeu:

— Quingóno.

Em Historia escrevia destas belleza:

«Napoleão atravessando os Andes foi para a Mesopotamia e deixou Marat governando a França.... Camillo Desmoulins na batalha de 24 de Maio....»

Um dia disse que Hippopotamo era um animal invertebrado e a Baleia um mollusco.

Num baile era assim que convidava uma moça a dansar:

—V. Ex. faz o favor de dansar *cum eu* a valsa que ora toca?

Galanteando uma sua predilecta, disse-lhe, olhando-lhe o lindo ramilhete do regaço:

—A senhora tem no peito um verdadeiro jardim zoologico.

Carta sua jamais alguem entendera.

Hoje é um honrado funccionario publico, o meu amigo Socófoles, o Socó como eu o chamo em intimos colloquios, coitado!

Conseguiu, tambem, um electrico diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

No futuro, talvez seja um grande homem! Pacheco não o foi. E' um pobre, coitado, por isto é que eu o estimo. ***João do Norte.***

Sobre o descobrimento da America

Era a hora do quarto d'alva. Estava uma noite clara, estrellada, tropical. No azul desmaiado do firmamento a Via-Lactea esmaecia aos poucos; no verde ondeado do mar, aqui e alli luzia uma tenue phosphorescencia embalada na crista duma vaga preguiçosa.

Ia uma serenidade pela face do oceano e um grande silencio pela noite toda.

Sómente de quando em vez um rumor surdo quebrava a monotonia silenciosa do mar e do céo. Era o leque forte de uma caravela que a cabecear altaneira márrava o viso das vagas num alvejar de espuma.

Aos poucos o mar clareava mais e mais: e se distinguiam tres navios, navegando de conserva, as velas pandas, recortando-se negros, como grandes aves sinistras, na lividez do céo.

Eram as tres caravelas de Christovão Colombo, demandando as terras ignotas pela vastidão do oceano, heroicamente.

No escuro do convés dormiam, envoltos em negras capas, vultos mais escuros ainda; as escôtas retezadas gemiam; e, presas aos poiaes esculpidos dos castellos de prôa, oscillando com o arfar, amorteciam o brilho avermelhado as lanternas de navegação.

Junto ás cannas dos lemes vultos fortes de timoneiros quedavam immoveis e solemnes...

Do nascente vinha já o primeiro e mais fraco clarear do dia.

Nos cestos da gavea, debruçados, os gageiros perscrutavam o horizonte. Ao cahir da noite fôra avistado o clarão vermelhaço de uma fogueira para as bandas do poente, muito ao longe. Fazia-se necessario vigiar.

De subito, o gageiro da "Pinta", a caravela dianteira, trepou aos enfrechates do joanête, poz as mãos em palas sobre os olhos e berrou para a esquadra toda, a estourar de commoção e alegria, elle singelo e experimentado marinheiro:

— "Terra! Terra pela prôa!"

E os outros, e os grumetes, e os homens de quarto, bradaram tambem, erguendo os rostos bronzeos, tostados, num alegre esvoaçar das gôrras multicôres:

— "Terra! Terra!"

Na fimbria distante do horizonte uma fita pardacenta destoava do cinzento azul do céo.

As guarnições despertas, em alvoroço, pularam fóra dos alojamentos apinhando-se nas enxarcias, escanchando-se nas amuradas. Os officiaes surgiram nos castellos a afivellar talins, a ajustar gibões.

O sol nasceu radiante e calmo derramando palhetas de ouro faiscante nos cobres das caravelas, lustrando as carenas alcatroadas, brincando nos rostos viris dos rudes mareantes...

E o almirante serenamente appareceu no convés, a sorrir.

O vento ia sondando para oéste: e ao apito dos mestres, num recolher de velas aos rizes, os navios orçavam.

O terral fresco, o sopro primeiro da brisa matutina, trazendo o odor das florestas virgens da America, veio beijar os longos cabellos do Genovez, — maior caricia que em toda a accidentada vida lhe fez a fortuna!

A esquadra ia caminhando...

Encostado á amurada, cabellos ao vento, o almirante olhava a terra a approximar-se aos poucos, os contornos se delineando mais e mais, avido e emocionado — como se receasse perdel-a agora que já a possuia!

A alma lhe ia plena de alegria e orgulho. O seu martyrio tivera um paradeiro, os seus anhelos e esperanças viam-se realizados. Contempiava o seu triumpho, que era aquella terra a surgir do ignoto, gravado pelo sopro das borrascas nas faces rudes e ruguentas dos seus marinheiros, nas cans que ao vento lhe açoitavam a face...

Baixou repentinamente a cabeça e quedou a scismar.

Achava-se em pleno triumpho e naquella mesma hora lhe passavam pela mente os quadros de sua vida passada, crueis, aterradores, inseparaveis, num encadeamento alternado de afflicções e gozos.

Via-se ha muitos lustros passados, criança ainda, grumete de um galeão de mercadores, na tolda, supportando a dura vida de embarcações, navegando do cáes de Genova ás costas selvagens da Guiné.

Annos após, homem já, capitão, commandando uma galera de guerra genoveza, nos turbilhões de fumo de um combate, no Adriatico, onde fugiam para a costa hospitaleira, esburacados e rotos, os galeões velozes de Genova.

Algum tempo depois, commandando uma frota de Renato d'Aujou, Rei da Sicilia, mettendo a pique, incendiando, esbandalhando a metralha os barcos piratas da Berberia, perto da costa, onde brilhavam ao sol, muito brancos, os minaretes pontudos das mesquitas.

Depois, escapando com o seu navio, difficultosamente, aos bancos de gelo que as correntes traziam do polo, cobertos de ursos brancos, esfaimados, para lá da velha Thule, num mar picado e traiçoeiro, onde os Normandos e Grisões, pescavam bacalháos: para lá da Islandia, nessas paragens, onde Pithéas, o Grego, quedou amedrontado a contemplar a "região desconhecida", os gelos arcticos boiando á tona da agua como grandes focos de algodão...

Mais tarde, na opulenta Lisboa, arruinado, vendendo para viver globos terragneos e mappas geographicos.

Sempre, porém, lhe roia o imo aquella paixão forte de saber e gloria, aquella tenacidade de ariête, incansavel, que é o seu maior titulo á posteridade.

Tivera bruscas alternativas a sua vida, pesados soffrimentos, bém grandes dôres, immensas injustiças.

Amadurecera-lhe aquella idéa *de ir ás Indias pelo occidente, baseada na theoria da espheric*idade *da terra.*

A esse respeito muito lhe dissera o velho Toscanelli, o atilado cosmographico florentino. Custara-lhe a maior somma de esforços e de energia a sua realização.

Mendigara pelas côrtes a esmola de um navio! Negou-lh'o o feio do João II do Portugal, esse centralizador do poder monarchico lusitano, assassino do Duque de Vizeu, de largo e profundo descortinio politico, que deixara ao afortunado D. Manoel de Beja, o primeiro, a ossatura recurva das náos que deviam dobrar o cabo da Boa Esperança e romper os escarcéos dos mares "nunca doutrem navegados".

Os corruptos doges de Genova e Veneza tudo lhe negaram. Andara a pé com os almocreves pelos tortuosos caminhos das Hespanhas, com o filho, criança de dez annos, ás costas, miseravelmente. Mendigara á porta dos conventos, nas escadarias das cathedraes, como Camões no pateo de S. Domingos, ao sol, entre os mendigos. Comera o sobejo dos repastos fartos dos mosteiros. E isso muitas vezes!...

Juan Perez, guardião de um cenobio, delle se compadeceu um dia. Tomou-lhe o filho para educar e, com uma recommendação ao confessor de Isabel a Catholica, mandou-o á côrte.

O velho padre, jungido á rigidez granitica dos dogmas ferrenhos, não admittio as *extravagantes* theorias de Colombo: abandonou-o.

Então elle viveu em Cordova de pintar imagens...

Mas a desgraça era o cadinho onde a tenacidade ferrea da sua alma se retemperava. Não desesperou. Trabalhou mais e mais lutou. Penetrou nas altas rodas, discutio suas idéas, explanou suas theorias, provou-as, e tanto fez que o compadecido Cardeal Arcebispo de Toledo, Pedro Gonzalez de Mendoza, levou-o á presença do Rei e da Rainha.

Fernando e Isabel acolheram-n-o favoravelmente; mas os conselheiros e theologos tanto fizeram e taes meios engendraram que estorvaram a acção á real benevolencia. Fizeram-lhe a maior accusação da época: — chamaram-n-o *hereje!*

Nesse tempo em que o atrazo scientifico campeava, recolhido o saber á sombra das mansões fradescas, ou aos empoeirados gabinetes dos alchimistas, ou ao recato protector das corporações de architectos e pedreiros; em que o livro ainda não passára da porta dos Elzevires, essa accusação era terrivel.

Foi posto de parte o seu projecto. Quasi desesperou. Queimou o ultimo cartucho. Mandou offerecer-se ao oitavo Henrique de Inglaterra; mas o Rei, preoccupadissimo com as questões religiosas, nem lhe respondeu.

Após a rendição do poetico Boabdil, na esplendida [illegible]dia, Isabel deu ouvidos a insistencia dos seus pedidos..

Regateou muito, temendo responsabilidades espirituaes; mas, emfim, cheia de santo zelo pela conversão do gentio, accedeu.

Deu-lhe o titulo pomposo e nobre de Almirante-Mór e Vice-Rei das terras por encontrar, e o decimo de todos os productos obtidos. Deu-lhe isso tudo, porém não escorregou um só maravedi.

O descobridor que se arranjasse. Os Reis de Castella eram prodigos em licenças, titulos e promessas; e parcos em duros, pistolas e dobrões.

O navegante que comprasse galeões e recrutasse marinheiros.

E, perguntarão, se assim era, por que os navegantes imploravam ao soberano essas licenças, titulos e ordens? Por que se não largavam mares em fóra, livremente?

Porque o Governo punia quem levasse á cata de aventuras, sem autorização devida, uma malta de embarcadiços.

Porque os mares e as terras desconhecidas eram propriedades dos Reis, que dividiam-n-as entre si á vontade, fazendo com que Francisco I de Valois um dia mostrasse desejos de lêr o testamento de Adão, na parte em que legara a America aos soberanos da peninsula.

Ninguem mesmo podia possuir navios sem determinações e concessões; ninguem podia recrutar marinheiros sem licença.

A Inquisição dava com o canastro do infractor ás leis nas fogueiras dos autos de fé. Não faltavam para agarral-os nas viellas e estradas os quadrilheiros reaes, os beleguins do Santo Officio e os esbirros da famigerada e bem conhecida Santa-Hermandad.

Para que arranjasse navios lhe forneceram adiantamentos os dous irmãos Pinzon, armadores e commerciantes, que levou como immediatos.

Da barra de Saltes, após dezoito annos de angustias e vexames, se partio rumo do Oceano, com tres miseras e pequenas caravellas, *Santa Maria, Nina* e *Pinta*, as côres rubras e aureas de Castella acenando ás costas latinas da Europa, num adeus, indo levar a civilização occidental ás terras desconhecidas...

Emfim um dia as tripulações exhaustas e afflictas, desesperadas de não encontrar a terra promettida, revoltadas, armas em punho, deram-lhe tres dias para retroceder.

E, oh! felicidade! ao raiar o terceiro, o negrume da terra sujava no horizonte a limpidez do céo...

As correntes chisparam scentelhas nos escovens. As ancoras cahiram na agua, pesadamente.

Pejadas de soldados as chalupas foram arriadas dos cachorros. Pela praia corriam indigenas bronzeados, núS, com ouropeis de pennas multicôres.

Por sobre o verde intenso o novo dos matagaes ondeavam palmeiras. O céo era esplendidamente azul. Voavam gaivotas por sobre o mar...

Um tiro atroou os ares espantando o gentio rude. Era o falconete da prôa da capitanea que saudava a terra nova e fecunda da America, surgida das aguas para a civilização e para o progresso! E a artilharia das caravellas, tambem, saudou a terra, entre nuvens de fumo e rugir de detonações.

* * *

Colombo julgou que aquella terra fosse o Cipango de Marco. Polo, o Cipango sinistro, envolto nas brumas do desconhecido como um espantalho aos exploradores que, por milagre, chegassem sãos e salvos ao Imperio Celeste de Carthago.

Já prestes a morrer é que elle veio a saber que levantára o véo encobridor de um novo continente, fecundo e bello, rico e futuroso. Julgara até então haver encontrado pelo lado do Occidente qualquer parte da Asia, a India, por exemplo.

E' verdade que rosnam sobre um documento que lhe legara, em hora aziaga, um piloto desconhecido, naufragado nas proximidades da Madeira, onde elle morava. Isto é lenda como é a da tal estatua encontrada numa ilha da costa africana, que com o dedo apontava para os lados do poente.

Fallam, tambem, que elle tomara conhecimento na sua expedição para o norte das "Feroë" das navegações dos piratas scandinavos. Isto é mais provavel; mas todas essas historias sómente provam que já havia uma certa desconfiança sobre a existencia de um continente além do Atlantico, que já se rumorejava algo a esse respeito.

Para os povos civilizados do occidente foi elle quem desvendou o continente americano, prodigiosamente rico, a tentar cubiças. Mas já a America era conhecida por outros povos europeus, ainda em estado semi-barbaro, pescadores e ladrões do mar. O occidente europeu é que ignorava a historia dessas gentes, vindo a conhecel-a bem nos tempos modernos.

* * *

Podemos, no emtanto, ir mais longe, recuarmos na senda dos seculos á cata de uma lenda que correu mundo nessas éras remotas.

Foi no tempo das guerras punicas, do degladiamento formidavel de Carthago e Roma disputando-se a hegemonia do mundo. Foi nesse tempo em que os mercenarios de Amilcar vieram colher parras nos vinhedos da Sicilia e os legionarios dos consules investiram a soldadesca misturada e mercenaria que era o exercito carthaginez.

As galeras de Carthago, depois que os barcos phenicios apodreceram abandonados ou foram incendiados no porto de Sidon, dominavam os mares do orbe. Iam, os remos nagua, as velas infladas, buscar ambar ao Baltico, ferro nos fjords da Escandinavia, ouro no golfo da Guiné.

Um dia, além das columnas de Hercules, um desses barcos perderam a róta nos temporaes do Atlantico, atirou-se atôa pela face turva do oceano e foi abicar num grande paiz coberto de florestas, abundante de fructos esplendidos, onde os rios rolavam pepitas de ouro.

Refeitos e descançados, annos após, esses marujos tornaram á patria e ahi narraram as suas aventuras. A fama daquella abundancia e riqueza encheu Carthago e muita gente preparou-se para ir ao tal paiz de além do oceano.

Os suffatas e o senado da Republica, temendo um despovoamento da nação, prohibiram, sob pena de morte, a immigração e a divulgação de taes noticias.

Isso, porém, é brumoso e vago, como tudo do pouco que nos legaram os historiadores punicos.

Platão sonhou com uma Atlantida, numa ostentação de abastança e de progresso beijada pelas ondas do oceano. Pithéas avistou os gelos polares para os lados da Groenlandia e cheio de temor tornou á Grecia.

Os Chinezes fallam que em tempos remotissimos, atravessando um estreito gelado, os bonzos iam prégar a religião de Budha aos povos barbaros num paiz maravilhoso que se chamava Fon-Sang.

Na éra christã, no anno de 600 (contam as sagas noruegueza), sendo a Escandinavia um paiz pobre e populoso, os seus filhos eram obrigados a lançar-se ao mar, já como pescadores, já como piratas.

Foi assim que uns caçadores de pelles, chefiados pelo rude Nadod, no anno de 861, foram parar na Islandia, onde o pirata Ingolf, mais tarde, se estabeleceu, lançando os fundamentos de Reykjawick.

Essas *sagas* da Noruega são poemetos singelos, cheios de nacionalismo, onde se celebram homericas façanhas, navegações famosas, num rythmo doce como o borbulhar de um ribeiro qué, de pedra em pedra, foge cantando a embeber-se no fjord.

Nas narrações epicas o rythmo escachôa raivoso, a espumar, como a corrente de encontro á penedia. A's vezes, com fragor como o oceano Arctico de encontro ás falesias do cabo Norte.

Toda a historia dos povos normandos ahi se acha descripta com a maior exactidão, particularizada, como as façanhas de Fingal nos cantos de Ossian.

O grande valor das sagas é a exactidão diariamente comprovada pela archeologia, sendo assim a melhor fonte da historia desses povos e fonte segura, sem duvidas e enganos. Gunjborn, sequaz ou companheiro de Ingolf, seduzido pelo desejo de conhecer o que havia além dos gelos arcticos, navegando para o norte, avistou os cumes mais altos da Groenlandia, envolvidos num capuz de nevoas.

Em 866, Erik, o Vermelho, pirata norueguez, expulso de sua patria por assassinato, velejando para o oeste á cata de guarida foi abicar numa costa arida e deserta. Percorreu-a em exploração: e onde achou maior fartura lançou os alicerces de uma feitoria.

Nos archivos do Vaticano foram encontrados o nome dado a essa costa, o da feitoria, e bullas nomeando prelados para lá e resolvendo questões ecclesiasticas.

Brattahilad era o nome da costa; Gardar o da feitoria. Gardar, em 1121, foi séde de um bispado que viveu até o desembarcar de Colombo em terras americanas.

A primeira parte da America foi, então, colonizada por Norueguezes, cujo chefe era um pirata, um aventureiro, dessa raça temivel que a Europa chamou — *normandos, northmen.*

Nessa longinqua éra ser pirata era nobreza, maxime entre os povos maritimos do norte. A força imperava e a guerra era constante e horrorosa.

Os menestreis, dedilhando as cordas, nos eirados das torres, cantavam ás saudosas castellãs as façanhas dos ladrões do mar que pilharam a Sicilia, saquearam Pariz e roubaram Constantinopla, de Igor, de Olaf, o Santo, e seu navio gigante, de Kanuto, de Erik e de Rurik — o invasor da Moscovia.

Groenlandia significa Terra Verde: e a esse tempo ella era verde e fertil, não sendo mais assim por multiplas causas de ordem physica.

Bjarn Herinfson era um outro pirata, valente e sangrento. Veio para a Groenlandia; mas, perdendo o rumo, foi desembarcar nas praias da Nova-Escossia, o Canadá. Voltou a Groenlandia e narrou o facto. Os dous filhos de Erik, Leif e Thornwald, partem em busca da nova terra.

Leif parou na Terra Nova e chamou-a Helluland; foi depois ao continente e estabeleceu uma feitoria para a pesca do salmão na bahia de Rhode Island. Thornwald explorou as costas da America do Norte durante dous annos.

Um dia, num ancoradouro, mandou degolar uns Esquimós. A tribu sorprendeu-lhe, á noite, o navio e matou-o.

Ficou enterrado num promotorio deserto, com uma grande cruz de pedra sobre a sepultura, abrindo os braços para a vastidão do oceano.

Piedosamente os marujos chamaram aquelle cabo — *Promontorio da cruz.*

A archeologia já comprovou a narração da *saga.* Em 159, no golfo de Boston, se encontrou um tumulo de cantaria, com uma cruz de pedra, numa ponta arenosa.

Dentro havia uma ossada e um punho de espada normanda, entalhado de caracteres rusticos.

Os Pelles-Vermelhas não conheciam o uso do ferro e os exploradores europeus posteriores a Colombo tinham alfarotes e rapieiras muito differentes daquellas espadas pesadas e fortes, largas, o punho em cruz simples, cheias de caracteres runicos. Logo essa ossada esbranquiçada a acabar-se em pó e esse punho de espada eram do filho de Erik, chefe da Groenlandia.

No anno de 1007, pela primavera, da Groenlandia partiram tres galheões cheios de gente, de gados e munições, a reconhecer a Hellulandia e as costas dos Estados Unidos. Esses aventureiros chamaram á Nova Escossia, Markland; ao norte dos Estados Unidos, Vinland. Fundaram um estabelecimento no lugar que é hoje o — Mount-Hopebay.

Até as differenças de hora de um lugar para outro as *sagas* registram.

Hari Masson explorou as praias da America da bahia do Chesapeack até a Florida, o cabo Sable.

Nesse tempo, 1151, uma Irlandeza das feitorias foi assasinada por esquimós: em 1863 se encontrou no sitio que a *saga* indicava um tumulo com inscripções runicas, ossos e adereços de mulher.

Thornwald introduzira o odio aos extrangeiros entre os esquimós; os seus successores perseguiram-n-os. Elles cada vez mais tinham raiva desses homens barbaros e valentes que os expulsavam para o Labrador e o norte do Canadá, onde só viviam ursos, murtas e arminhos.

Conspiraram. E um dia, pela noite a dentro, atacaram os estabelecimentos, chacinaram os moradores, incendiaram tudo.

Ao mesmo tempo a *peste negra* acabava as feitorias groenlandezas.

Por sua vez vieram causas geologicas: geleiras a trânsbordar das morenas lateraes na razão de trinta metros por anno, espantosamente.

Muitas outras causas contribuiram para o desapparecimento das feitorias.

O que é certo é que lá, sob a espessa camada das neves hyperboreas, as ossadas dos aventureiros, vestidos de cótas de malha, grevas e coxotes, casco de ferro, espada á cinta, dormem o ultimo somno, — silenciosas testemunhas dos emprehendimentos valorosos da arrojada gente que habitou a Escandinavia!

Quanto documento precioso não jaz sepultado para a historia da humanidade!

* * *

Madoc-od-Owen, um historiador do paiz de Galles, conta que, antes dos Normandos, os Gallezes de Albion e os filhos da verde Erin, a Islandia, arrostavam as furias do Atlantico nos seus barcos ligeiros e iam commerciar com uma gente selvagem, bronzeada, do outro lado do grande mar.

Os sabios e alchimistas medievaes fallavam que nos velhos livros da cathedraes da Dinamarca, encadernados em cordovão vermelho, com fechos pesados de ouro massiço, escriptos em velhas lettras runicas, num latim barbaro, duro como a ponta de uma lança, lia-se que, além dum grande mar, existia um continente guarnecido por uma cinta de ilhas, defendendo-lhe a approximação.

O continente não tinha nome, mas aquelle archipelago chamava-se Antilia.

Nicolão e Antonio Zeno, marinheiros venezianos ao serviço de Henrique Sinclair, Conde das Orcadas, após um combate com os piratas norueguezes das Shetland, em 1309, levados por uma tempestade, foram parar á Groenlandia.

Em 1463, antes de Colombo, João Vaz Côrte Real, dos Côrtes Reaes de Portugal, reconheceu a Terra Nova; chamou-a Terra dos Bacalháos.

Antonio Zeno andou tambem a explorar os mares cobertos de gelo das proximidades do polo. Publicou um livro — "Arredores da Região Desconhecida".

Colombo nunca teve em mira o descobrimento de um novo continente. Eis aqui o que elle mesmo dizia:

"Só quero procurar o Oriente pelo Occidente e passar pelo Oeste para o paiz onde nascem as especiarias."

* * *

Todos esses factos mais uma vez vêm provar que não tem mais razão o velho prejuizo fetichista de individualizar tudo, de julgar de um modo absoluto que um acontecimento é obra de um homem.

Todos os grandes feitos sociaes são productos da collaboração collectiva e não são preparados, desenvolvidos ou produzi-

dos pela vontade de um só homem, independente de tudo mais.

E' a coactividade, é a cooperação quem tudo prepara no mundo social.

Ha invenções feitas na mesma época, em nações differentes, por pessoas differentes.

Aquelle que lhe liga o nome é o escolhido pela sua maior somma de esforço para consubstanciar o facto da invenção.

Já os Gregos assim o entendiam. Rebuscavam um personagem fabuloso para inventor de tal ou tal cousa cujo apparecimento jazia nebuloso. E assim é que Prometheu roubou o fogo celeste e Cadmo inventou o alphabeto.

O homem moderno, nos aperfeiçoadores Schwartz, Guttenberg e Flavio Gioja, acha os consubstanciadores das invenções monumentos de nossa época.

Todos os factos brotam da collectividade; todos têm as suas causas através os tempos e as suas consequencias.

Autopsiar essas causas, estudar essas consequencias é que é fazer historia. "O homem é condição e não factor da sociedade".

O descobrimento da America é um élo dessa cadeia de descobrimentos que marcam a expansão da raça latina do sul da Europa, após o impulso do infante de Sagres, e o deslocamento dos emporios commerciaes do Adriatico, do Jonico e do Thyrreno para as costas occidentaes com o descobrimento de um caminho maritimo, directo, trazendo da India, sem o intermedio de Persas ou Arabes, toda a riqueza dos paizes d'aquem e além Ganges.

As colonias do Mediterraneo foram productos das expansões phenicias como as civilizações grega e romana foram o resultado das migrações aryanas, desse povo que extravasou da sua zona de *habitat*, no centro da Asia, e foi fundar essas grandes e portentosas civilizações que tiveram por cultos:—uma a grandeza monstruosa dos pagodes; outra, a simplicidade de uma arte magnifica; e outra, a majestade sublime do direito.

Todo o povo pobre, crivado de necessidades, não lhe bastando o amanho da parca terra, olhando diariamente o oceano tentador lança-se ao desconhecido. Dahi nas navegações o papel preponderante da Lusitania e da Phenicia.

O homem teve de curvar-se ás imposições do meio envolvente.

O descobrimento de Colombo é um dos grandes feitos da Renascença; dessa época tão fallada, quando os monges fugidos de Bysancio trouxeram para o norte da Italia todos os progressos das velhas civilizações que viviam estagnados no apodrecer do Baixo-Imperio. A sociedade foi modificada quasi que completamente. Reformou a atrazada arte mediéva. Impulsionou todos os ramos do saber humano. E produzio, num hybridismo bem detestavel, plagiando cousas gregas e romanas, uma architectura grandiosa, cuja ultima pagina leva de Miguel Angelo a assignatura granitica de S. Pedro de Roma

* * *

A grandeza de Colombo é a sua tenacidade, o seu valor como homem instruido cuja vida teve um fim, a despeito de todas as más eventualidades, nunca mudado ou alterado.

A sua vida é uma obra completa. Não teve hesitações nem desvios. O seu *desideratum* prompto, o caminho traçado, elle enveredou e foi ao fim, gloriosamente. Nunca tergiversou. Na infelicidade era tão inabalavel como no triumpho. Elle é quem de direito deve ser o consubstanciador desse grande feito collectivo e não os que a cegueira dos ventos e a inconsciencia das borrascas atirou ás praias americanas, chronologicamente bem antes delle.

E' pelos seus soffrimentos, pela sua tenacidade e pela sua perseverança que elle é grande e nobre e digno e glorioso! E calem-se os seus soffrimentos após o descobrimento, as suas outras viagens, as suas desillusões. Dóe n'alma o recordal-os.

* * *

Descoberta a America selvosa e forte, rica e habitada por gente que pouca resistencia offereceu, cahiram sobre ella, a crocitar, cupidas, as arrebentadas nações do velho continente.

Vieram primeiro os Hespanhoes: Cortez, Bovadilla, Ponce, Hojeda, Almagro e os Pizarros.

Destruiram civilizações magnificas, imperios majestosos de gente fraca, anti-bellicosa e hospitaleira, apagando todo o progresso daquellas raças de Aztecas e Incas em uma gula de ouro e ouro e mais ouro. Torturaram, queimaram, chacinaram!

Depois os Portuguezes rotineiros, patriarchaes, em uma deficiencia de meios de colonização lamentavel, parcos de systemas cheios de velharias, cercados de jesuitas.

Mais tarde: Hollandezes, Inglezes e Francezes.

Foram grandes as consequencias do descobrimento, grandes e notaveis.

O commercio desenvolveu-se assombrosamente com novos mercados e novos productos. A arte naval tomou grandioso impulso. Alargaram-se os dominios da sciencia, desde a nova planta para a botanica até o novo golfo para a geographia. Surgio riqueza

mobiliaria das minas de ouro, das transacções em alta escala, do trafico da escravatura, fortalecendo a burguezia européa pelo accumulo de capital, preparando a sua resistencia ás pretenções da nobreza e o seu actual dominio sobre o proletariado. E, emfim, o que nem é bom lembrar, a escravidão, essa chaga que roeu a America e que não tem classificação, sendo corollario da extincção da raça vermelha inapta a ser escravizada, incapaz do trabalho asinino dos negros...

Hoje uma aura de paz perpassa sobre a America. As suas jovens e livres nações vão, emulando-se nobremente, pela estrada do progresso, na doce confraternização dos povos sãos, livres e despidos de cupidez.

Que assim seja sempre!

* * *

Colombo morreu miseravelmente em um tugurio, só, em Valladolid, no meio dessa Hespanha que enchera de riquezas — como morreu Cortez e como morreu Camões.

Na abastança e na pobreza, n[illegible]ar e em terra, o velho marinheiro foi sempre inquebrantavel e puro, a sua alma nunca se modificou. Foi sempre cheia de coragem e de resignação cheia!

Morreu quando o seu continente cahia nas garras cupidas das nações. Morreu sabendo que ao mundo presenteara com um mundo novo...

Morreu sereno e calmo como calmo e sereno vivera, como calmo e sereno commandara, moço e capitão, uma galera genoveza entre os turbilhões de um combate no Adriatico, quando fugiam rotos e esbandalhados os galeões velozes de Veneza, a bandeira de leão de S. Marcos esfuracada, presa á antenna da pôpa, esvoaçando...

João do Norte.

"J. do Brasil" 1910
25 Setembro.

Estudos sertanejos

IV

O CAVALLO

Todo o escriptor, ao citar proezas de cavalleiros intrepidos, esquece a humilde e tosca figura do vaqueiro do norte.

Falla nos saporogos e cossacos, galopando pelas steppes, furiosamente, em trotadores magros de Orloff; nos lesghios do Caucaso, acrobatas de cavallaria, e nos beduinos e tuaregs, salteadores do deserto, ligeiros como o simun, descendentes dos antigos almogaures da Transfretana e do Maghreb, que foram suster redeas junto aos muros de Poitiers.

Outros citam a dextreza dos "cow-boys", no "Far-West" americano, e as façanhas dos khoungouses nos plainos mandchus, e as proezas incrediveis dos gauchos do Rio Grande.

E o vulto humilde e heroico do vaqueiro cearense fica esquecido, porque elle não anda a piruetar no seu corcel resistente, porque elle não anda a cada passo, ostensivamente, a mostrar habilidades, em saracoteios, espevitado, cheio de si, com aperos de prata nos arreios ponchos variegados, cartucheiras georgianas e sellas exquisitas, cobertas de bordados.

Monta sem elegancia, estribos curtos, pernas colladas á sella feia e grosseira, curvado para diante. Os arreios do cavallo constam, de uma brida e de um "cabeção" com guias de sola da terra, fortes e simples.

"Cabeção" é uma peça de metal, que péga o cavallo sobre o nariz, tendo uma serrilha cortante, para que elle fique mais brando de cabeça.

A sella é pesada e grosseira, de sola batida, quasi sem bordados, feita de tal modo que, mesmo quebrada a silha, não rolará senão difficilmente. O arção deanteiro é muito levantado, para que a perna do vaqueiro, quando ao passar sob um galho baixo, deitado de banda, em desabrida carreira, fique, naquella parte funda, a coberto de pancadas. O rabicho e a silha são fortissimos; não ha peitoral; os lóros, além de grossos, são duplos e os estribos de ferro batido.

Existem arreios finos, aperados de prata, poucos, para dias de gala e passeios; para o serviço, não.

O cavallo é de poucas carnes, sóbrio, pequeno, o rabo compridissimo, crinas grandes, resistente a todas as privações, capaz de todos os esforços. E' o melhor auxiliar do vaqueiro; elle estima-o como pessoa da familia.

O cavalleiro nortista não é, como o gaucho, capaz de riscar um phosphoro e fazer um cigarro e fumal-o, na carreira furibunda de um potro bravio; não. Mas no seu elemento, no correr em pós uma rez tresmalhada, pelo cerrado das "catingas", é soberbo e inimitavel.

Já não é pouco. O cossaco, o gaucho e o "cow-boys" fazem bravatas na steppe, na pampa, na savanna. O vaqueiro faz proezas, a cavallo, dentro do matto, nos ciposaes, pelas "catingas" em fóra... no descambar das serras, heroicamente.

Seja noite ou seja dia, a rez varou pelo matto a dentro, na carreira, elle corre-lhe no piso e vae pegal-a, isto é, segurar-lhe a cauda e atiral-a ao chão, em um minuto.

E qual será mais difficil ao cavalleiro: o campo raso, plano, sem obstaculos ou a matta fechada, eriçada de estrepes, de galhos, de ciposaes?

No emtanto, lá dentro, naquelle dedalo, o matuto penetra noite de escuro, a cavallo, na carreira.

Fóra daquillo, elle não tem mais necessidade de andar em saracoteios e galões, a caçar a montaria.

Os arreios são pobres e fortes, já porque elle não tem riqueza, já porque não lhe valeria a pena arriscar-se pelo matto com arreios de parada. Tudo é forte; é o que é preciso; estribos de ferro, lóros duplos.

Naquellas carreiras infrenes pelos mattos tem necessidades imprevistas. O cavallo salta os galhos baixos, mergulha sob os mais altos e muita vez o vaqueiro pendura-se de um lado, sobre um lóro, como um indio Guayeuru'.

Dahi a rijeza dos arreios todos.

O cavallo necessariamente deve ser baixo, para essas ligeirezas; o clima e a raça mesmo não produzem outro.

A sua sobriedade e quasi magreza são productos do proprio meio em que vive, árido e resequido; a sua resistencia, tambem. E' capaz de fazer vinte leguas em um dia, puxando um pouco; quinze faz normalmente.

Em geral, é manso, intelligente; apparentemente é ronceiro, mas é bastante o "espirrar" de um boi espantado para o lançar a toda, no pizo.

Os vaqueiros costumam pôr-lhe andaduras forçadas. Ensinam-lhe um passo trocado e macio, que não o cansa, proprio para viagem. E' á "estrada-baixa"; quando mais apressado, a "estrada-alta".

Deixam-lhe a cauda, a "saia", como chamam, sempre muito comprida, para que se abane das moscas, mosquitos, varejeiras, meruanhas e mutucas perseguidoras.

Ha um passo mais ligeiro — a "meia-marcha"; depois outro — a "marcha", subindo em velocidade até a "baralha".

Os cavallos proprios para o gado, quasi sempre, só sabem a estrada. Os proprios para a sélla, para viagens e passeios, sabem tudo.

Nem todo o cavallo "da para o campo", para pegar gado, dizem elles.

Os vaqueiros pelos dentes conhecem-lhes a edade; pela côr das orêlhas, quando novos, a côr definitiva que tomará.

Os passos que elles ensinam são andaduras macias, ligeiras, em que o cavalleiro quasi não sente um solavanco, mas que forçam muito o animal, tanto que a "baralha" forma "sobre cannos" ou doenças nos ossos das patas dianteiras.

Para pôl-os nesses passos, conforme os ensinaram, apertam-se as guias da brida ou do "cabeção"; uns, os mais facciros, encapetam, encostam ao "baralhar" o queixo no peito, arqueando o pescoço.

A sua maior qualidade é a resistencia á canicula, á fome e á sede; é de pasmar.

Ao cavallo baio chamam "melado"; e conforme as gradações e variedades,"melado" e de crinas brancas, "melado" de canos pretos, "melado caxito". O branco sujo é "cardão", cardão rodado", cardão pedrez". Conhecem o "fouveiro", o "gázeo", o "pedrez", o "ruço pombo", o "castanho", o "preto", uns "arregaçados" de branco, outros de "estrella" na testa, outros de "signaes encobertos".

Pelos signaes e pela côr pretendem adivinhar-lhes as qualidades. "Cavallo "castanho" escuro pisa no molle e no duro".

"Pedrez é bom de carga".

"Cardão rodado" é o "bicho p'ra sella".

"Melado" de canos pretos, p'ra o "campo".

"Preto"é mimo, mas quando dá para bom é bom mesmo".

"Alazão de mãos brancas e um pé branco é fraco de mãos, dá topadas".

Mãos são as patas dianteiras; pés, as trazeiras.

O garanhão é chamado — "cavallo de lóte"; o castrado — "quartal", e o mal castrado — "roncoio".

Uma vez viajamos em um cavallinho bem feito, "melado", resistente.

Perguntei ao dono como se chamava. Respondeu-me: — "Pincel", seu moço; elle é bemfeitinho que nem um pincel".

Para aquelle vaqueiro a cousa mais bella que vira fôra um pincel.

O gado bovino, conforme as côres, tem denominações differentes.

Gado, para o sertanejo, é somente o bovino; cavallos e burros são animaes; cabras e ovelhas, "miunças".

Não ha duvida que nenhum animal, é tão bello como o cavallo arabe, nem ha, excepto elle, animal que se compare com o trotador de Orloff, o parelheiro platino e os corredores educados de coudelarias estrangeiras, pela belleza, habilidade e educação, Mas nós, reconhecendo tudo isto,apreciamos mais os feiosos cavallos da nossa terra, sem educação acurada, que nunca hesitaram embrenhar-se nas "catingas" fechadas, noite ou dia, sobrios, resistentes, obscuros, montados pelos vaqueiros cobertos de couro, a romper asperas selvas, quando a canicula ardentissima suffoca a terra e a sêcca vae pelos sertões sem fim ...

Que guardem as suas glorias e a sua fama os do Hedjaz, de Orloff, do Texas, do Rio Grande, e mesmo Bucephalos, Incitatus e Marengos !

Gustavo Barroso.

"J. Commercio", 22 Outt° de 1910
— Ed. da Tarde —

A CRUZ

Sofreei o cavallo na crista rude do cerro e debrucei-me para diante, por cima das clinas, a olhar.

O valle do rio Maranhão, lá em baixo, sob a luz, era duma belleza esplendida, na sua grandeza, majestosamente emmoldurado de montanhas, deserto quasi. O sol ia alto, chispando faiscas d'ouro numas pontas agudas de granito, que furavam a encosta duma collina — como bayonetas afiadas, empurradas do centro da terra a rasgar a crosta pela força pavorosa das commoções geologicas.

Aos meus pés carcavava-se uma selva densa, verde e baixa, de fétos arborescentes, "sambambaias" viçosas.

Adiante, aprumava-se uma escarpa, onde o gneiss alternava com o granito e corriam veias esverdinhadas, côr de lôdo.

Por alli tudo as obras do homem eram poucas e sentia-se o bello da natureza em toda a sua nudeza e na sua grandeza toda.

A esmo, nos pedregulhos immensos, o olhar experiente sentia o filões do manganez; e um morro alto, lugubre, inhospito, escuro, era todo de ferro bruto: o feno continha-se alli numa profusão gigantesca, aos milhares de toneladas, mostrando naquella mesquinheza de terreno o quanto era prodigiosamente rico o sertão de Minas.

Junto a umas "pirambeiras" distantes abriam-se uns buracos profundos, erguiam-se aterros esbandalhados: e adivinhava-se naquelles esburacados e revolvidos da terra a cupidez do colono, em tempos idos, em éras que já se foram, rudes e ingratos, procurando o ouro gananciosamente.

E quantas miserias, e quanto soffrer se não haviam arrastado por alli...

Além, na minha frente, na declividade suave dum monte, entre os garranchos ennegrecidos duma queimada, erguiam-se blocos de granito negro, lambidos do fogo, arredondados uns, outros pontudos, em multiplas posições, misturados a grandes casas de capim, enormes como formigueiros de thermites da Rodhecia, rememorando cousas de outras éras, vidas de outras raças. Pareciam uma aldeia de homens primitivos, da idade de pedra, com os seus dolmens, os seus menhirs e as suas cabanas, abandonada, negra do incendio, após a passagem devastadora das tribus inimigas: como que ainda relembravam o combate com o seu entrechocar de armas barbaras, de machados de silex e entre as linguas rubras do incendio o berreiro acclamador das horas ao chefe victorioso, erguido aos hombros dos guerreiros, echoando a galope pelas penedias...

O Maranhão corria farto, vagaroso, a descançar da faina que tivera em tempos de formações geologicas, no abrir de cerros, no romper uma passagem, difficutosamente, por entre escarpas ingremes, furando mórros, corroendo montanhas.

Ainda se arrastava vermelho, pesado, barrento, serpenteando com preguiça, deixando nas praias, na baêta dos "faiscadôres", palhêtas de ouro arrancado de filões remotos.

As arvores contavam-se, eram raras. Os morros estendiam-se escalvados, sem mato, [illegible]s de pasto.

Ao [illegible]nte, bem distante, entre uns outeiros, alongava-se um plaino, uma chapada coberta de pasto alto, muito verde, nivelada, dourada pelo sol.

Era vasta e maguifica, e fazia scismar nos llanos desertos do Sonora, no Mexico, por onde vagueiam as cabildas ratoneiras dos apaches e passam a galope, num tilintar de guizos, as calças de bôca larga chamadas de prata, longas esporas, grande sombreiro, os correios velozes da "fonderias" de prata do Potosi ou do Chilmalma.

O céo muito azul, offuscante, era deserto de nuvens, limpido como uma turqueza de bôa-agua.

Aos berros, por uma estrada vermelha entre o verde do matto ralo, um tropeiro tangia as mulas carregadas, marchando rapidas na cadencia dos "cinceiros". Havia "faiscadores" curvados sobre os columbés na beira do rio; e, no desembocar dum corrego, mulheres lavando roupa. As casas brancas do arraial de Congonhas desciam aos ziguezagues, para o rio, o recosto duma collina, — como um rebanho de ovêlhas indo á fonte. Uma ponte arqueava-se pintada de vermelho por sobre o rio. E por entre o casario e uns tufos de verdura, os peceguelros floridos eram como uma porção de arvores esqueleticas, os galhos seccos a negrejar, toucados de borboletas côr de rosa...

Escarpas succediam-se ás escarpas, e morros aos morros, fugindo na vista muito ao longe: pairava um tom de luz alegre por sobre aquillo tudo: e as serranias, acinzentando-se, ondulavam saudosamente, perdendo-se no horizonte...

Junto a mim, num socalco de pedras atiradas á tôa, erguuia-se uma cruz de madeira, tosca, com umas veias sujas da agua das invernadas, abrindo os braços, muito triste e muito só, nquelle êrmo.

Eu descobri-me ante a piedosa idéa que a puzera alli. Decerto que recordava uma dôr qualquer, diziam-me as observações colhidas no constante observar das incultas gentes dos sertões. E só dôres, e maguas só podia ella relembrar, a cruz dos povos antigos, que sómente abria os braços no topo dos cerros para nelles receber aquelles a quem coubéra em sorte o morrer suppliciado, o soffer as ancias cruéis do martyrio...

Ella havia de designar alli o local onde morrêra alguem numa emboscada de sicarios; havia de rememorar um crime horrido, cercado de circumstancias pavorosas; ou então o cahir nas vascas dum ataque subito e mortal de infeliz quaquer. Talvez mesmo que morrido houvesse ás ultimas investidas da fome um miseravel cuja vida tivesse sido uma escadaria de soffrimentos.

Foi curioso que eu indaguei o caso do arrieiro, o Elpidio, um mestiço claro, altó ,espadaúdo.

O Elpidio apeado, debruçado sobre a "geréba", desfiou-me singelamente a historia toda: e eu escutei-o traçando a perna por sobre o "soçado" de sola bordada, a resmoer a ponta do cigarro grosso, de palha de milho.

*
* *

A Luiza do Selleiro fôra a mais bella morena que no arraial havia vivido. Era feiticeira mesmo e estonteava a gente. Os olhos rasgados e vividos davam fremitos de amor; a pelle morena, córada e macia fazia scismar no avelludado dos fructos sazonados.

Quando vinha do corrego, o póte de agua ao hombro, deixava entrever pelos rasgões do vestido a pelle deliciosa e sentir sob o corpete molhado a tumida rijeza dos seus virgens.

A rapaziada da terra andava a requestal-a dia e noite: e por um dansar mis com ella num baile do "Julileu" houvera faca fóra da bainha e garruchas apenadas.

Muitos tinham a pachorra de esperal-a ao voltar da fonte; e vêl-a só era o pago das canceiras.

O pai, o Simeão Selleiro, vivia sempre a manejar, curvado sobre o balcão, a bordar "caronas" de "socadinhos", a costurar "badanas" e "barrigueiras", a fazer botas de "vaqueta", coldres de "atanado".

Elle não tinha receios sobre a filha; amava-a muito e muito a conhecia; tinha nella toda a confiança. E quando lh'a pediam em casamento, resmungava:

—"Por mim, 'stá feito, "ocê" é um moço "bão". Agora "precure ella".'

E ella nunca eceitava.

A rapariga andava enfeitiçada. Não queria saber de ninguem. Só olhava e só queria o Estevam, o filho dum fazendeiro ricaço, rapagão bonito, membrudo e decidido. Conversava com elle no caminho do corrego ás escondidas; e as más lingus dumsa vizinhas beatas assoalhavam que alta noite elles conversavam na janella, onde elle vinha bater sorrateiro.

A rapaziada enciumada jurava-lhe guerra de morte: e ninguem se atrevendo a tirar uma desforra peito a peito, começaram a surdir as intrigas.

O pai dlla soube tudo e tocou-o para longe, para a capital, sob a austera vigilancia dum parente proximo.

O selleiro ignorava tudo.

Um véo de tristeza desceu sobre a fronte da Luiza, como o nevoeiro da manhã sobre a face das cousas. Ella nunca mais sorrio e nunca mais cantou como cantava, a arrumar a casa, quando o sol sahia.

Um grande peso lhe afogava o peito: e ás vezes, sozinha, vinham-lhe soluços doloridos. E aquillo foi brusco, foi da noite para o dia, aquella tristeza. Uns dias ainda chorou no quarto, á noite, debruçada á janella. Depois não chorou mais.

Viveu de então por diante murcha e cabisbaixo, mergulhada num eterno scismar, o olhar vago a fitar remotamente o que quer que ninguem via e que dvia ser a imagem adorada do amante. Andava immersa numa grande saudade...

Foi então que o pai soube de tudo pela boca dos vizinhos. Não teve cuidados: aquillo havia de passar; ella não ficaria "perrengue" a vida inteira.

Os mezes se passaram. A Luiza não ia mais á fonte. Não sahia de casa senão á tardinha a passear pelo campo o olhar sempre vago, sempre immersa em scismares. Voltava a casa ao cahir da noite, triste como o occaso do sol, triste como um longinquo bruxolear de estrellas, triste como aquelle ondular de serrarias azuladas que fugiam para o horizonte saudosamente...

Um dia não voltou.

Foram procural-a, agoniados, o pai e os vizinhos, á luz vermêlha das candeias.

Acharam-n'a deitada de costas sobre a grama, algida e immovel, o olhr mis triste inda e ainda mais vago, opaco e morto.

Enterraram-n'a entre flores e lagrimas "no sagrado", no topo do morro do arraial, ao lado da capellinha muito brnc no zul do céo.

Aquella cruz marcava o lugar onde a haviam encontrado sem vida.

Um anno depois o Estevam casára rico em Ouro-Preto. Agora morava perto de Congonhas, num "fazendão". Tinha filhos e vivia alegre.

— "E de que morreu a Luiza? pergutei."

—" De que, moço? O velho disse que foi dum ataque, mas o povo rosnou que ella morreu de amores!...

João do Norte.

(Congonnas, Minas, 1910.)

"J. Commercio" 2, Nov.º 1910
— G. da Fonte —

O banho de Alexandre

O Exercito acampara com o sol a pino a dourar as cumiadas das serras distantes, á margem do Cydnus.

Ia uma grande azafama e um grande rumor pelo abarracamento. Luziam peças de armaduras de hoplitas e cataphractas dependuradas aos ramos dos salgueiros.

Um vento forte e impertinente arripiava a correnteza do rio.

A natureza em torno era meio selvagem como toda a terra asiatica das costas anatolicas, desde as ribas do Ponto aos cerros da Galacia, aos rochedos da Idumêa: broncos penêdos, pedregulhos, cascalhos, troncos resequidos, grotas escarpadas, ravinas profundas, espinheiros e vastos plainos côr de leão, desertos, com sarcophagos brancos de longe em longe, ultimos resquicios das cousas phenicias, tombados e abertos, e ossadas de camellos.

Fóra do bulicio do Exercito tudo era solidão e tristeza naquelles ermos. No tôpo dos cerros, ao longe, uns pontos negros eram vultos fortes de pegureiros encostados ás rijas lanças, olhando esgazeados na planicie distante aquelle torvelinhar de homens e luzir de armas e branquejar de tendas franjadas de ouro e de escarlata.

No acampamento reinava a vida e o movimento campeava.

As tendas dos capitães, de alvo linho, franjadas de ouro, alinhavam-se orgulhosas com altos hoplitos doricos de sentinella á porta, pesadamente passeiando, a lança ao hombro. A um lado a barraca de Alexandre, á sombra espessa e fresca de uma grande arvore, toda de purpura, toda recamada, de uma grande riqueza, tinha o esplendor dos monarchas do Oriente e não se parecia com o que devia ser a tenda de um rei macedonico, possuidor de um monchão de terra com um punhado de homens. Mas já o grande heróe começava a rutilar qual o sol das bandas do nascente, e mesmo os reis macedonios tinham o delirio das grandezas. Philippe era emproado e orgulhoso. Depois de Alexandre mesmo, elles ainda erguiam alto as frontes:—Demetrius Poliorcetes andou presenteando hetairas com sandálias que eram o preço de um imperio.

Na porta da tenda, firmes, rudes, herculeos, dous carios gigantescos, cobertos de escamas de bronze, aprumavam as longas sarissas. E nella entravam officiaes, sahiam ás carreiras capitães, velites empregados como mensageiros, num ruge-ruge das cortinas, que se abriam deixando á mostra um interior rico de pelles preciosas e tecidos finos, onde um moço sem couraça e sem capacete, visto de relance, recostado sobre pelles fôfas recebia homenagens e dava ordens com gestos sobrios.

A soldadesca das phalanges ainda armava as barracas ordenadamente, num descampado.

Os cataphractes punham os cavallos fortes da Thracia ás cordas de piquete. Velites afiavam lanças e gumes de espadas curtas á beira do rio.

Relinchavam os garanhões. Havia fogueiras onde assavam quartos de bois, bandas de carneiros.

Soldados de tropas auxiliares abrigavam-se sob tendas miseraveis de panno, remendados, ou de velhas pelles de urso e de buffalo, á sombra dos arvoredos.

Entre as filas de alvas tendas passeiavam auletridas franzinas da Attica com tunicas leves de côres claras, toucados de mangerona.

E os soldados se cruzavam num eterno vai-vem. O macedonio era nervoso e agil; o dorico, pesado e rude; o cario, membrudo; o ionico e o atheniense leves e franzinos.

Havia lacedemonios graves e musculosos, frecheiros do Ponto, fundibularios do Moab, da Idaméa, da Armenia, e guerreiros da Thracia, do Epiro e das selvas do Danubio com longos bigodes e armas pesadas.

Ao pé de um sycomoro um velho, sentado entre cataphractes que o rodeavam, a corda de esparto apertando-lhe o cinto da tunica rota, folhas de louro na fronte alta, branca e cheia de veias azues como um marmore corinthio, dedilhava a lyra argiva de sete cordas e cantava versos bronzeos e fortes, onde ressumbrava a alma grega, onde o ferro de Achilles faiscava e a voz de Agammenon estrugia chamando as phalanges ao combate.

E era num grande silencio que o escutavam; e com um grande gesto, patriotico e generoso, que lhe atiravam ao regaço os velhos crysos de ouro de Philippe, os leptas asiaticos e os si[illegible]esados da Syria.

De quando em vez passava uma guarda, cadenciada e rija, um tocador de flauta na frente marcando o rythmo do passo militar — uma syntagma ou meia syntagma de phalange, os aços brunidos, os boldriés limpos, perneiras de cobre, altos capacetes dos tempos heroicos cobertos de crinas encarnadas.

Ao lado o official elegantemente levava a mão ao punho da espada curta, o casco todo de ouro, reluzindo.

O vozear era grande. Ouviam-se berros, grunhidos, cantos, rumores de armas chocadas, e um zumbir continuo como de colmeia gigantesca.

Na crista dos morros circumjacentes aprumavam-se vultos elegantes de vedetas e atalaias, a ponta da lança direita no ar, relampejando ao sol.

Iam mulheres de vestidos rotos e humedecidos, o cantaro ao hombro, do rio ao acampamento, do acampamento ao rio.

Ao lado, longe do abarracamento dos capitães, em abrigos de ramos toscos, vendilhões de todos os paizes apregoavam seus productos num berreiro infernal.

A's vezes passava, solemne e sisudo, um alto velite attico, a lança ao hombro. O berreiro morria; depois estrugia de novo.

Uns guerreiros desapertados das armas, sob uma grande latada, bebiam vinho de Tenedos e de Chypre em malgas de ferro, servidos por mulheres quasi nuas; outros dansavam alegremente, ou tamborilhavam com os dedos no capacete bronzeo o acompanhamento da musica suave que espargia da flauta de barro um rapazelho vestido de trapos, coroado de myrthos e açucenas, de olhar meio idiotado, glauco e triste como um céo limpido de noite enluarada.

Nas miseraveis barracas os vendilhões apregoavam oleos de Cesico, para o cabello, balsamos de Cesaréa, para feridas, essencias de flôres; cinnamomo e malobathro; tecidos babylonicos, pannos de Persepolis; vinhos da Judéa; cravo e especiarias da India; braceletes de cobre com inscripções ethiopicas; talismans vindos de ilhas longinquas nas armadas de Asiongaber; e até armas polidas, ferros afiados de Tadmor na fibra do deserto.

Barganhavam-se cavallos. Havia jogos em réles baincas. E as mulheres do Direu andavam com um trescalar de essencias chamando os soldados numa ostentação indecorosa de formas tentadoras.

Errava um bafo de aloés por aquelle lado.

Passava por vezes, na couraça de escamas de bronze muito teso, cheio de douraduras, apressado, um official superior; e os soldados erguiam-se rapidos, curvando a fronte e o capacete empenachado, o braço com a mão espalnada, extendido para diante.

Na placidez do céo azul pairavam uns grandes passaros; eram abutres que seguiam o exercito.

Soavam tubas guerreiras. O calor fazia um adormecimento e uma molleza. O rio rumorejava sempre entre os salgueiros de onde pendiam armas. A terra asiatica era triste e erma, cheia de hervuncos e pedregulhos.

A vozeria do acampamento diminuia.

*
* *

No meio de um pequeno campo tinha erguido a soldadesca um pequeno templo com grossos madeiros e velhos cantos de pedra, entre moutas de arbustos em flôr.

Era o espirito religioso dos hellenos em meio das occupações guerreiras, não esquecendo os mythos religicsos dos avoengos, as lendas heroicas da montanhosa Dorica, as historias suaves da ridente Jonia, creadas através os seculos por essa raça essencialmente artista e profundamente poetica.

O templo era grotesco e rude, mas as suas linhas rectas e as suas proporções lembravam a architectura sóbria e pura dos Mnésicles e dos Ictinus; recordavam os productos magnificos dessa arte invejavel, evoluida explendidamente no decorrer dos annos, transformando os braços toscos da forquilha aryana nas orbitas elegantes da columna ionica, modificando

os módulos da pesada columna dorica, riscada de cauneluras, até á leveza esbelta do fuste corinthio, sempre deificando a natureza e endeusando sempre o homem—seu supremo modelo na arte, qualquer que ella fôsse.

Num barrote pesado sustentando o malfeito frontão, um guerreiro engenhoso riscára os triglyphos—ultima recordação das pontas dos pranchões que sahiam fóra do edificio e que o aryano esculpia. Entre elles, nas metopes, haviam dependurado broqueis inimigos e ramos de loureiro-rosa floridos de vermelho e branco offerecidos a Marte, o deus dos prelios sangrentos. E aquillo dava uma idéa vaga das panoplias de armas persas, suspensas rotivamente juntas ás caveiras dos bois sacrificados, nos templos alticos, após Marathona e depois de Salamina. Sobre o tecto alguns guerreiros suarentos ainda martellavam: e embaixo do frontão, entre as columnas de grossos troncos, um sacerdote esperava com vagar.

* * *

O pesado reposteiro da tenda real foi corrido. Dentro reluziram explendores de riquezas. Um raio de sol tocou de laivos de ouro em bronzeo vaso etiureo sobre um escabello.

Havia pelles pelo chão em desalinho, pannos custosos amarfanhados. Num incensador queimavam essencias com uma fumaça azul.

Rebrilhavam armas nas paredes côr de purpura.

E o heróe macedonio surgio entre esses doze officiaes, erguendo a face moça e arrogante á luz do dia caudado pelos cabellos gigantescos que se curvaram batendo com as sarisias nos escudos de bronze.

Tinha um nariz afilado, forte e duro. Vestia saio de correias e cóta de escamas refulgentes; do boldrié pendia o gladio grego; as cnemydes eram de bronze com laivos de ouro; e o capacete alto tinha na cimeira um dragão de azas abertas segurando das garras uma crina espessa de fios escarlates.

Fez-se uma grande calma no acampamento: todos os olhos se fitavam nelle: e havia gente de longe que se erguia na ponta dos pés a procurar se o via.

Os soldados curvavam-se, para diante estendendo a mão espalmada. Outros davam uma pancada secca nos escudos chapeados de bronze, ou de couros de boi cintados de aço. E Alexandre passava vagaroso, cheio de orgulho, os olhos meio fechados, a cabeça meia pendida por sobre o hombro. Era aquelle o seu modo habitual.

Depois que passava pelas ilhas hellenas os habitantes, para o imitarem, começavam a andar todos com a cabeça torta, pendida sobre o hombro: parecia até que um vento passára por alli entortando a cabeça daquella gente...

Alexandre quizera e ia banhar-se no Cydnus. Não o acompanhavam escravos carregados de amphoras e perfumes, com toalhas finissimas e oleos longinquos, vindos lá do cabo dos Aromatas ou de Bubastes nos confins do Egypto. Não. Elle gostava de banhar-se só, sem o luxo do Oriente, qual um simples soldado, um misero hoplita, pendurando a armadura e a espada aos ramos dos salgueiros, bebendo agua tirada com o casco seguro da jugular. Tinha nessas occasiões a rudeza militar dos veteranos.

Os officiaes sentaram-se no capinzal a parte.

Elle despio-se e atirou á agua limpida do Cydnus o corpo elegante, branco e musculoso.

Veio-lhe um arrepio no contacto da agua gelada; depois saltou a tremer enrolando-se na capa vermelha.

* * *

Baixou a noite negra e triste por sobre as terras da Anatolia e o céo muito escuro e immenso picou-se de estrellas de prata.

Lá dentro da real tenda deitado sobre os mouchões de pelles fôfas, envolto no manto, os olhos cerrados, o grande Alexandre tremia com febre. E ao derredor andavam cautelosos os medicos, sinistros nas suas ximarras escuras.

As mulheres, com as tunicas descahiras dos alvos hombros núS, deitadas por alli, sobre alcatifas, olhavam-n-o, o queixo apoiado na mão, o apartado dos seios apparecendo, e elles, tumidos, rijos, deliciosos, esticando as fazendas leves e transparentes.

Alguns officiaes encostavam-se calados aos cantos, os braços nús cheios de veias e musculos, tostados da soalheira, cruzados sobre o largo peito.

Reinava um grande silencio.

Num vaso de prata, ao lado do leito, entre folhas de hervas medicinaes, boiavam pedaços de açafrão numa agua de flôres de laranja que um pouco de vinho de Karpathos acarminava.

*

No acampamento, por entre os soldados, rosnavam-se as noticias: e uma sombra de cuidado, annuviava o rosto heroico dos veteranos.

Na frente do tosco templo prostava-se em silencio uma grande multidão. Sob o frontão, á luz de archotes, o padre, tendo á cabeça a mitra dourada de duas pontas, degolou um tenro anho sobre a ára; e chiaram as carnes sangrentas sobre as brazas claras.

Uma chamma lambeu o corpo innocente da misera victima. O sacerdote elevou os braços abertos ao céo, a barba branca e muito longa açoitada do vento lhe varrendo o peito magro.

A multidão fez ouvir um sussurro—como de ramas roçadas pelo vento da tarde. Uma columna de fumo espesso elevou-se ao céos: e aos céos subiram com ella as supplicas do exercito todo para que o rei ficasse bom...

Sentado nos degráos do templo o velho bardo das phalanges de[illegible] o kinnor grego de sete cordas, [illegible]rvo como o crescente da lua, cantando um velho hymno argivo do tempo dos pelasgicos e de Cécrops—em que se pedia aos numes a saude, como o maior dom e a fortuna maior aos que pela fôrça de seu braço se erguiam na gloria até os semi-deuses...

João do Norte.

"Jornal do Brasil", 18-1-1911
Noticias Policiaes

Prisão de um agente

NA FAVELLA — AGENTE NOVATO — SEM CARTEIRA — SEGURANDO SEMPRE O MENINO..

Hontem, á tarde, o 2º Delegado Auxiliar de dia, mandou um agente, já de edade... mas novato no serviço, procurar um pequeno desapparecido ha dous mezes da casa de seus parentes, tendo por unica guia o retrato do mesmo, em um grupo de familia.

O agente dirigiu-se habilmente na incumbencia e foi encontrar o menino no morro da Favella.

Ancioso por provar o seu zelo, agarrou logo o rapazêlho.

Este poz a bocca no mundo, bradando por soccorro. O pessoal "pacifico" do morro acudiu logo aos seus gritos e o infeliz egente ia passar um máo quarto de hora. Mas "argus" está sempre vigilante. Accorreu a policia e, apezar dos protestos, levou de roldão o agente, que não largou o menino, fielmente cumprindo as ordens recebidas, para a Delegacia do 8º Districto, livrando-o da tunda e mettendo-o no xilindró.

O "detective" era novato e ainda não tinha carteira. Não pôde provar a sua identidade. E o commissario sorriu desdenhoso ás suas juras, detendo-o em companhia do pequeno para ensinal-o a ter paciencia.

Duas horas depois o commissario dignou-se de fallar no telephone para a Central, sobre o caso.

De lá affirmaram a qualidade policial do detido.

Logo foi solto e chegou á Central, segurando sempre o pequeno causador dos seus males, assim com a cara de quem comeu e não gostou...

"Fon-Fon!" Rio-7-Jan?-1911

SILHOUETTES. — *2. Le profil militaire depuis 1760.*

À Mr. l'elégant capitaine Leite de Castro